



O Feitiço De Águila



Joan D. Vinge

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CAPÍTULO 1

Ao nascer do sol, o cavaleiro de negro esperava no alto da colina, muito acima da cidade, como já havia esperado lá no amanhecer anterior e no amanhecer anterior àquele.

Ele ajeitou o corpo na sela, com frio e cansado, observando o céu clarear e a névoa acinzentada da manhã elevar-se do vale abaixo.

Quando a cerração desfez-se, ele avistou as torres de ameias do Castelo Áquila surgindo em perspectiva, pontilhadas de dourado, como um vislumbre do céu. Por um momento, aquela vista fez a saudade oprimir-lhe o peito. Foi apenas um momento. Ele sorriu desoladamente da própria incapacidade em deixar de crer que essa vigília algum dia teria fim ou lhe mostraria uma resposta.

Agora, abaixo dele o resto da antiga cidade emergia da neblina. Áquila havia sido uma cidade florescente desde os tempos romanos — ainda ostentava seu velho nome romano que significava: "Águia". Contudo, a Idade Média confinara suas casas apinhadas e as ruas estreitas, serpenteantes, dentro de soturnas muralhas de pedra, circundando-as como um fosso de água negra e lenta, alimentada por um rio subterrâneo.

Os campos fora dos portões da cidade também mostravam quase idêntica desolação.

O outono chegara cedo esse ano, após um verão causticante, quase sem nenhuma chuva.

O ano anterior não havia sido melhor. A esta altura, os campos já haviam sido despojados de todas as suas pobres colheitas, crestadas pela seca, que tinham conseguido sobreviver.

A colheita do ano presente mal daria para alimentar os moradores já famintos de Áquila durante o inverno, mesmo que seu Bispo não houvesse tornado a aumentar os impostos, a fim de manter cheios seus próprios cofres e armazéns. O espectro da fome assombrava as ruas lúgubres da cidade. Contudo, enquanto a Igreja Militante governasse, o povo pagava e passava fome.

Somente a catedral, situada no coração da cidade, ainda mantinha sua etérea beleza a plena luz do dia. Altas janelas de vitrais e incontáveis bandeirolas de seda transformavam suas paredes com santos enfileirados e os tetos abobadados em uma visão do paraíso — a mais aproximada do céu sobre a terra que jamais veriam os fiéis ali reunidos para a missa.

As faces esqueléticas dos cidadãos de Áquila, iluminadas pelas velas, voltavam-se impassivelmente para o altar, todos conformados em dizer suas orações. A música do órgão inundava o espaço acima deles e fluía para as ruas, chegando até mesmo ao observador sobre a colina.

O Bispo de Áquila estava diante do altar enfeitado, uma figura severamente resplendente em suas vestes de brocado branco. Ele entoava o Credo da missa, em uma cantilena aguda e sem tonalidade, que mais era um aviso do que uma promessa de redenção. Os fiéis declamavam as obrigatórias respostas em latim, palavras sem sentido que haviam decorado mecanicamente. Se alguns deles ousassem fitar o Bispo diretamente, era com constrangimento que notavam o contraste entre a riqueza de seu vestuário e a doentia palidez de suas feições angulosas. Era um homem alto, já avançado na meia-idade, com o rosto mostrando os sinais dos anos de vida auto-indulgente, e os olhos brilhantes, pálidos e implacáveis como gelo.

Ele se virou para os dois coroinhas que esperavam, de pé ao seu lado, segurando um cálice de ouro, incrustado de jóias, prestes a ser abençoado pelo Bispo. Ele dissera à sua congregação que aquele era o Santo Graal, e o achava tão belo que deveria mesmo ter sido. Pagara tanto por aquele cálice que só podia sê-lo. O Bispo era um homem com um senso estético altamente refinado.

Estendeu a mão para os dois coroinhas, baixando os olhos para o anel, enquanto isso.

Era de ouro maciço, tão grande e pesado que só cabia em seu polegar. Seu modelo simples e sólido continha uma esmeralda perfeita, do tamanho de uma azeitona. Só aquele anel lhe custara uma pequena fortuna, retirada, naturalmente, do dinheiro que extraíra dos fiéis em nome de Deus. Entretanto, as necessidades de Deus não eram tão mundanas nem tão dispendiosas quanto as dele.

Quando os coroinhas beijaram o anel e recuaram, um estalido surdo, semelhante ao eco de um tiro, penetrou na catedral. O Bispo olhou para uma janela de postigos abertos.

As pernas pendentes de três corpos oscilaram silenciosamente de um patíbulo, bem ao lado do Castelo Áquila, na praça da cidade. A música do órgão evoluiu novamente em torno dele e o Bispo recomeçou a missa, despreocupadamente.

Nesse meio tempo, uma pequena multidão dos cidadãos menos devotos de Áquila se reunira na praça. De olhos esbugalhados, eles fitavam os corpos flácidos e pendentes de três ladrões que, de maneira abrupta, haviam feito as pazes com Deus. Os quatro guardas encarregados de trazer novos prisioneiros para a execução permaneciam desconfiadamente entre eles, esperando ordens posteriores de seu capitão. Os uniformes vermelho e negro destacavam-se em sangrento contraste contra as roupas andrajosas e remendadas da multidão.

Marquet, o capitão da guarda, era um homem brutal, de barba escura e olhos tão duros como seu temperamento. Seu corpo grosseiro e fortemente musculoso dava a impressão de ter nascido para a brutalidade e a violência. Marquet chefiava os guardas há dois anos, desde quando o capitão anterior havia sido acusado de traição e banido pelo Bispo, por motivos que nenhum deles compreendia bem. Seu antigo capitão tinha sido um homem a quem respeitavam e admiravam, e tinham-no servido bem. Marquet não recebia nem uma coisa nem outra — mas era temido, de maneira que também se esmeravam em cumprir suas ordens. Entretanto, à medida que suas vidas e as vidas de todos em Áquila ficavam mais difíceis sob o tacão de Marquet, os guardas resmungavam sombriamente, que algum dia seu antigo capitão ia voltar e clamar por vingança. Marquet ouvia os murmúrios, e como temia a mesma coisa, seu temperamento ficava ainda mais agressivo.

Agora, Marquet erguia os olhos para os patíbulos, sorrindo de satisfação à vista dos corpos que oscilavam — três infelizes que haviam sido surpreendidos roubando cereais nos armazéns do Bispo. Em seu capacete, as asas douradas de águia, símbolos de seu posto, cintilaram à luz do sol enquanto ele assentia.

— Aquilo os empanturraria — murmurou.

O Bispo o promovera a capitão por confiar em que ele cumpriria suas ordens inflexivelmente...divertindo-se com o que fazia. Marquet se virou para seu tenente:

— Jehan! Os próximos três!

Jehan fez continência e guiou seus homens pela praça pavimentada de pedra em direção aos calabouços do Castelo Águila. Penetrando em uma passagem subterrânea, foram descendo cada vez mais em círculos pelos escorregadios e estreitos degraus cavados na rocha sólida — a única entrada, fortemente guardada, para uma prisão que tinham ficado conhecendo muito bem nos últimos meses. O ar ficava mais úmido e fétido enquanto desciam, e eles começaram a ouvir os gemidos dos prisioneiros mais abaixo.

Os calabouços situavam-se em um vasto buraco, cavados nos alicerces rochosos do castelo, tão profundos e inexpugnáveis como os poços do inferno. Uma grade de madeira e ferro dividia a câmara em uma colméia de incontáveis celas e jaulas, todas tendo uma nítida visão dos instrumentos de tortura dos calabouços. Jehan gritou quando os guardas chegaram ao fundo. O carcereiro-chefe aproximou-se em passos pesados, com uma tocha na mão, um molho* de chaves de ferro chocalhando em seu cinto.

— Por que não construíram uma forca maior? — resmungou ele. — Assim não me amolariam tanto aqui embaixo.

— Pelo menos, você está aqui apenas de visita — disse um dos guardas.

Ele prendeu o nariz. Jehan bufou. O carcereiro conduziu-os ao longo de corredores elevados, passando cela após cela. Os gemidos e gritos extinguíam-se quando eles passavam; rostos fantasmagóricos recuavam das grades cobertas de bolor escorregadio.

Os prisioneiros ocultavam-se na escuridão, acreditando ainda que havia algo pior do que a existência de mortos-vivos que agora levavam.

Jehan parou diante de uma cela no mais profundo recesso do poço e perscrutou através da grade, em súbita e ansiosa procura pela próxima vítima do patíbulo. Ele recordava aquele particular prisioneiro, tinha-o encerrado ali pessoalmente. O jovem ladrão preste a ser enfocado ludibriara os homens da guarda durante meses, sempre conseguindo escapular, até que finalmente tinham-no capturado. Jehan ansiava ver aquele rato manhoso balançando na forca.

Jehan olhou através do rendilhado das grades. Piscou durante um longo momento para ajustar a visão à penumbra do outro lado. Conteve a respiração; o fedor de dejetos humanos e doença eram insuportáveis. Quando seus olhos se adaptaram, distinguiu dois vultos esfarrapados que se encostavam à parede mais distante. Um deles olhava fixamente para diante,

como se sua mente houvesse escapado daquele buraco infernal, deixando o corpo para trás. O outro prisioneiro cantarolava por entre os dentes uma canção desafinada, murmurando as palavras de modo ininteligível. Mesmo na escuridão, Jehan sabia que nenhum daqueles dois rostos sujos e cadavéricos era o que procurava. Apertou-se contra as grades, pesquisando cada canto da cela. Não havia mais ninguém ali dentro.

— Phillipe Gaston? — chamou, perplexo. Virou-se para o carcereiro. — Cela errada. Eu quero Phillipe Gaston, aquele a quem chamam de Rato.

O prisioneiro que cantarolava começou a cantar audivelmente:

— O rato, o rato...Foi embora de nossa casa...

O carcereiro ergueu a tocha e examinou os arranhões quase elegíveis na porta da cela.

— Cento e trinta e dois, senhor. É esta mesmo.

— Ele fugiu — cantou o prisioneiro. — Não há nenhum rato hoje...

— Depois emitiu um riso contido fazendo um gesto abarcando a cela, com a mão ossuda.

Jehan tornou a apertar-se contra as grades, examinando melhor os cantos penumbrosos da cela. Desta vez enxergou a grelha aberta do esgoto. Ofegou de boca aberta, sem acreditar no que via. O buraco não teria mais de trinta centímetros quadrados

— certamente nenhum ser humano adulto, nem mesmo o escanifrado, miserável e pequeno Gaston poderia ter escapado por ali. Enquanto espiava, um ratinho saiu do buraco e correu através do piso nauseabundo da cela.

-... Parou o sofrimento, ele se foi pelo encanamento...

— Cale a boca, seu imbecil! — gritou Jehan. Tornou a olhar para o carcereiro. — Abra a porta!

O carcereiro remexeu em suas chaves e abriu a porta com frenética pressa. Jehan e os guardas entraram na cela.

— O que houve com ele? — exigiu Jehan, com entonação brutal. O cantor olhou para ele, com descuidada calma.

— Eu já lhe disse, caro senhor. — Fez um gesto para o buraco do esgoto. — Eu também tentei escapar, mas não coube. . . — Sorriu levantando as mãos. — Portanto, como ele continua vivo, o senhor pode me matar duas vezes.

Jehan deu meia-volta, nada mais vendo senão o rosto de Phillippe Gaston, que não estava ali. Empurrou os -guardas furiosamente para a porta.

— Revistem cada esgoto! Cada encanamento! Encontrem o homem ou o Capitão Marquet enforcará vocês no lugar dele! E talvez a mim também, maldito seja ele! Jehan ouviu os passos atemorizados dos guardas, afastando-se por onde tinham vindo. Deu uma última espiada ao buraco do esgoto.

— Inacreditável! — murmurou.

Depois, com uma praga de frustração, abandonou a cela.

CAPÍTULO 2

Muito abaixo do Castelo Áquila, o buraco do esgoto se abria para outro mundo — um mundo ainda mais proibido do que os calabouços do castelo. As cloacas de Áquila haviam começado com a cidade, nos tempos romanos, quando engenheiros especializados do Império tinham-se aproveitado de um sistema natural de cavernas que existia abaixo das primitivas instalações para dejetos. Em certa época, a rede de esgotos fizera parte de um plano ordenado, estruturado, como a própria cidade. Entretanto, desde a queda do Império, fora deixada ao abandono e deterioração através dos séculos, enquanto a cidade estendia-se planície acima, inteiramente ao acaso, de maneira descontrolada. Agora, os esgotos compunham um labirinto insondável, perdurando o subsolo como túneis de cupim, abaixo de cada prédio e cada rua — um outro mundo, no qual nenhum cidadão lúcido de Áquila tinha qualquer vontade de entrar.

Aquele mundo secreto e subterrâneo jazia esperando em eterno silêncio, perturbado apenas pelo guincho ocasional de ratos, o pingadouro da efluência e o correr de água distante. Agora, no entanto, aquela paz escura era quebrada por sons novos e inesperados.

Os ruídos de grunhidos, arquejos e arranhões eram débeis a princípio, mas começaram a intensificar-se até ecoarem do buraco do esgoto para o túnel vazio abaixo. De repente, um braço saiu do buraco para o ar livre. Acenou selvagememente para baixo e para cima, perplexo e em triunfo. Depois do braço foi a vez de parte de um ombro. Em seguida surgiu o resto do corpo ágil e de ossatura miúda de Phillippe Gaston. Emergiu pouco a pouco, como um recém-nascido. Contorcendo-se e sacudindo-se como um acrobata, o jovem ladrão conseguiu finalmente libertar-se do cano do esgoto e caiu no solo.

Ele ficou sentado, ofegando para respirar, mal sentindo o fedor ao encher os pulmões completamente, pela primeira vez em muito tempo. Olhou para o buraco com ar de incredulidade e um pequeno sorriso enviesado repuxou-lhe a boca.

— Em verdade, não foi muito diferente de escapar do útero da mãe — murmurou. -

Céus, que recordação...

Desviou os olhos, estremeando. Sua pele estava esfolada e os farrapos de sua roupa estavam cobertos de imundície. Tinha as unhas quebradas e sangrentas, após rastejar pelo esgoto abaixo. Levara horas forçando o corpo através do encanamento, horas que pareciam anos. O buraco do esgoto não caía diretamente na fossa, mas se dobrava contra si mesmo como uma serpente. Vezes sem conta ele se imaginava irremediavelmente encurralado no mesmo cotovelo ou volta de seus intestinos. Contudo, não tivera escolha senão continuar esforçando-se e, no fim, conseguira libertar-se do emaranhado. Escapara dos calabouços, e os bons cidadãos de Áquila jamais lhe poriam os olhos em cima... Se pelo menos pudesse encontrar a saída de sua rede de esgotos.

Ele se agachou onde estava, olhando devagar em torno. A imensidão daquele mundo subterrâneo o espantava. Estivera muitas vezes em cidades do tamanho de Áquila, porém jamais penetrara nos esgotos de uma. Na maioria das cidades visitadas, os esgotos corriam simplesmente pelo meio da rua. Por fim, a escuridão deixou de ser tão completa — uma claridade mortiça infiltrava-se pelas incontáveis aberturas pluviais do mundo acima.

Acostumados à penumbra dos calabouços, seus olhos não tinham dificuldades em ver.

A primeira coisa que viu foi um esqueleto humano submerso na lama negra, a um metro de distância. Ele saltou para trás, com um grito assustado. O crânio amarelado sorria em oca hilaridade. Ele respondeu com um sorriso arrependido e estudou especulativamente o esqueleto.

— Um e oitenta e cinco, hein? — Sua voz ecoou fracamente no túnel. Ele se ergueu, espichando o corpo miúdo até ganhar a altura total. — Um tamanho ideal para passar pelos portões do céu, meu amigo. No entanto, veja só onde o Senhor, em Sua infinita sabedoria, preferiu deixar nós dois. — Fez um gesto em torno, olhou de repente para o teto gotejante.

-

Não estou me queixando, compreenda — disse, para o céu. — Apenas...apontando as coisas.

Deu de ombros. Tinha o que gostava de imaginar como um relacionamento pessoal com Deus. Era um conforto saber que o Senhor

sempre o ouvia, mesmo que ninguém mais o fizesse. Não gostava de parecer ingrato quando suas preces eram respondidas, mesmo através daquela bênção confusa. Suspirou e começou a caminhar, esborrachando o lodo com os pés.

Muito acima dele, mas não tão alto quanto o céu, a Guarda do Bispo enchia as ruas de Áquila, procurando o prisioneiro fugitivo. Um esquadrão inteiro entrou no campanário da catedral, por ordem de Marquet, e puxou as cordas dos pesados sinos. Pela primeira vez em anos, os enormes sinos da catedral soaram um alarme através da cidade.

Dentro da catedral, a missa ainda prosseguia. Entretanto, quando os sinos repicaram, enchendo a vasta nave com o seu som, os fiéis entreolharam-se com espanto e medo. O Bispo se virou do altar, o rosto impassível subitamente tenso de preocupação. Olhou por sobre as cabeças da multidão de pé e avistou Marquet. O Capitão da Guarda estava perto dos fundos do templo, diante da soleira para uma capela particular. As asas douradas em seu capacete cintilaram à luz, quando ele assentiu com urgência.

O Bispo prosseguiu com a missa e sua cantilena recitada ficou mais ominosa do que antes.

Lá embaixo, Phillipe, o Rato, esgueirava-se pelas cavernas das cloacas à maneira de seu apelido, agachando-se até as costas doerem, quando se espremia por uma passagem estreita, avançando para outra vasta câmara subterrânea. Ficou finalmente de pé, sem fôlego, os músculos das costas retesados em um espasmo. Fazendo uma careta, limpou a sujeira do rosto com a manga suja, olhou enviesado para o ponto por onde viera e depois novamente para diante. Nada mais via além do labirinto desordenado de traiçoeiros túneis e cavernas, as mesmas poças negras, fedorentas, e correntes de fungos que se estendiam ao infinito. Por um momento, pensou que podia realmente ter morrido e que estava no inferno.

Sacudiu a cabeça, deixando cair gotas de água e limo do cabelo imundo. Não...era miserável demais para ter morrido. Continuava vivo — mas, de repente, perguntou-se quanto tempo teria de suportar aquilo. O pânico oprimiu-lhe o peito, ao pensar que talvez nunca encontrasse o caminho de saída daquela tumba subterrânea, que poderia perambular por ela, sozinho e perdido, até morrer.

Sentou-se na lama, tomado de súbitos calafrios.

— Fique calmo, Rato — murmurou suavemente, crispando os punhos. Obrigou-se a uma respiração profunda, depois outra. — Uma avançada firme...um tranqüilo passeio dominical pelos jardins...

Forçou a mente para o mundo escondido de seus devaneios, expulsando o labirinto interminável das cavernas, o terror de estar perdido em sua escuridão. Ele sempre fora muito pequeno, muito fraco ou muito pobre; sua imaginação era a única coisa com que contava para a sobrevivência e seu único refúgio da realidade. Afinal, quase calmo novamente, ele se levantou e chapinhou de volta à água oleosa que lhe batia pelos joelhos, deixando a mente guiá-lo através de sua caminhada domingueira.

As horas passavam, enquanto Phillipe perambulava pelo subterrâneo; seu medo transformou-se lentamente em fatigada resignação. Escolheu caminhar precariamente ao longo de um ressalto, a grande altura em uma parede da caverna, contornando outra saliência de pedra — e viu-se frente a frente com um guinchante demônio. Com um grito, ele saltou para trás, reconhecendo, já muito tarde, a cara de um gato uivante. O gato bufou e escapuliu, perdendo-se na escuridão. Os pés de Phillipe fizeram-no dar meia-volta e o enviaram aos tropeções em outra direção. Olhando para trás enquanto corria, sentiu que o beirai do ressalto cedia sob ele, com súbita e agonizante precipitação. A beira da plataforma, coberta de lama, desfizera-se sob seus pés.

Ele fincou os dedos na terra limosa da parede enquanto caía, enterrando-os com desespero. Após um momento de ofuscante pânico, seus olhos tornaram a focalizar, quando sentiu que deixara de cair. Pela primeira vez, ficou realmente cômico do ruído borbulhante que enchia o vasto túnel, o som de um grande rio fluindo para algum ponto na escuridão. Mal ousando respirar, olhou para além dos pés pendurados. Para baixo, bem para baixo.

Lá no fundo, avistou as águas negras e rugentes do rio subterrâneo. A claridade mortiça vindo de algum lugar acima lhe mostrou o enorme e desbotado crânio de uma vaca, preso aos detritos da margem. Longas e pegajosas enguias entravam e saíam das órbitas vazias do crânio.

Phillipe fechou os olhos e gemeu baixinho.

— Senhor — murmurou. — Nunca mais esvaziarei outro bolso enquanto viver, juro! — Sua voz tremia ligeiramente. — Só que... eis o

problema: se não me deixares viver, como poderei provar minha boa fé em Ti?

Não houve resposta. Phillipe olhou para cima. A água pingou em seu olho.

— Vou me içar agora, Senhor — disse ele, com mais firmeza. Seus dedos começavam a ficar com câibras. Ainda não houve resposta. — Se me ouviste, esta platibanda permanecerá firme como uma rocha. Caso contrário, sem ressentimentos, naturalmente, mas vou ficar muito decepcionado.

Trincando os dentes, chutou a parede, formando um apoio para o pé, depois outro.

Libertou uma das mãos da lama e tornou a enterrá-la, mais perto do ressalto desmoronado. A terra agüentou. Centímetro a centímetro, miraculosamente, ele abriu caminho com as mãos em garra, de volta à prateleira, até conseguir puxar-se penosamente para ela. Estirou-se em sua superfície sólida, sacudiu braços e pernas, espantado por encontrar o corpo ainda inteiro.

— Não acredito!

Balançou a cabeça, enquanto ficava de pé cautelosamente.

De súbito, a música de órgão encheu o ar à sua volta. Phillipe olhou para cima, atemorizado. Sobre ele abria-se um comprido tubo, seguindo para o alto em direção a uma luz cintilante. Phillipe caiu de joelhos, petrificado, enquanto a música e a luz o envolviam.

— *Acredito* — sussurrou, em voz rouca.

Não querendo deixar o Senhor esperando, ele tornou a levantar-se e começou a trepar pelo tubo, usando os pés e as mãos.

O caminho para o céu não era fácil. Mostrava-se contorcido, liso e escorregadio. Em seus olhos caía gotejando a água que escorria de rachaduras na face da rocha. As corroídas travessas de ferro que lhe davam apoio aos pés e mãos pareciam ter estado ali por tanto tempo quanto a rocha. A meio caminho para o alto, uma cedeu repentinamente sob seu peso e o enviou de volta à escuridão, deslizando pelo tubo. Phillipe entalou freneticamente o pé em outra travessa. Ela rangeu em protesto, mas aguentou firme.

Phillipe tornou a olhar para cima, respirando em arquejos. Agora a luz era mais forte e a música do órgão ficara ensurdecadora. Um coro começou a cantar. Ele reiniciou a escalada, cheio de nova inspiração.

Chegou finalmente ao alto do tubo e ergueu a cabeça, ansioso. Seus olhos arregalaram-se.

Acima dele, uma forte grade de ferro barrava a entrada do tubo. E através dela, muito lá no alto, ele teve uma radiosa visão de negrume da noite e ofuscante claridade. Fechou os olhos, tornou a abri-los. A visão da noite e do dia transformou-se nas cores luminosas e intrincados modelos de um vitral circular. Phillipe pendurou-se à grade e espiou.

Conhecia aquele vitral...era a rosácea acima da entrada da Catedral de Áquila. Tudo quanto podia ver era o vitral, mas sabia agora que o que tinha ouvido era a missa dominical...e a missa seria a cobertura perfeita para sua fuga. O Senhor o ouvira, afinal de contas. Entalando-se nas paredes do tubo, ele começou a empurrar a grade para cima.

Dois passos adiante dele, escondidas de sua visão pelo ângulo do tubo, estavam as pesadas botas e as fortes costas uniformizadas do Capitão da Guarda. Marquet tinha o cenho franzido esperando impacientemente na sacristia que a missa terminasse.

Uma família andrajosamente vestida estava perto dele, cantando com o coro e lançando ocasionais olhares inquietos em sua direção. A menininha da família, entediada e inquieta por ficar horas em pé na orla da multidão, olhou abertamente para ele. Seus olhos irrequietos encontraram a grade no chão atrás dele; com espanto, ela observou os dedos que emergiam pelos entrelaçados e dançavam no ar. A grade começou a mover-se e a saltar. A menininha sorriu, depois riu contidamente. Seu pai sussurrou que se calasse.

— Papai...! — Ela apontou, puxando-o pela mão.

Marquet olhou indolentemente para ela, relanceou os olhos por sobre o ombro. O pai dela tornou a puxá-la, a fim de ficar voltada para o altar. Virando-se, Marquet olhou para o interior da capela, a curiosidade envolta em suspeita. Deu um passo no aposento, depois mais outro.

O coro irrompeu em extasiante salva, quando suas pesadas botas militares pisaram sobre a grade, esmagando os dedos expostos de Phillipe. O grito de dor de Phillipe foi suplantado pela música, enquanto ele caía pelo cano abaixo.

Ele deslizou e ricocheteou vertiginosamente para baixo, os braços agitando-se em desesperada procura por qualquer ponto de apoio. De repente, seus dedos se fecharam sobre mais dedos — outra mão humana. Phillipe aferrou-se a ela, puxando com força. A mão se soltou do braço

apodrecido de um cadáver sepultado e ele gritou novamente, ao tornar a cair pelo cano abaixo...

Chocou-se contra a platibanda lamacenta e escorregadia do esgoto. Antes de conseguir parar, o ímpeto o arrastou por sobre a borda e ele caiu a prumo, varando o ar nauseadamente, e as rugentes águas negras do rio subiram ao seu encontro.

Phillipe mergulhou no rio, foi muito fundo, sentindo-se asfixiado na água imunda.

Lutou para retomar a superfície, cuspiendo e sufocando. A corrente o arrastou consigo, ao chapinhar inexoravelmente em um mar de nojentos detritos. Um rato morto envolveu-se em sua garganta, uma cabeça de cavalo colidiu com a sua e mais uma dúzia de horrores irreconhecíveis redemoinhou a seu lado, distanciando-se. Atordoado e combalido, quase afogado, ele lutou para permanecer á tona.

Abruptamente, seu corpo bateu contra algo duro e imóvel que lhe deteve o movimento corrente abaixo. Pestanejando para tirar a água dos olhos, ele se viu jogado contra uma grade de ferro, bloqueada por séculos de lixo encharcado. Agarrou-se às barras da grade, tossindo e gemendo, até que uma súbita luz de compreensão clareou sua cabeça. Só podia haver um motivo para que uma grade lhe bloqueasse a passagem...Ele havia chegado às muralhas da cidade! Olhou para cima e viu débeis raios de luz diurna infiltrando-se pelas barras de ferro entulhadas de detritos, aquelas barras que eram o último obstáculo separando-o da liberdade. Muito acima dele, as grades eram solidamente cravadas no teto de pedra do escoadouro. A única passagem teria que ser pelo fundo se fosse possível transpor o obstáculo.

Aferrou-se às grades por mais um momento, reunindo coragem. Então, tomando uma respiração tão profunda quanto conseguiam seus pulmões inundados, ele mergulhou na água lodosa. A viva correnteza o apanhou em seu apertado abraço, rolando-o para baixo de uma represa de detritos submersos. As águas encapeladas o detiveram ali, encurralado contra o final da grade, a despeito de seus esforços guiados pelo pânico. Ele bateu freneticamente na escuridão, ao longo dos espigões no final das barras, com os pulmões doendo, a mente começando a ficar turva, enevoadada. De repente, sentiu um espaço vazio -

uma abertura, não grande o suficiente para um homem normal, porém mais do que larga para Phillipe, o Rato. Introduziu-se laboriosamente por sob a grade e disparou para cima, através da água que clareava.

Sua cabeça rompeu a superfície à luz do dia. Ele aspirou uma golfada imensa de ar fresco, depois outra e outra, enquanto olhava para as altas e proibidas muralhas de Áquila, vistas do exterior... Estava no fosso. Conseguiu libertar-se, finalmente.

Ouviu os sinos ainda repicando as batidas de alarme através da cidade, sons de gritos dos guardas e de cavalos galopando pelos portões de Áquila. Estava livre...mas não salvo.

Apertando os olhos à luz do sol, olhou através do fosso e dos campos lisos, abertos, mais além, em direção ao santuário das colinas distantes. Suspirou de resignação e começou a vogar silenciosamente, dentro do fosso.

Ao longe, nas colinas, muito distante para perceber com clareza qualquer detalhe da cidade, o cavaleiro de negro ficou ouvindo os sons inesperados dos repiques de alarme.

Ficou contemplando a cidade por muito tempo; então, como se houvesse chegado a uma decisão, sacudiu as rédeas de seu garanhão negro e começou a descer a encosta da colina, em direção a Áquila. No momento seguinte, desaparecia de vista entre os vermelhos e dourados das árvores outonais.

CAPÍTULO 3

O Bispo caminhava serenamente pelo pátio nos fundos do Castelo Áquila, seu refinado e fortemente guardado domínio pessoal. Rosas e crisântemos ainda desabrochavam nos jardins verdejantes e abrigados, dando a impressão, como ele, de que a vida estava perfeitamente ordenada e sob o controle mais absoluto. A escolta pessoal e seu secretário seguiam-no a uma discreta distância, como de hábito. Fora de seus aposentos privados, ele estava constantemente exposto e a longa experiência lhe ensinara a nunca exibir nada a ninguém.

Olhou para cima, quando o som de pés calçando botas intrometeu-se em sua não tão pacífica contemplação. O Capitão Marquet caminhava rapidamente para ele, através dos jardins. A boca do Bispo comprimiu-se. Nem por um instante esquecera o som dos repiques de alarme interrompendo a missa, mas não permitiria que nem mesmo Marquet percebesse sua preocupação. O exercício do poder completo exigia, pelo menos, a aparência de total confiança.

— Notícias alarmantes, Excelência Reverendíssima. . . — irrompeu Marquet, parando ofegante diante dele.

O Bispo franziu o cenho.

— Você esqueceu, Marquet?

O rosto de Marquet congelou-se. Caindo instantaneamente de joelhos, em genuflexão, ele beijou o anel de esmeralda que o Bispo lhe apresentava. Contudo, antes de tornar a se levantar, as palavras fatais lhe escaparam:

— Um dos prisioneiros fugiu.

O Bispo retirou a mão com um puxão, os olhos pálidos cintilando.

— Ninguém foge dos calabouços de Áquila — disse, em voz suave.

— O povo desta cidade aceita isto como uma questão de fato histórico.

Marquet engoliu em seco.

A responsabilidade é minha — murmurou, com o suor brotando na testa.

— Sim, é.

Marquet ousou erguer os olhos novamente.

— Será um milagre se ele conseguir safar-se do sistema de esgotos...

— Eu acredito em milagres, Marquet — disse o Bispo. — São componentes inabaláveis de minha fé.

Marquet desviou os olhos nervosamente.

— De qualquer modo... — Procurou escolher as palavras que afastariam de seu pescoço a espada do desprazer do Bispo. — Trata-se apenas de um ladrãozinho insignificante, um pedaço anônimo de lixo humano...

O Bispo olhou friamente para ele.

— Grandes tormentas costumam anunciar-se por uma mera brisa, Capitão. E os fogos da rebelião podem ser acesos por uma única fagulha.

O Bispo desviou os olhos, sua expressão ficou distante, como se possuísse algum conhecimento de outro mundo, conferido a ele de um modo que nenhum mortal comum pudesse compreender. Marquet levantou-se, com o queixo crispado.

— Se ele estiver lá fora, eu o encontrarei, Excelência Reverendíssima!

O Bispo olhou de novo para seu capitão e seus olhos apertaram-se.

— Uma vez que tem a minha bênção, só posso invejar seu inevitável sucesso neste assunto.

Marquet curvou a cabeça como um colegial castigado, não mais capaz de enfrentar o olhar da ofuscante figura de branco, em pé á sua frente. Mais do que a maioria dos homens, ele sabia que o Bispo não mantinha sua posição de poder pela simples graça de Deus... Girando nos calcanhares, afastou-se tão depressa quanto teve coragem.

O Bispo viu-o afastar-se. Somente quando Marquet estava quase fora de vista ele pestanejou subitamente, com imperceptível apreensão. Tocando seu anel de esmeralda, girou-o em torno do dedo.

Marquet montou em seu cavalo e partiu a galope, afastando-se de seu público no castelo como se perseguido por demônios. Seus homens haviam revistado a cidade e os seus esgotos, nada encontrando. Sem dúvida, aquele nojento vermezinho, Phillipe Gaston, devia estar morto. Contudo, apenas para o caso de continuar vivo, Marquet convocou seus homens e se decidiu por uma vistoria também nos campos que circundavam a cidade.

Na base da ponte encurvada perto das portas da cidade, os guardas reuniram-se a cavalo, em torno de um carro de bois carregado de suprimentos. Marquet virou-se impacientemente na sela, quando Jehan, seu lugar-tenente, aproximou-se.

— Leve dez homens na direção de Chenet! — gritou. — Eu seguirei para o norte, para Gavroche.

O sol já se punha e restava pouco tempo para a busca, antes que a noite caísse. Mais cavaleiros colocaram-se à sua volta, enquanto ele dava ordens. Firmando-se nos estribos, a fim de localizar o carro de boi com os suprimentos, Marquet esporeou o cavalo naquela direção.

Atrás dele uma pequena sombra gotejante disparou de sob o arco da ponte e agachou-se embaixo das patas dos cavalos reunidos.

— Você! — gritou Marquet para os dois homens no carro de suprimentos. — Levem os suprimentos!

A sombra esgueirou-se por baixo do carro de bois quando Marquet passou junto dele em seu cavalo, desaparecendo subitamente.

— Ao meio-dia de amanhã, nós nos encontraremos fora das portas de Gavroche! -

Marquet olhou para as tropas que o esperavam, com expressão dura. — O nome do homem que encontrar Phillipe Gaston será levado à atenção pessoal do Bispo! Assim como o *corpo* daquele que o deixar escapar!

Ficou olhando, enquanto Jehan partia a galope com suas tropas, entre pedrinhas e faíscas que voavam de baixo das patas dos cavalos. Então fez seu cavalo girar e conduziu seus homens para o norte.

Os dois guardas deixados para trás com o veículo dos suprimentos entreolharam-se no silêncio vazio que se seguiu, dando de ombros. O condutor estalou o chicote. Os bois avançaram com dificuldade, puxando o rangente carro de madeira pela estrada vincada de sulcos.

Aninhado entre os eixos do carro de bois, Phillipe se colou à enlameada parte de baixo do veículo como se fosse uma excrescência, enfiando os pés nas juntas dos cantos traseiros. Sorriu, pestanejando, quando o carro de bois finalmente começou a mover-se.

Tateou com os dedos machucados, em busca de um melhor ponto de apoio. Uma tábua frouxa no fundo do veículo cedeu inesperadamente, ao apertar-se contra ela. Phillipe riu e a fez deslizar para um lado, sempre

atento ao potencial de uma situação. Enfiando um braço pela abertura, deixou a mão vagar entre os suprimentos, orientada pelo tato.

Seu coração saltou, quando os dedos se fecharam sobre algo que identificou de imediato e sem dúvidas: a bolsa cheia de moedas pendendo do cinto do condutor. Com a máxima delicadeza, ele experimentou os cordões que» a prendiam.

— Se quer saber, estamos procurando um fantasma — disse lugubrememente a voz do segundo guarda.

Phillipe hesitou, depois voltou a manejar a bolsa, mas os cordões tinham sido firmemente amarrados. Sua mão se crispou de frustração, começando a tatear ao longo do cinto do homem.

— Tome cuidado. . . — avisou o condutor. A mão de Phillipe ficou gélida. — Dizem que o Bispo deixa sua janela aberta à noite e que as vozes descontentes lhe são levadas em uma nuvem negra.

Os dedos de Phillipe roçaram a adaga do condutor, pendendo perto da bolsa de dinheiro. Mostrando uma perícia nascida de longa prática, ele a fez deslizar da bainha e cortou destramente os cordões da bolsa. A bolsa de dinheiro e a adaga desapareceram através das tábuas do fundo, sem o menor som.

— Neste caso — disse o segundo guarda, — eu tenho um recado para o Bispo. — Soltou um sonoro arrote:- Feche sua janela!

Os dois homens caíram na gargalhada. Embaixo do carro de bois, Phillipe abriu a bolsa e examinou o conteúdo com olho clínico. Sorriu. Depois olhou para cima, tomado de súbito remorso, para a fatia de céu que brilhava por entre as tábuas.

— Bem sei que prometi, Senhor — sussurrou. — Nunca mais. Contudo sei como percebes o quanto sou uma pessoa de vontade fraca. Esta é a Tua maneira de indicá-lo a mim e humildemente aceito o meu castigo em Teu nome.

Puxando os pés dos cantos do veículo e soltando as mãos, ele se deixou cair silenciosamente na estrada empoeirada, por entre as rodas. O carro de bois e seus ocupantes continuaram avançando em meio ao crepúsculo, ignorando o que havia acontecido.

Phillipe ficou, de joelhos em tempo de ver os últimos raios do sol que se punha, desaparecendo atrás das colinas distantes. Um lobo uivou um pouco mais perto. O som lúgubre e desolado ecoou pela terra vazia. Phillipe

ficou de pé com um estremeamento e esgueirou-se para os arbustos à beira da estrada.

Durante os dois dias seguintes, Phillipe levou a vida de um animal perseguido. Os guardas de Águila enxameavam por toda parte, cobrindo a região rural como uma praga de vermes, prometendo ricas recompensas por sua captura e terríveis castigos para quem o ajudasse. A fúria e a meticulosidade da busca deixavam-no surpreso e desalentado. A idéia de que se dariam a tanto trabalho para capturar um insignificante pinguista estava além de sua compreensão. Entretanto ele não ousava mostrar a cara em nenhuma choça de camponês, enquanto a busca estivesse em andamento, de maneira que sobreviveu à custa de raízes, frutos silvestres e sobras meio apodrecidas, largadas nos campos. Tinha uma bolsa cheia de moedas debaixo de seus andrajos, mas não se animava a aproximar-se de uma casa o suficiente, nem para roubar alimento ou roupas. Durante o dia, escondia-se na floresta; à noite, dormia nas árvores, a fim de fugir aos igualmente impiedosos caçadores que agiam nas trevas.

O próprio tempo pareceu se voltar contra ele. O céu que permanecera quase sem nuvens por dois anos, a despeito das preces intermináveis dos lavradores, de repente se enchia de nuvens borrascosas, despejando torrentes de chuva, impelidas pelo frio vento do outono. Phillipe passou sua segunda noite, faminto e congelado, aninhado na forquilha de uma velha árvore da floresta, sob um inútil e inadequado abrigo de ramos entrelaçados.

Segurando-se ao tronco com mãos entorpecidas, enquanto a chuva incessante lhe molhava o rosto, ele roeu um nabo murcho, até seu estômago enrolar-se em nós e rebelar-se.

Agoniado, pôs para fora os restos meio digeridos e depois, descansando a cabeça contra a casca áspera do tronco, fechou os olhos, sentindo-se profundamente infeliz... Em algum lugar devia existir um mundo melhor do que aquele... E se acreditasse nisso o suficiente, poderia estar lá... Sua mente livre voou para as terras inexploradas da imaginação. Com os olhos apertadamente fechados, a água escorrendo pelas pestanas e nariz, ele aos poucos começou a sorrir.

Em algum lugar, na terra de seus sonhos, o sol estava brilhando, como sempre, esquentando-lhe as costas.

— É verão — murmurou ele, com um suspiro. — O sol quente e brilhante dança nas águas azuis como uma criança. E ela aparece.

Ele a via claramente agora, os cabelos mais reluzentes do que o sol, o rosto jovem e claro mais belo do que as rosas e lírios à beira do lago. O coração de Phillipe inundou-se de alegria, quando ela o beijou ternamente e jurou que nunca o deixaria: "Oh, Phillipe, eu o amo tanto... Jamais tive um instante de felicidade que não fosse dado por você".

Ao acordar pela manhã, ele descobriu que o tempo, pelo menos, havia melhorado.

Suas esperanças brilharam com o nascer do sol. Desceu da árvore, movendo-se como um velho reumático. Estirando braços e pernas para livrar-se do entorpecimento, comeu um punhado de bagos amassados e internou-se na floresta.

A manhã era ensolarada e quente para o outono. Suas roupas secaram, pela primeira vez em dias. Cerca do meio-dia, ele conseguiu finalmente esgueirar-se até uma cabana solitária e roubar um pão que esfriava no peitoril de uma janela. Não parou para dar as graças antes de devorá-lo, esperando que o Senhor reconhecesse sua gratidão pela velocidade com que o consumia.

Reforçado por sua primeira refeição substancial, em um período mais longo do que podia recordar, caminhou para as colinas. Não vira nenhum guarda em toda a manhã e começou a esperar que se tivessem distanciado ou, pelo menos, cansado de procurá-lo. A esta altura, certamente já haviam desistido de caçar um único e imprestável ladrão. Se assim fosse, ele não se sentia nem um pouco humilhado.

Já no fim da tarde, ousou parar ao lado de um ribeiro, a fim de descansar e lavar-se.

A chuva que caíra havia levado consigo a parte mais repulsiva e fedorenta que ele trouxera da cidade. Uma nuvem com uma leve forração prateada pensou ele, não tão agradecido como deveria estar. Sua túnica e as calças, que antes já eram velhas e usadas, estavam agora em farrapos, mas muita gente se vestia assim, naqueles dias. Com sorte, poderia roubar vestes melhores. Se conseguisse tornar-se mais ou menos apresentável, talvez passasse por um honesto viajante e não por um fugitivo caçado. Imaginou-se comendo um bom guisado quente, bebendo vinho aquecido até ficar com as entranhas entorpecidas, dormindo em uma cama quente de uma estalagem, em vez de em uma árvore... Phillipe sorriu, satisfeito.

Ajeitou-se sobre uma rocha aquecida, meio escondida entre as ervas silvestres e juncos à margem do ribeirão. Friccionou os pés doloridos, saboreando a visão do sol poente, emoldurada pelo arco da ponte. Em seguida, com o maior cuidado, tirou a camisa arruinada fazendo caretas quando o tecido áspero arranhava os profundos vergões semicicatrizados em suas costas. Estirou o braço para trás e os tocou de leve, pestanejando. Antes de sua captura, mantivera a Guarda do Bispo em selvagem e furiosa caçada através do labirinto de ruas em Áquila. Por fim, eles terminariam apanhando-o e tinham-no surrado sem dó, em retribuição. Phillipe deixou a camisa cair, com parte de seu bom ânimo desaparecendo.

— Tu os enviaste todos contra mim, Senhor — disse, erguendo o queixo, com um certo orgulhoso prazer em seu martírio -, mas eu sobrevivi. Vês diante de Ti um Jó dos tempos modernos...

Molhou o rosto com a água gelada do rio, ofegando com o frio, ao esfregar a pele com as mãos.

Viu sua imagem refletida para melhor, no cintilante espelho da água. O rosto limpo lhe sorriu, sob uma massa confusa de cabelos castanho-escuro — de fato, um rosto simpático, pensou. Um pouco magro, naturalmente... mas então, considerando a maneira de sua recente fuga dos calabouços, ele supôs que deveria ser grato por não se ter superalimentado nas últimas semanas. Passou pelo rosto liso a mão ainda coberta por machucaduras púrpuro-esverdeadas. Em verdade tinha feições bastante sensíveis e refinadas, convinham ao rosto do filho de um nobre, roubado ao nascer por inimigos traiçoeiros e criado por humildes camponeses como da família. Seu pai, o Duque, não podia imaginar que o filho há muito perdido ainda vivesse e, portanto, jamais se preocupara em procurá-lo. Contudo, algum dia eles se encontrariam e o pai reconheceria o filho instantaneamente, devido à incrível semelhança entre ambos...

Os sonhadores e escuros olhos do jovem arregalaram-se quando um súbito ruído acima e atrás dele, o assustou, trazendo-o de volta à realidade. Phillipe girou em torno, agarrando a camisa enquanto olhava para a encosta da colina. Muito acima, dois cavaleiros com os inconfundíveis uniformes vermelhos da Guarda do Bispo desciam a colina em direção à margem do ribeiro. Ele tomou uma profunda respiração e saltou para a água.

Jehan e um segundo guarda desceram para o rio em seus cavalos, através da relva alta e madura. Jehan batia nos juncos á beira da água com a

parte plana da espada. Havia percorrido os campos circunjacentes com olhos cansados e crescente frustração.

— Eu poderia jurar que vi alguém...!

Descansou na sela, soltando as rédeas, e embainhou a espada. O segundo guarda remexia-se na sela, inquieto, sem encontrar uma área macia.

— Até quando vamos continuar, senhor?

Seu cavalo moveu-se para diante e começou a pastar ao lado do de Jehan, arrancando tufo de relva tenra na beira d'água.

— Até que o Capitão Marquet se dê por satisfeito... Porque o Bispo se deu por satisfeito — replicou Jehan com raiva.

Suas vozes quase inaudíveis chegavam fracamente até Phillipe, jazendo de costas abaixo da superfície da água, entre os arbustos. A pouca profundidade, ele respirava pelo talo oco de um junco e via a espuma expelida pela boca dos cavalos que pastavam, descendo preguiçosamente até seu rosto. Por que eu, Senhor? — pensou ele.

Então o junco foi puxado repentina e abruptamente de seus dentes. Um cavalo o abocanhara, juntamente com um punhado de relva. Subitamente sem respiração, Phillipe mal conteve o arquejo de choque que o teria afogado. Agarrou-se aos arbustos, frenético, procurando deter sua angustiada necessidade de saltar e encher os pulmões de ar.

— A vida de Marquet está na balança — trovejou Jehan, pouco mais acima -, e ele sabe disso.

Vão embora! Vão embora! Gritou a mente de Phillipe. A qualquer minuto seus pulmões explodiriam... Qualquer segundo...

O cavalo de Jehan tornou a enfiar o focinho na água, roçando as ervas.

Imediatamente, um jato violento de spray estourou na cara do animal e ele recuou bruscamente, com um grunhido de espanto, quase atirando Jehan no rio.

Jehan puxou as rédeas freneticamente, mal conseguindo evitar uma queda. Ao conseguir controlar a montaria, ele se virou para a margem do rio e, diante de seus olhos admirados, surgiu repentinamente a figura também admirada de Phillipe Gaston. Jehan ficou olhando para ele, com a raiva e o reconhecimento transparecendo em suas feições.

— Sinto muito — gaguejou Phillipe, de maneira não muito racional. — A culpa foi toda minha. Vamos, deixe-me acalmar seu cavalo...

Tomado de medo, ele tropeçou para a margem.

— É ele! — gritou o segundo guarda.

— Não, não é! — guinchou Phillipe. Jehan já tinha a espada na mão.

— Agarre-o!

Virando-se para tornar a mergulhar no rio, Phillipe viu que o outro guarda já estava à sua frente, cortando-lhe a retirada e impelindo-o de volta à margem. Esforçou-se para escalar o barranco, mas Jehan avançou para ele, com a espada cintilando mortalmente na mão. Gritou histericamente, ao ver a lâmina que descia para cortá-lo em dois. No entanto, em vez disto, foi a parte chata da espada que caiu com força em seus fundilhos, jogando-o escarrapachado no chão. Phillipe rolou de costas e olhou para cima, incrédulo. O rosto de Jehan sorria selvagememente acima dele, fazendo-o compreender que aquilo era uma brincadeira de gato e rato.

Levantando-se com esforço, Phillipe disparou para o alto do barranco, correndo como nunca havia corrido. Acima dele ficava a ponte. Se, ao menos, conseguisse alcançá-la...

Os dois cavaleiros o seguiram em trote tranqüilo, deixando-o esfalfar-se na corrida.

Suas risadas o alcançavam como chicotadas.

Quando já pensava que a subida era interminável, Phillipe chegou finalmente ao alto do barranco. Ofegando por ar, precipitou-se para a ponte e começou a cruzá-la, em rápida corrida. As tábuas planas do piso permitiam-lhe desenvolver toda velocidade, porém atrás dele ouvia o chocalhar das patas dos cavalos, batendo na madeira. Enquanto corria, olhou inutilmente para trás. Seu pé pisou em uma tábua solta e ele foi atirado para diante, caindo com terrível impacto sobre as seguintes. A queda sobre a madeira dura arrancou-lhe o resto de ar que tinha nos pulmões. Ficou caído e imóvel por um longo momento, paralisado pela certeza da morte iminente. Contudo nenhuma espada se abateu sobre ele, nenhum ofuscante segundo de dor encerrou o seu terror. Um sinistro silêncio pairou sobre ele e à sua volta e, por fim, Phillipe ousou erguer a cabeça. Seu queixo caiu.

Sua cabeça estava entre os cascos ferrados de aço e as musculosas patas dianteiras de um enorme cavalo de combate. As patas mudavam de posição ligeiramente; anéis de vapor, expelidos pelas narinas do grande animal, enovelavam-se no ar gelado. Olhos escuros reviraram-se para baixo

e o fitaram, de sua cabeça belamente formada, com suspeita quase humana. Aquele cavalo era o animal mais magnífico que ele já vira. Então, viu também a perna vestida de negro de um cavaleiro, pressionando o flanco do animal.

Phillipe arrastou-se lentamente e saltou ereto, quando o feroz falcão de olhos dourados, descansando no braço enluvado do cavaleiro, grasniou subitamente. A ave sibilou para ele, agitando as asas. Phillipe caiu de joelhos, boquiaberto, espiando para o homem que controlava o falcão e o cavalo ao mesmo tempo. A sinistra e encapuzada figura, vestida inteiramente de negro, só podia ser o Quinto Cavaleiro do Apocalipse. Sua capa negra era forrada de um vivo vermelho e parecia um vislumbre do inferno, quando ele se virou na sela e baixou os olhos para Phillipe. Sustinha uma grande e reluzente espada na mão livre, e os olhos de um azul acerado, brilhando em seu rosto na penumbra, eram tão distantes e ameaçadores como a terra da Morte. Phillipe desviou os olhos da figura silenciosa e olhou para trás, por sobre o ombro.

Os dois guardas permaneciam imóveis em seus cavalos, momentaneamente tolhidos pelo mesmo temor. As montarias pisoteavam e recuavam nervosamente, como se também pressentissem a aura de perigo que pairava em torno do homem de negro.

Por fim, Jehan encorajou-se e disse:

— Saia da ponte!

O estranho não respondeu, sentado imóvel em seu cavalo. O vento que começava a soprar sibilou inquietamente entre as árvores.

— O homem é um prisioneiro fugitivo — anunciou Jehan, alterando a voz. — Queremos capturá-lo.

— Com que autoridade? — perguntou afinal o estranho.

— De Sua Excelência Reverendíssima, o Bispo de Áquila. Somente Phillipe notou a fugaz e involuntária torção na boca do estranho, que poderia ter sido um sorriso. Então, o cavalo de combate precipitou-se para diante e o falcão elevou-se no ar, entre guinchos estridentes. Phillipe saltou de lado, escapando por pouco de ser atropelado.

O segundo guarda arremeteu para diante, ao encontro do homem de negro, com a espada erguida. O cavalo do estranho empinou-se, com toda a fúria e esplendor de uma besta mitológica. Um golpe mortífero da espada do homem de negro passou rente às costelas do guarda, derrubando-o pelo

flanco de sua montaria e por cima da borda da ponte. Seu grito ecoou, quando ele voou a prumo para o rio mais abaixo.

Antes que o primeiro homem se chocasse contra a água, o estranho se virará para Jehan e o desmontava, com um rápido movimento. Jehan caiu encolhido sobre as tábuas da ponte; tentou erguer-se, mas o estranho já estava sobre ele, com a ponta da espada espetando-lhe a garganta. Jehan engoliu em seco, fitando a face da Morte com olhos arregalados.

O homem de negro puxou o capuz para trás. O rosto de Jehan ficou ainda mais pálido, ao reconhecer quem estava acima dele.

— Retorne a Marquet — disse o estranho. — Diga a ele que Navarre voltou!

Jehan assentiu, mudo de pavor. Levantou-se e correu por onde tinha vindo. O homem chamado Navarre ficou olhando, enquanto ele montava em seu cavalo e galopava no crepúsculo. Por fim, o estranho se virou e tornou a montar em seu cavalo. O falcão desceu das alturas aniladas do céu em um vôo espiralado e voltou a pousar em seu pulso. O

homem ficou imóvel por um instante, olhando para Phillipe com curiosidade. Este continuava onde ele o deixara, com os joelhos bambos de medo. O cavaleiro instigou o cavalo para diante e aproximou-se da pequena figura que esperava em silêncio.

Phillipe despertou parcialmente do entorpecimento e conseguiu erguer-se até ficar quase de pé.

— Magnífico, senhor! — bradou. — Uma exibição maravilhosa! Como o senhor mesmo poderia ver, eu estava no processo de atraí-los para a ponte, no momento de sua chegada, e...

Navarre conteve o cavalo com as rédeas, fitando Phillipe com um sorriso enigmático.

— Um prisioneiro fugitivo de Áquila? — exclamou, quase para si mesmo. — Não dos calabouços.

— Por que não dos calabouços? — perguntou Phillipe.

— Jamais alguém fugiu de lá!

O homem disse estas palavras como se soubesse que aquilo seria impossível. Phillipe ergueu as sobrancelhas, considerando a possibilidade de que realmente houvesse praticado uma façanha notável. No entanto, apenas encolheu os ombros, demasiado cavalheiro para vangloriar-se de seus feitos.

Sobre a sela, Navarre inclinou-se para diante, estudando Phillipe pensativamente.

Então, de súbito, tornou a olhar para cima, na direção oeste, onde o sol desaparecia atrás das montanhas. Seu rosto ficou severo e tenso. Incitando a montaria com as esporas, Navarre começou a cruzar a ponte, passando ao lado de Phillipe em silêncio, como se ele houvesse deixado de existir.

Sobressaltado, Phillipe estendeu o braço, mas sem ousar tocar o outro homem.

— Senhor! Espere... — Navarre nem mesmo baixou os olhos e Phillipe trotou atrás dele, gritando: — Escute! Em verdade, eu estava pensando em arranjar um companheiro de viagem... — Não obteve resposta e gritou ainda mais alto, desesperado: — Há mais guardas por aí! O senhor precisará de um bom homem para vigiar seus flancos!

Phillipe agora corria, mas o estranho seguiu em frente, embrenhando-se na escuridão, sem olhar para trás. Phillipe parou de correr, deixando as mãos caírem ao longo do corpo. Baixou os olhos para si mesmo.

— Oh, cale a boca, Rato! — murmurou.

Deu meia-volta e retornou à ponte, tentando ignorar a dor inominável que enchia seu peito de repente. Espiou para baixo, pela borda das tábuas do piso e viu o corpo do guarda morto, boiando entre os juncos. Sacudiu a cabeça, pesaroso.

— Você nem chegava aos pés dele, meu amigo. Nunca teve uma chance...

Olhou para trás, na direção tomada pelo estranho, com um breve sorriso de gratidão e desapontamento. Em seguida, terminou de cruzar a ponte e aproximou-se do cavalo que esperava o guarda, a fim de surripiar a bolsa presa à sela.

— É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um homem rico entrar no Reino dos Céus. — Tornou a olhar para o cadáver e gritou: — Não mencione isto!

Então, recomeçou a caminhar.

CAPÍTULO 4

Durante as horas da noite alta, a chuva retornou como uma vingança. Phillipe perguntou-se, desanimado, se dois anos de seca haviam realmente chegado ao fim só para tornar sua vida miserável. Passou outra noite angustiada em uma árvore, despertando sobressaltado de seus sonhos com um guerreiro magnífico, trajado de preto, por cintilações de relâmpago e estrondos de trovões. De uma vez, poderia jurar que fora despertado pelo relincho de um cavalo, que vira o poderoso animal negro empinar-se no alto de uma colina distante — sem cavaleiro — e desaparecer na tempestade.

Ao alvorecer, no entanto, tudo aquilo não passava da desbotada lembrança de um pesadelo. Phillipe pulou para o chão e pôs-se novamente a caminho, subindo a montanha.

Estava nos contrafortes agora, onde esperava finalmente escapar à perseguição do Bispo.

Subiu e desceu com dificuldade as encostas lamacentas do terreno áspero, preferindo seguir por entre os arbustos avermelhados e as escorregadias folhas amarelas da floresta de carvalhos. Mesmo ali, uma parte de sua mente estava sempre alerta a qualquer indício de cavaleiros. O fato de agora saber por que os guardas do Bispo estavam tão decididos a recapturá-lo, não o tornava mais desejoso de facilitar-lhes tal possibilidade. Contudo, a despeito de sua cautela, nunca viu o cavaleiro de negro reaparecer em algum espinhaço atrás dele, logo depois do amanhecer. Como também nunca percebeu que o estranho o seguira por toda a manhã.

Por fim, Phillipe chegou a uma pequena aldeia aninhada em um vale estreito entre as montanhas. A lavoura ali era ainda mais pobre do que na planície castigada pela seca, em torno de Áquila. O lúgubre amontoado de casas construídas com tijolos de barro e reboco, agachadas no interior de uma muralha de pedra desmoronando, era prova suficiente da miserabilidade da vida dos aldeões. Não obstante, acorçado e tiritante atrás de um telheiro em ruínas, logo dentro das muralhas Phillipe verificou que os moradores do lugar ainda estavam em melhores condições do que as

suas. Passava pouco do meio-dia e poucos aldeões estavam à vista. Ele imaginou que todos deveriam achar-se em suas casas, aquecidos e secos, comendo sua refeição do meio-dia...

O pensamento de comida fez sua garganta doer. Se ninguém mais estava fora de casa, infeliz e faminto, então aquele era o momento perfeito para arranjar algumas roupas decentes.

— É mais abençoado dar do que receber — murmurou.

Dito isto, disparou como flecha de seu esconderijo, para surrupiar um par de botas deixadas em uma soleira para secar.

Novamente na segurança de seu esconderijo, ele arrancou os restos de seus sapatos de solado mole e enfiou os pés nas botas de couro úmido, amarrando firmemente os atilhos em torno das pernas, a fim de mantê-los calçados. Levantou-se, sorrindo de satisfação.

Ele era Phillipe, o Rato, o único homem que conseguira escapar dos calabouços de Áquila. Para ele, tinha sido brincadeira de criança. Visitou rapidamente outro quintal, onde se apoderou de uma túnica com capuz pendurada em um varal, rejeitando um par de calças quase tão andrajosas quanto as suas.

A túnica o engolfou como uma mortalha, quando a vestiu. Enrolando as mangas para cima, a fim de ter as mãos livres, começou a caminhar marginando a orla da aldeia. Atrás de uma casa que devia estar sendo construída ou desmoronando, encontrou outro varal com calças mais bem conservadas. Esgueirou-se para lá, ergueu-se brevemente, a fim de inspecionar a peça mais de perto. Fez uma careta.

— O alfaiate poderia ser melhor amigo do dono, mas...

Dando de ombros, arrancou as calças do varal. Olhou em torno subitamente, ao sentir cheiro de comida e de fumaça de madeira no ar. Localizou uma taberna desmantelada entre as casas, com a fumaça escapando da chaminé. Detendo-se apenas o tempo suficiente para trocar de calças, caminhou apressado pela rua lamacenta.

Os aldeões sentavam-se à entrada da sombria taberna, aproveitando a última metade do ano ao ar livre. Comiam e bebiam em mesas de madeira, sob o abrigo do caramanchão coberto por uma trepadeira, no pátio esquálido. Um braseiro crepitante em uma estufa central abrandava um pouco a friagem do ar. Phillipe examinou rosto por rosto sub-repticiamente, ao entrar no pátio murado da taverna. Os reunidos pareciam estranhamente contidos; a gama de expressões que viu, corria do normal à indiferença.

Uma taciturna atendente movia-se silenciosamente entre as mesas. Pouco além do muro, um ferreiro trabalhava na forja de uma estrebaria.

Os homens continuaram a conversar em tons desconexos, nem mesmo erguendo os olhos quando Phillipe passou por eles. Ninguém demonstrou o menor interesse em sua pessoa ou em suas roupas de empréstimo. A princípio, ele ficou apenas aliviado, mas quando os momentos foram passando, seu ego começou a instigá-lo. Sem dúvida, não era sempre que apareciam estranhos naquele lugarejo. Ele podia ser pequeno, mas não era invisível. Afinal, tratava-se de Phillipe Gaston, que encapara dos calabouços de Áquila e vivera para contar a história.

Impulsivamente, puxou sua pesada bolsa de dinheiro e a deixou cair em uma mesa, diante da atendente.

— Um drinque de sua bebida mais cara — disse, em voz alta — e o mesmo para todos que se juntarem a mim em um brinde!

Desta vez, os outros o fitaram com curiosidade, mas foi apenas por um instante e logo voltaram às suas conversas.

A atendente voltou, carregando uma pesada caneca de cerâmica. Phillipe a examinou com ar crítico, quando a tomou de sua mão.

— Não recomenda muito — comentou.

Moveu a cabeça bruscamente para a bebida. A atendente deu de ombros e afastou-se sem responder. Pouco á vontade, Phillipe começou a perguntar-se se toda a aldeia não estaria sob alguma espécie de feitiço.

— Queremos ouvir seu brinde — disse uma voz subitamente, atrás dele.

Phillipe se virou. Um homem enorme, de expressão grosseira e envergando uma grossa capa, caminhou para ele.

— Beberemos a um homem especial, meu amigo — disse Phillipe ousadamente. -

Alguém que esteve nos calabouços de Áquila e viveu para contar a história.

Erguendo a caneca, ele sorveu um longo gole. A boca do estranho repuxou-se em um sorriso desagradável.

— Então, beba a mim, homenzinho. Meu nome é Fornac e já vi aqueles calabouços.

Perplexo, Phillipe olhou para o pescoço grosso do homem, percorreu seu corpo fortemente musculoso de alto a baixo e sorriu para o que imaginava alguma piada.

— Um ferreiro, talvez — disse. — Um lenhador ou mesmo britador, mas, prisioneiro de Áquila?

— Eu não disse que fui um prisioneiro.

Fornac levou as mãos à garganta e desabotoou a capa. Arrancou-a. Por baixo, usava o uniforme vermelho-sangue da Guarda do Bispo.

Phillipe ficou aturdido, enquanto outros homens começavam a levantar-se das mesas, removendo as capas. Os fregueses costumeiros permaneceram rígidos, os rostos tensos de medo. Seu estranho comportamento repentinamente fez sentido para ele, agora quando era demasiado tarde. Mais de uma dúzia de guardas tinham-no rodeado empunhando silenciosamente as espadas. Uma curta praga escapou-lhe dos lábios, ao ver Jehan levantar-se de um jogo de dados junto ao fogo, com o Capitão da Guarda ao seu lado.

— Se tivesse ficado enfiado na floresta, poderia ter tido uma chance, Gaston — disse Marquet.

— Tem razão — respondeu Phillipe, em tom lastimoso. Olhou para uma refeição pela metade, sobre uma mesa próxima, com uma espécie de ânsia desesperada, antes de pigarrear para limpar a garganta.

— Quero dizer, na verdade, eu estava tentando encontrá-lo, Capitão.

Marquet o fitou apaticamente e ele acrescentou rápido, atropelando as palavras:

— Um de seus homens foi cruelmente assassinado, não muito longe daqui. O senhor está com sorte. Estou querendo barganhar o nome do assassino pelo seu perdão.

Sem esperanças, Phillipe considerou que aquilo soava inacreditável, mesmo para ele próprio. Marquet olhou para Fornac.

— Mate-o — ordenou.

Fornac arremeteu para diante, com a espada em punho. Phillipe atirou sua bebida nos olhos do guarda e mergulhou para baixo da mesa mais próxima, esgueirando-se como mercúrio, por entre as pernas dos aldeões.

Um grupo de guardas correu para a mesa maciça e a emborcou, derrubando comida, pratos e cântaros, violentamente, sobre os aldeões e o chão. Não havia ninguém debaixo dela.

— Lá está ele! — gritou Fornac.

Phillipe disparou como flecha, de trás de um homem sentado na mesa seguinte -

direto para os braços de outro guarda, à espera.

— Peguei-o!

Phillipe contorceu-se furiosamente até libertar um braço. Enfiando um bem dirigido cotovelo no rosto do guarda, soltou-se e desapareceu debaixo das mesas.

Os guardas saltaram atrás dele, procurando em cada canto, virando mesas e jogando cadeiras para os lados, em desordenada raiva, transformando o pátio em pandemônio.

Fregueses gritaram e correram, mas os guardas os forçaram a voltar, quando quiseram fugir do pátio. Phillipe, o Rato, no entanto, parecia ter-se evaporado.

Houve um súbito silêncio, enquanto Marquet observava cada rosto amedrontado, com mortais intenções. De repente, o silêncio foi cortado por um grito agudo, no outro lado do pátio. Phillipe rastejou de trás das volumosas saias de lã de uma mulher de meia-idade, imensamente gorda e imensamente indignada.

— Foi puramente sem intenção, madame — gaguejou ele, desculpando-se.

Frenético, olhou para a direita e para a esquerda, de frente para o corredor que os guardas formavam à espera, entre ele e a saída. Desta vez não havia escapatória. Era um homem morto, antes mesmo de se entregar. Puxou sua adaga, desafiante, incapaz de pensar em outra coisa a fazer, e pulou de costas por entre os guardas, esforçando-se em ganhar a entrada do pátio e a liberdade.

Vendo a artimanha de Phillipe, Marquet tomou a mesma direção, empurrando os aldeões, decidido a interceptá-lo, tão inevitavelmente como a noite se segue ao dia. Um guarda aferrou o braço de Phillipe e, no momento em que Marquet chegava atrás dele, torceu-o com força. A mão livre de Phillipe, empunhando a adaga, desferiu um amplo arco no ar...e a ponta da lâmina raspou o rosto de Marquet.

Marquet parou diante de seu prisioneiro, implacável, o rosto enrijecido em uma máscara de ódio. O sangue gotejou do arranhão em sua face. Ele ergueu a mão lentamente e tocou o sangue, confirmando a realidade do ferimento.

Phillipe ficou flácido entre os dedos crispados do guarda, igualmente consternado ao perceber o que fizera e o que aquilo significava para ele.

— Lamento... eu... sinto muito...- balbuciou, sem saber o que dizia.

Marquet fez um gesto para seus homens. Dois deles empurraram o prisioneiro contra um esteio de sustentação do teto e o firmaram ali. Um terceiro ergueu sua larga espada acima do indefeso Phillipe. Marquet sorriu, erguendo a mão. Phillipe virou o rosto e apertou os olhos com força.

— Que Deus me ajude! — gritou.

Vinda de lugar nenhum, uma flecha de balista acertou o braço do guarda e, com um grito de dor, ele deixou cair a espada.

— Marquet!

Marquet ficou hirto, ao reconhecer a voz que o chamara pelo nome. Virou-se lentamente e seus homens se viraram ao mesmo tempo, para verem a figura de Navarre de pé à entrada do pátio, como uma sombra mortal. Sua espada de folha larga oscilava na mão direita, pronta para entrar em ação, e uma balista carregada descansava na dobra de seu braço esquerdo.

Os olhos de Marquet arregalaram-se, ao confirmarem o que os ouvidos lhe tinham dito. Phillipe deslizou para o chão quando os guardas o soltaram, atordoado demais até para se mover. O pátio à sua volta ficara mortalmente silencioso.

— Um de meus homens me disse que você tinha voltado. Resmungou Marquet, com os olhos fixos em Navarre.

— Eu quis cortar-lhe a língua pela mentira, porque sabia que você não seria tão imbecil. Olhou para Jehan:

— Desculpe-me, Jehan. Está reintegrado a seu antigo posto.

Navarre moveu-se ligeiramente e fez um gesto para Phillipe.

— Você. Vá embora daqui!

— Sim, senhor — murmurou Phillipe. — Obrigado, senhor. Conseguiu recompor-se, ficou em pé aos tropeções e correu para fora do pátio.

CAPÍTULO 5

Navarre permaneceu como uma estátua de pedra, bloqueando a entrada do pátio, enquanto o jovem ladrão passava correndo ao seu lado e saía para a rua. Então, gritou abruptamente:

— Olhe para mim, Marquet!

Marquet deixou de olhar o rapazinho que fugia e tomou a fixar-se em Navarre. O

ódio queimava como gelo em suas pupilas — um ódio quase tão gélido quanto o que Navarre sentia por ele.

Navarre fitou o homem que roubara a vida que era sua por direito, que ajudara a destruir tudo quanto já tivera qualquer significado para ele: Marquet, o sádico, fanfarrão covarde; o prestimoso capanga do Bispo.

— Prometi a Deus que meu rosto seria a última coisa que você veria.

Entretanto, quando ele ergueu sua balista, um guarda levantou-se atrás de uma mesa derrubada, fez pontaria com sua própria arma e disparou. Navarre captou o movimento pelo canto do olho e, virando-se, atirou quase simultaneamente. A flecha do guarda sibilou junto dele, a centímetros de seu rosto. Seu disparo, entretanto, não errou o alvo. O

homem desmoronou atrás da mesa, com um grito.

Navarre se virou, buscando Marquet — e viu-se face a face com outro guarda, um homem que reconheceu. O outro ergueu a espada, mas tornou a baixá-la quando seus olhos se encontraram, o rosto mostrando incerteza e profundo arrependimento.

— Capitão — murmurou para Navarre. — Eu...

A pesada bota de Marquet caiu violentamente nas costas do guarda, empurrando-o para diante e empalando-o na espada de seu antigo comandante. Marquet saltou de lado, rugindo a seus homens que atacassem. Como se fossem um só... Todos obedeceram.

Navarre lutou com a furiosa intensidade de alguém obcecado, como se aquela luta fosse o único motivo para o qual tinha vivido. No entanto, apesar de seus reflexos quase inumanos, era apenas um único homem,

armado com uma espada, enfrentando mais de doze. Os guardas atacavam duramente por todos os lados, cortando qualquer retirada e empurrando-o, através da massa de aldeões em fuga, na direção do fogo. Navarre eliminou outro homem — desta feita, um que não conhecia. As faíscas saltavam do choque de aço contra aço. Seu braço armado com a espada doía pelas centenas de golpes que levava, mas sua perícia nunca falhou. Ele ganhou terreno lentamente e, de um em um, eram menos os atacantes que o cercavam.

Marquet, no entanto, era um homem igualmente obcecado. Sua nênese voltara e libertara o prisioneiro, cuja vida valia mais para o Bispo do que a sua própria. Navarre voltara, a fim de reclamar tudo o que era seu por direito. E o ódio de Marquet duplicava-se com seu medo secreto. Abriu caminho a cotoveladas por entre a multidão tomada de pânico, quando Navarre foi forçado a recuar até a borda do braseiro, agora quase sem chamas.

Navarre ergueu os olhos e viu Marquet avançando, com o homicídio nos olhos.

Matou outro homem quase instintivamente, atirando-o na direção de Marquet, quando este empunhou a espada. Continuando o arco de seu movimento, volteou a espada contra a cabeça de Marquet. A espada deslizou ao longo do capacete do capitão, arrancando as asas douradas de águia, o distintivo de seu posto. O rosto de Marquet contorceu-se de fúria, ao perceber que Navarre fizera aquilo intencionalmente.

Navarre sorriu cruelmente. Esticando o braço para trás, pegou uma acha de lenha que ardia no braseiro e a atirou ao rosto de Marquet. Marquet pulou de lado, perdeu o equilíbrio e caiu no braseiro. Os guardas correram em sua ajuda, levantando-o dali e batendo em sua capa para apagar as chamas. Aproveitando aquele momento de confusão, Navarre começou a abrir caminho em direção à saída.

Do lado de fora, na rua, Phillipe afastou-se da parede da casa mais próxima e obrigou os pés entorpecidos a se moverem, tropeçando por causa do susto e da exaustão. Olhou para trás, para a taberna, ainda mal acreditando no que acabara de acontecer e viu que não havia guardas à vista. Dobrando a esquina às cegas, ele foi ao encontro dos cavalos arreados que os guardas haviam escondido na estrebaria ao lado da taberna. Parou de supetão, firmando os pés com um esforço de vontade; tivera a súbita

inspiração de que um daqueles cavalos provavelmente aumentaria em um por cento suas agora incertas chances de fuga.

Entretanto, ele jamais montara um cavalo na vida. Cavalos aterrorizavam-no. Tão maciços mesmo comparados a um homem grande e robusto, aqueles animais pareciam pairar acima dele como montanhas. Em circunstâncias normais, ele nem mesmo consideraria tal insanidade, mas no momento, dificilmente elas seriam normais. Phillipe desatou as radias do cavalo mais próximo, com mãos nervosas. Firmando-se na sela, tentou enfiar o pé no estribo. O animal pressentiu seu nervosismo e levantando as orelhas, afastou-se dele.

— Vamos, cavalinho — tentou tranquilizar o animal, sem convicção. — Bom cavalinho...

O cavalo recuou de repente e disparou pela rua abaixo.

Tenso, Phillipe olhou na direção da taberna. Os brados e gritos, o retinir do metal, disseram-lhe que a luta continuava. Sozinho, Navarre continha toda a companhia de guardas. Por um fugaz instante, ocorreu-lhe que deveria voltar e ajudar o homem que salvara sua vida pela segunda vez. Com a mesma rapidez, percebeu que a idéia não era apenas suicida, mas totalmente absurda. Libertou as rédeas do cavalo seguinte e enfiou o pé no estribo.

Segurou-se à sela e procurou içar o corpo, sem ver que a correia da cilha estava frouxa. A sela escorregou pela traseira do cavalo e caiu ao chão, em cima dele.

Praguejando de frustração e humilhação, Phillipe correu para o animal seguinte.

No pátio, Navarre vergastou o braço armado de mais um homem, viu o sangue jorrar e a espada do outro voar pelos ares. Seu corpo acusava a dor dos muitos golpes recebidos, mas nenhum deles era sério. Sua rapidez de reflexos diminuía, mas somente dois guardas e poucos metros o separavam do portão de saída do pátio. Intensificou o ataque, com revigorada determinação, ganhando caminho centímetro a centímetro para a liberdade.

Marquet continuava vivo, porém Navarre conseguira o que tinha vindo fazer, a coisa realmente vital — salvara o jovem ladrão.

Navarre derrubou um último guarda com um tição chamejante e correu a toda velocidade para fora do pátio. Olhando para o fim da rua, quando um cavalo sem cavaleiro passou por ele a meio galope, viu, com

incrédula consternação, que Phillipe Gaston continuava à vista. O rapaz se achava em meio a um bando inquieto de cavalos, tentando inutilmente agarrar um após outro. Phillipe ergueu os olhos quando Navarre surgiu à vista e agora foi ele quem ficou consternado. Dando meia-volta, começou a correr.

Praguejando furiosamente para si mesmo, Navarre correu para seu garanhão e saltou para a sela. O falcão, esperando sobre o arção, abriu as asas e elevou-se no ar. Agitando as rédeas, Navarre galopou rua abaixo, atrás do rapaz. À sua retaguarda, um dos guardas deu um toque de aviso em uma corneta. Navarre olhou para diante, de boca apertada, sabendo o que aquilo significava. Esse maldito idiota! — pensou, olhando o rapaz que corria diretamente para outra armadilha.

A muralha da cidade alteou-se diante deles. O alto portão de madeira estava aberto, no fim da rua, mas o guarda ali estacionado ouvira a cometa soar. Enquanto Navarre olhava, ele começou a empurrar o portão, a fim de fechá-lo.

O garanhão de Navarre aproximava-se rapidamente de Phillipe. O rapaz olhou para trás enquanto corria, com uma mistura de pânico e terror no rosto.

— Não! Não! Não! — gritou ele.

Atrás deles, Navarre ouvia o galope de mais cavalos em perseguição. Olhou por sobre o ombro e viu que Fornac e outro guarda vinham chegando em rápida galopada.

Tornou a olhar para diante, nó tempo exato de ver o pesado portão à frente ser fechado com ruído. Inclinando-se na sela, estirou o braço e agarrou Phillipe, erguendo-o no ar. O corpo miúdo e rijo do pequeno ladrão mal lhe pesava no braço e ele o jogou à frente da sela como um saco de alimento, enquanto fincava as esporas nos flancos do garanhão. Os fortes músculos do cavalo negro retesaram-se quando ele se preparou e deu um salto em pleno ar. O garanhão passou por cima do portão como se tivesse asas e caiu com impacto do outro lado. O guarda do portão arremetera contra eles no instante em que passavam voando a seu lado, mas Navarre atingiu-lhe o rosto com um soco.

Navarre olhou para trás, firmando o corpo gemebundo de Phillipe com a mão. Seus dois perseguidores saltaram o portão com menos graça. Ele pegou a funda que pendia da sela e enfiou-lhe uma pedra. Girando-a acima da cabeça, deixou a pedra voar e ela atingiu o cavaleiro ao lado de

Fornac, na cabeça, derrubando-o ao chão. Contudo a desajeitada carga que era Phillipe entravava a velocidade do garanhão e Fornac estava cada vez mais próximo.

Navarre olhou para o céu. O falcão revolteava nas alturas azuis acima dele, sua silhueta assemelhando-se a uma balista distendida.

— Hoi! — gritou.

O falcão grasniu e arremeteu para baixo, fendendo o ar, seus esporões cintilando como facas, ao mergulhar para Fornac. O guarda levantou o braço, com um berro. Então, seu cavalo empinou-se e ele escorregou da sela, caindo pesadamente, escarrapachado no chão. Navarre prosseguiu em seu galope, sem olhar para trás, quando o falcão pairou triunfalmente sobre sua cabeça.

De pé na rua lamacenta diante da taberna, Marquet apertava os olhos, por sob as sobrancelhas chamuscadas, enquanto Navarre e o ladrão desapareciam na floresta. Seu rosto escurecido pela fumaça parecia petrificado. Virando-se, olhou para os homens que lhe restavam, todos eles cuidando dos ferimentos recebidos. Nenhum ousou encará-lo.

O falcão circulou preguiçosamente nas cálidas correntes ascendentes de ar que se erguiam com a muralha da montanha. As compridas e sensíveis penas primárias das extremidades das asas e do amplo leque de sua causa alargavam-se, torciam-se ou estreitavam-se, como se fossem manipuladas com a delicada precisão de dedos em uma mão. Muito abaixo, o homem de negro seguia lentamente em seu cavalo, através das chamejantes cores da floresta outonal, seguindo o espinhaço da montanha. Encarapitada na garupa estava a figura diminuta de um segundo cavaleiro, cujas vestes andrajosas de aldeão harmonizavam-se perfeitamente com o solo da floresta. O falcão estudou os dois cavaleiros por longo tempo, através de seus inexpressivos olhos dourados. Por fim, manobrando as asas, intensificando sua resistência, começou a descer mais e mais, até empoleirar-se no punho enluvado de Navarre. Então agitou as asas uma vez, olhando para ele. Navarre sorriu debilmente, em reconhecimento.

Por sobre o ombro largo de Navarre, Phillipe espiou para a ave, grato por alguma coisa que lhe distraísse a mente daquela viagem a cavalo. Agora que sua vida não corria o perigo imediato de terminar, pela primeira vez em dias, vira-se com tempo de sobra para refletir sobre sua nova situação. Infelizmente só conseguia ser capaz de pensar no quanto ainda odiava cavalo. Cochilara de exaustão e acordara sobressaltado a tarde toda,

sempre que cada solavanco inesperado sobre o chão irregular o assustava, enquanto o estômago vazio suportava um mal-estar provocado pelo movimento, algo que ele nunca antes experimentara. Decidiu que, nesse ano, desistiria de cavalos pela Quaresma.

Estudou a ave de rapina, admirando o sutil matizado de castanho e diva nas penas lisas e uniformes do dorso, o peito macio, em listras cor de canela, e a cauda raiada de negro. Apesar das circunstâncias, estava impressionado com a beleza do falcão e por sua feroz lealdade ao dono. Navarre não usava quaisquer peias ou correias para mantê-lo sempre atento ao seu comando. O falcão ia e vinha sempre que queria, e sempre voltando ao braço do amo.

— Esta é uma ave realmente admirável senhor — disse, procurando manter conversa, pela primeira vez em horas. Navarre era um homem de poucas falas, e em sua sisuda presença, Phillipe agira obedientemente da mesma forma. — Eu juraria que ela voou para aqueles homens por vontade própria!

Navarre virou o rosto para trás, a fim de fitá-lo.

— Temos viajado algum tempo juntos. Acho que ela sente uma certa... — ele vacilou -...

lealdade por mim.

O falcão experimentou sobre Phillipe um olhar semelhante a uma conta e sibilou desafiadoramente, batendo as asas pintalgadas. De repente, ele percebeu que a ave não era, em absoluto, propriedade daquele homem... que os dois viajavam como iguais. E que ele não era, em definitivo, uma adição bem-vinda ao relacionamento de ambos, pelo menos no tocante à ave. E quanto a Navarre? O homem que se trajava como se estivesse de luto e que lutava como um anjo da morte, evidentemente tinha algum rancor em relação à Guarda do Bispo. Entretanto, isto não alterava o fato de que arriscara a vida duas vezes para salvar a de um absoluto estranho, caçado por eles. Da primeira vez, poderia ter sido uma feliz coincidência, mas coincidências não costumavam repetir-se.

Era quase como se o homem o estivesse seguindo...

Phillipe pigarreou.

— Se... não se incomoda, senhor, talvez pudesse explicar-me certa lealdade que parece ter por mim. — Navarre não respondeu desta vez e nem olhou para trás. Phillipe prosseguiu, ansiando por uma resposta que, de repente, era muito importante para ele. -

Acontece apenas que o senhor salvou minha vida duas vezes e... bem, eu não sou ninguém! — Percebendo como aquilo soava, acrescentou: — Claro, sou alguém, naturalmente...

Navarre prosseguiu em silêncio por outro longo momento, refletindo cuidadosamente. Meditava na verdade e no motivo por que necessitava daquela notável massa de contradições, colada á garupa de sua montaria. Avaliava o que vira até agora sobre o potencial de Phillipe Gaston, contra a possibilidade de contar-lhe essa verdade.

As palavras brotaram dentro dele — a súbita, terrível necessidade de partilhar sua carga com alguém... Mas não esta. Ainda não. Forçou-se a recordar que o rapaz era apenas um ladrão comum, um mentiroso de língua rápida, sem honra e, provavelmente, também sem futuro. Já vira gente demais, assim, para saber que não devia confiar em nenhuma, mesmo com semelhante índole.

Fechou a boca e meditou por um momento mais, recordando o primeiro encontro dos dois. Sorriu para si mesmo, sem que Phillipe visse.

— Estive pensando no que você me disse outro dia, lá na ponte.

— Ah! — exclamou Phillipe. — Compreendo. — Houve um instante de silêncio, — E o que foi que eu disse?

— Que eu estaria precisando de um bom homem para me vigiar os flancos.

Sentiu que Phillipe se empertigava atrás dele, subitamente surpreso e orgulhoso.

— A gente faz o que pode — murmurou Phillipe, com aceitável imitação de modéstia.

Após outro momento, perguntou, com desinteresse: — Por acaso reparou naquele feio talho no rosto do Capitão Marquet?

Navarre girou na sela e olhou para trás, curioso.

— Ele estava pedindo.

Os olhos de Navarre ficaram gélidos, quando pensou no quanto mais Marquet merecia. Contudo, notando a expressão do rapaz, apenas assentiu gravemente — um guerreiro reconhecendo os méritos de outro. Tornou a olhar para diante, a fim de esconder o sorriso que, de repente, suavizava a linha dura e comprimida de sua boca.

CAPÍTULO 6

Fornac estava na rua diante da taberna, com a mão pressionando a cabeça dolorida e envolta em ataduras, enquanto fiscalizava a sanguinolenta tarefa de colocar os cadáveres de seus companheiros em um carro de bois. Marquet partira para Áquila, a fim de dar a notícia ao Bispo. Jehan reunira o punhado de homens ainda capazes de montar e partira em perseguição de Navarre e Gaston. Fornac ficara incumbido de comandar os inválidos e os mortos, algo que ele percebeu ser mais uma reprimenda do que um cumprimento.

Gritou uma ordem para o condutor, quando o último corpo foi colocado no carro de bois. O homem estalou o chicote e o veículo avançou vagorosamente, em sua longa jornada para Áquila. Ao vê-lo afastar-se, Fornac reparou que uma figura inesperada vinha em sua direção. Um homem gordo e ofegante trajando as vestes marrons de um monge parou, para persignar-se, quando o carro de bois passou a seu lado. Depois seguiu pela alameda lamacenta, em passos incertos, mas decididos. Fornac deu meia-volta e saiu em busca de seu cavalo. Naquele dia já estivera bem perto de necessitar dos últimos sacramentos, para querer uma conversa com um homem santo.

A rua estava vazia quando o Irmão Imperius alcançou o ponto em que o guarda estivera parado. Fez alto ali, enxugando o cenho e observando as ruínas do pátio da taberna. Por um momento, a culpa transpareceu em seus olhos cansados e injetados de sangue. Depois meneou a cabeça, fez deslizar do ombro o odre de vinho e bebeu até esvaziá-lo. Quando se encaminhou para a taberna, tinha os passos incertos do homem que já bebeu demais.

O taberneiro estava agachado no pátio, vasculhando entre os destroços quebrados, à procura de algo que ainda valesse a pena salvar.

Não houve grande recompensa a seus esforços. Ouviu o som chocalhante de canecas de estanho às suas costas e se virou, gritando furiosamente:

— Deixem o vinho em paz, seus bastardos fedorentos! — Tarde demais, viu que era um monge, o homem em pé atrás de uma mesa chamuscada, servindo-se de generosa dose de bebida. Seu rosto ficou vermelho. — Desculpe-me, padre — murmurou.

A expressão chocada do monge amenizou-se.

— Deus já o perdoou, meu filho — disse Imperius, com gentileza. Ergueu a caneca, esgotou seu conteúdo e acrescentou: — Disseram-me que Charles de Navarre esteve aqui não faz muito tempo.

— Pode-se dizer que sim — respondeu acidamente o taberneiro, refletindo que as notícias corriam depressa.

— Por acaso viu a direção que ele tomou? É muito importante que eu o encontre.

— Eu lhe direi o que vi, padre — replicou o taberneiro. — Espadas, flechas, fogo e sangue!

Após falar, atirou um prato quebrado contra a parede e contemplou-o estilhaçar-se.

Imperius assentiu tristemente e serviu-se de mais uma dose. Esvaziou a segunda caneca e enxugou a boca.

— Que Deus tenha piedade de você e daqueles desesperados o bastante para beberem este vinho!

Largando a caneca, o monge saiu do pátio em passos vacilantes e voltou à rua. O

taberneiro meneou a cabeça.

Bem no alto das montanhas e já tarde naquele dia, uma herdade isolada em uma clareira coberta de ervas daninhas, no meio da floresta, recebeu dois visitantes inesperados. O casal de meia-idade que dali arrancava penosamente o seu sustento ergueu os olhos de sua série interminável de tarefas quando dois homens montados em enorme cavalo negro emergiram lentamente do meio das árvores.

Varrendo com uma vassoura desmantelada uma nuvem insignificante de poeira pela porta da entrada, a mulher parou o que fazia e espiou, enxugando a testa com mãos engorduradas. Seus olhos apertaram-se, ao ver os dois homens. O que montava à frente e que ela podia ver com mais nitidez parecia perigoso... mas não tinha aparência de pobre.

— Pitou! Pitou! — gritou estridentemente pelo marido, correndo pelo quintal.

De onde estava, no campo ao lado do estábulo, Pitou estudou os estranhos. Seus olhos lhe contavam mais ou menos a mesma história. Sua mão ainda segurava a foice que estivera afiando e uma sombria especulação lhe encheu os olhos. Passou um dedo ao longo da afiada lâmina em curva, até que uma pequena linha de sangue lhe surgiu na polpa. Levando o dedo à boca, ele o chupou pensativamente.

Phillipe relanceou os olhos pelo terreiro da herdade, enquanto Navarre guiava o garanhão negro. O estábulo em ruínas, o terreiro imundo, a cabana com paredes descascadas e o teto de colmo apodrecido — aquele não era o tipo de lugar onde esperara passar a noite. Entretanto, era difícil encontrar alguma habitação humana em um ponto tão alto das montanhas — e Phillipe sabia que Navarre era agora um homem tão perseguido como ele próprio. A julgar pelas maneiras de seu companheiro e pelas armas que levava, Phillipe desconfiou que ele talvez fosse fugitivo há muito mais tempo. No momento, tinham que aceitar o que lhes aparecia. Por outro lado, àquela altura ele passaria a noite gostosamente no inferno, desde que pudesse descer daquele cavalo.

Navarre não fez comentários, mas Phillipe observou duvidosamente seus anfitriões em potencial para aquela noite, enquanto eles caminhavam ao seu encontro. Já vira muita gente assim — envelhecida antes do tempo, acabada pela dureza da vida. O corpo escanifrado do homem estava encurvado pelo trabalho de muitos anos dobrando as costas, em um regime quase de fome. A gorda e desleixada mulher do avental sujo, os fitou com olhos embaçados e sem vida, seu rosto duro, um mapa de sofrimentos. Phillipe já vira muita gente como aquela...e muita gente que tentara transformá-lo em um deles. Côncio de si mesmo ajeitou nos ombros a túnica roubada e mal-ajustada ao corpo.

Navarre girou na sela e desmontou. Phillipe deslizou após ele, mal conseguindo suster-se nos pés, ao tocar o chão. Seu corpo doía em tantos lugares que, a esta altura, as dores pareciam anular-se umas às outras.

— Bom dia — cumprimentou Navarre cortesmente. — Gostaria de pedir-lhes abrigo por esta noite. Para mim e — olhou para Phillipe -meu companheiro de armas.

Phillipe ficou extasiado e endireitou os ombros. O homem examinou Navarre de alto a baixo, como se tentando decidir o quanto era perigoso ou a quantidade que poderia comer.

— Não temos comida para partilhar, — respondeu — mas há palha na estrebaria... por um preço.

Seus olhos nunca pousaram em Phillipe. Irritado, o rapaz puxou sua bolsa roubada de dinheiro, fazendo com que as moedas tilintassem tentadoramente.

— Muito bem dito, meu caro amigo, mas não se preocupe. Não estamos acima da compaixão por aqueles na miséria...

Interrompeu-se. Seu gesto não fizera nos Pitous o efeito que pretendia. Em vez de o reconhecerem como alguém em companhia de Navarre, e não na deles, limitaram-se a ficar olhando a bolsa de dinheiro, como que hipnotizados.

Navarre olhou bruscamente para Phillipe. Depois deu um passo, ficando à frente dele, de maneira a cortar a visão dos Pitous.

— Seu jantar será o pagamento que receberão por nossas acomodações — declarou. -

Estas noites, ambos se empanturrarão de coelho! -Virando-se, fez sinal para o falcão, com um braço estendido. — Hoi!

O falcão disparou da sela e logo pairava nos ares, ao sol da tarde que findava.

Uma hora depois eles tiveram não um, mas dois coelhos mortos pouco antes, para o festim do jantar. Phillipe recolheu madeira e fez uma fogueira no terreiro, seguindo ordens de Navarre, enquanto o homem mais velho esfolava os coelhos e os enfiava em espetos. Navarre parecia não sentir vontade de entrar na casa dos Pitous, preferindo fazer sua refeição ao ar livre. Phillipe concordava inteiramente, bastante familiarizado com os parasitas e o fedor que provavelmente encontrariam lá dentro.

Os Pitous juntaram-se a eles, quando o cheiro do coelho assado impregnou o ar.

Phillipe mal podia controlar-se, enquanto os coelhos não ficaram prontos; o cheiro da carne recém-assada deixava-o tonto de fome. Os Pitous, no entanto, empurraram-no para um lado e apoderaram-se da carne primeiro; comeram voraz e ruidosamente, como animais selvagens. Ao observá-los, Phillipe procurou fazer sua refeição com pelo menos uma aparência de calma e indiferença. Foi mais fácil do que esperava. Seu estômago vazio havia encolhido a ponto de conter bem menos do que ele recordava.

Navarre comeu a esmo, embora nada houvesse ingerido durante toda a tarde, inclusive após sua batalha na taberna. O falcão empoleirou-se na cumeeira da estrebaria, acima dele. Grasniou uma vez, agitou as asas incessantemente e olhou para o sol poente.

Navarre ergueu a cabeça ao ouvi-lo grasnir e olhou na direção do horizonte, como se seguisse sua indicação. Jogando um osso ao fogo, levantou-se sem pressa.

Phillipe ergueu os olhos para ele. Enquanto olhava, a mão ossuda de Pitou apoderou-se de um pedaço meio comido de carne em seu prato. O rapaz baixou os olhos, quando o movimento o alertou. Deu de ombros, com a mais natural indiferença.

— Nós comemos isto todas as noites — disse.

A certeza de que doravante comeria daquela maneira cada noite tornou sua mentira mais convincente. Tornou a fixar Navarre, que continuava de pé. O rosto do homem, avermelhado pelo sol que se punha e a claridade da fogueira, era a face hirta de quem espera a execução. Uma tristeza infinita lhe toldava os olhos. Passou em silêncio ao lado do fogo e afastou-se, seu vulto alto e escuro silhuetado contra os raios sanguinolentos do sol.

Phillipe olhou para Navarre, mostrando uma mescla de curiosidade e preocupação.

Absorto nisso, não percebeu o olhar especulativo de Pitou para seu próprio rosto perplexo. Pitou então fitou Navarre e depois sua esposa, assentindo de maneira quase imperceptível. As feições da mulher ficaram tensas.

Em largas passadas, Navarre caminhou para trás da desconjuntada estrebaria, onde o garanhão negro pastava pacientemente entre as ervas. Ali, começou a remexer nos alforjes da sela, esquecido dos outros ou do que poderiam pensar. Suas mãos encontraram a fluida maciez de tecido e a gélida curvatura de metal polido com a facilidade de uma longa familiaridade. Puxou uma veste feminina em seda azul-pervinca e o capacete ornado de asas douradas que um dia usara em seu legítimo posto de Capitão da Guarda.

Contemplou-os por um longo momento, perdido em recordações, antes de erguer os olhos para o sol que se punha.

— Um dia...

Navarre repetiu a promessa que fizera a si mesmo — e a ela — antes de tantos sóis poentes; ela, que lhe infundia forças para suportar a noite que tinha pela frente.

Phillipe levantou-se de junto da fogueira, abandonando os restos do coelho para os Pitous, e seguiu Navarre silenciosamente, através do terreiro. Parou a um metro de distância das costas de seu companheiro. Navarre nem o ouviu chegar. O rapaz estacou, indeciso, espiando sobre o ombro do outro. Pestanejou de surpresa, ao ver uma fina veste feminina de seda, arrumada com esmero entre os suprimentos. As mãos de Navarre largaram o tecido e afundaram-se no alforje, procurando algo mais no fundo. Seus dedos encontraram um surrado pedaço de pergaminho, que desdobrou com cuidado. A escrita estava tão apagada que Phillipe decifrou apenas uma única letra, um "I" maiúsculo. Viu as mãos de Navarre tremerem.

— Senhor? — sussurrou Phillipe.

Navarre girou sobre si mesmo com a velocidade de uma cobra atacando. Phillipe viu lágrimas brilhando em seus olhos, na fração de segundo antes que os mesmos olhos se enchessem de furiosa raiva.

Phillipe recuou um passo, sentindo o coração comprimido pelo mesmo terror de quando vira Navarre pela primeira vez. Abriu a boca, mas, por um momento, não conseguiu emitir som algum.

— Se... nada há que eu possa fazer, — gaguejou — vou voltar para junto do fogo.

O rosto de Navarre mudou lentamente. A tormenta passou através de seus olhos e desapareceu, tão subitamente como aparecera. Ele correu a mão pelos cabelos ruivos, cortados rente.

— Há uma baia na estrebaria — disse com brusquidão. — Cuide de meu cavalo, antes de juntar mais lenha para a fogueira.

Phillipe engoliu um osso duro de inesperada irritação, mas assentiu da maneira mais agradável que pode. Tomou as rédeas do garanhão com dedos incertos, esforçando-se ao máximo para imaginá-lo um velho e dócil animal puxador de carroça.

— Vamos, minha velha, vamos...

O cavalo empinou-se com um relincho irado e recuou violentamente, arrancando-lhe as rédeas da mão. Fixou um olhar enfurecido em Phillipe, como se houvesse recebido o pior dos insultos. Phillipe sorriu nervosamente.

— Garotinha arisca, não é mesmo? Oh... como se chama ela? — perguntou, esperando que, se pudesse chegar a termos mais pessoais com o animal, tudo correria melhor.

— O nome dela é Golias — disse Navarre. Phillipe enrubesceu.

— Lindo nome — disse, recusando-se a se sentir humilhado. Navarre tomou as rédeas do garanhão e as passou para Phillipe.

— Vá com ele — disse ao cavalo.

Phillipe ficou quase desapontado quando o cavalo não assentiu.

Afastou-se levando o garanhão com extremo cuidado, falando o tempo todo do modo que esperava fosse o correto.

— Escute, Golias. Antes de nos conhecermos melhor, acho que deveria contar-lhe uma história sobre um pequenino sujeito chamado Davi...

Navarre viu Phillipe e o garanhão desaparecerem na estrebaria arruinada. Um sorriso repuxou sua boca com relutância. De algum modo, o -rapaz continuava derrubando sua guarda, fazendo-o sorrir, apesar de á mesmo. Virando-se, descobriu uma faixa de girassóis ainda desabrochando entre as ervas ao lado da porta da estrebaria. Caminhou lentamente até eles, contemplou suas vivas faces alaranjadas, banhadas em cheio pela luminosidade do sol poente. Estudou-as com ar melancólico e então se inclinou, colhendo o maior deles. Girou-o com delicadeza entre os dedos, os olhos perdidos no crepúsculo, os pensamentos muito longe daquele lugar e momento.

Os Pitous espiavam-no de seu lugar junto ao fogo, e entreolharam-se, com um sorriso astuto. Com um movimento selvagem, o velho arrancou outro pedaço do coelho, e os dois reiniciaram a ruidosa mastigação.

Quando Phillipe encerrou suas desajeitadas tentativas para acomodar Golias, a escuridão já caíra por completo. Navarre não estava em nenhum lugar à vista e até mesmo os Pitous já tinham desaparecido no interior de sua choupana, por aquela noite. Phillipe virou os olhos ansiosamente para a estrebaria; o feno bolorento de seu interior de repente lhe parecia mais macio do que um colchão de penas. Todos sobre a Terra já deviam estar dormindo, exceto ele...

Navarre, contudo, não dormia. Phillipe tinha a impressão de que mesmo estando ele presente, se lhe pedisse para dormir, isso não faria nenhuma diferença. O homem era totalmente impiedoso, sem a menor compaixão por toda a provação que seu companheiro atravessara naqueles dias. Phillipe esfregou os olhos ardentes e encaminhou-se em passos

cansados para a floresta à orla da clareira. Começou a ajuntar galhos secos e gravetos, agradecido, pelo menos, por haver luar para facilitar-lhe o trabalho.

Após o que pareceu uma eternidade, começou a voltar por entre as árvores, a caminho da herdade, com os braços cheios de galhos. A madeira agarrava-se em suas roupas e em cada obstáculo imaginável. Sempre que se agachava para recolher um galho caído, mais dois lhe escorregavam dos braços. Ele caminhou em passos trôpegos para a estrebaria, murmurando irritadamente.

— "Companheiros de armas..." "Escravo", seria mais apropriado. — Engrossou a voz, em cômica imitação de Navarre: — "Cuide do fogo, alimente os animais, junte lenha..." -

Navarre não era melhor do que os outros. Erguendo os olhos, Phillipe disse, em tom implorante: -Olha para mim, Senhor. Eu estava melhor lá nos calabouços de Áquila. Meu companheiro de cela era doido e assassino, mas, pelo menos, ele me respeitava!

Interrompeu-se de súbito, ao recordar que não sabia onde estava Navarre. O outro bem poderia estar a espioná-lo agora, como aparentemente fizera naqueles dois últimos dias. Phillipe olhou por sobre o ombro, inquieto.

— Esse Navarre é um sujeito bem estranho — murmurou, mais para si mesmo do que para Deus. Não tinha mais tanta certeza de que Navarre fosse de todo lúcido. — E ele quer algo de mim. Posso notar isso em seus olhos.

Agora que tinha tempo para refletir nisso, estava certo de que Navarre não lhe contara toda a verdade. Fora um tolo em acreditar, mesmo por um instante, que alguém como Navarre o considerasse realmente um companheiro de lutas. Para aquele homem, era simplesmente uma coisa a ser usada.

Estacou imediatamente, trincando os dentes, quando a tensão insuportável da última semana o tomou de súbito. Abriu os braços, deixando os galhos secos caírem, em irada recusa.

— Seja o que for, não vou fazer! — exclamou em voz alta. -Além do mais, estar a serviço de um alvo móvel não é a minha idéia de emprego estável! — Nada lhe respondeu, exceto o vento. — Ainda sou um homem novo, você sabe! — gritou, na direção da estrebaria. -Tenho esperanças!

Um graveto bateu com ruído em alguma coisa, na escuridão perto dele. Phillipe gelou, aguçando os ouvidos. Ouviu novo farfalhar de arbustos e de repente ficou gelado ao pensar que algo — ou alguém — o espiava realmente.

— Olá — chamou, querendo e não querendo uma resposta. Silêncio. Outra leve pancada.

Silêncio de novo. Phillipe apertou os olhos, enquanto espiava à sua volta, sem nada ver além da escuridão impenetrável entre as árvores. Praguejou baixinho, por não haver trazido sua adaga ou mesmo uma luz. Tinha apenas os punhos para se defender.

— Quem vocês pensam que está aí? — falou em voz alta. — É melhor puxar sua espada, Pierre! Oh, Louis, você trouxe sua balista! Bem, agora voltemos todos para a estrebaria!

Respondeu a si mesmo, em vozes sussurradas:

— Certo!... Vamos... Está bem!

Virou-se e ficou ouvindo. Ouvia os sons à sua retaguarda, no seio da floresta, com mais clareza agora, aproximando-se dele com passos medidos. Quem ou o que o espreitava não ficara impressionado. Seus cabelos eriçaram-se na nuca. Recuou alguns passos, tornou a dar meia-volta e caminhou apressadamente na direção da estrebaria. A presença o seguiu, nivelando os passos aos seus. Lutando para manter-se calmo, ele começou a correr. O que quer que estivesse às suas costas aumentou a velocidade, mantendo sempre a mesma distância.

Em pânico, Phillipe disparou como uma flecha. Precipitou-se por entre as árvores cegamente, dilacerado pelos ramos e arranhado pelos espinheiros. Seu perseguidor saltou através dos arbustos, após ele. Por fim, Phillipe irrompeu na clareira e parou de correr, com um arquejo de alívio. Virou-se, olhando para trás...

O luar cintilou na afiada lâmina da foice que Pitou empunhava. Os olhos do velho cintilavam maniacamente, ao descer a foice em arco, direta à cabeça de Phillipe. Este levantou as mãos, gritando.

Um rosnado fantasmagórico encheu-lhe os ouvidos, quando algo negro e imenso saltou, passando ao seu lado. Phillipe abriu a boca, ofegando de incredulidade, no instante em que um lobo atacou Pitou e o derrubou, enterrando as presas em sua garganta... Ficou ali, olhando por um momento interminável, vendo o velho lutar inutilmente, comprimido entre as queixadas da fera. Então, dando meia-volta, correu para a estrebaria.

— Senhor!... Venha depressa, senhor!... Lobo!... Lobo!... — Colidiu na entrada, depois escancarou as portas da estrebaria. — Senhor! Precisa vir comigo!

Navarre não se encontrava em lugar algum à vista. Phillipe deslizou antes de parar e girou em torno desesperadamente. O arco de Navarre estava contra a parede da estrebaria, em uma réstia de luar. Phillipe o agarrou, tirou uma flecha da aljava e correu para uma ampla fenda entre as tábuas da parede. Espiou por ela, com o suor escorrendo-lhe nos olhos.

Os gritos haviam cessado lá fora, mas os rosnados prosseguiram, enquanto o lobo se cevava no corpo de Pitou, terminando sua hedionda tarefa. Phillipe enxugou a testa com a manga e encaixou a flecha no arco. Fez pontaria para o lobo e tentou dispará-la. Seus braços retesaram-se ao máximo, porém o pesado arco de madeira mal se moveu. Ele cessou a pressão, arquejando, ao perceber com exasperação que o arco pertencia a um homem duas vezes mais forte. Tornou a erguê-lo, reunindo toda a força de seu pânico contra a madeira que não cedia. Pouco a pouco, ela começou a arquear-se.

Enluvada em negro, uma mão passou por ele e retirou a flecha do encaixe do arco.

Phillipe se virou.

— Mas, senhor! Há um...

Interrompeu-se, estatelado pelo que via à sua frente. A capa negro-vermelha de Navarre envolvia o vulto etéreo de uma esguia jovem. Por baixo das dobras do capuz, sua pele era alva como alabastro ao luar e o cabelo dela brilhava como prata. Os olhos verdes e luminosos o estudaram com estranha fascinação, como se há muito ela não tivesse visto outra face humana. Ele devolveu o olhar, porque jamais vira na vida um rosto tão lindo como aquele. Refletiu que a beleza não estava tanto na perfeição das feições, mas no radiante brilho existente em seus olhos. Na mão, ela segurava o talo de um dourado girassol, girando-o entre os dedos longos e delicados, enquanto sorria para ele, em suave perplexidade.

— Eu sei — disse ela e, por um momento, Phillipe nem mesmo recordou o que é que ela sabia.

O lobo uivou no terreiro lá fora, um uivo de amarga desolação. Os olhos da mulher tremeluziram na direção do som e seu rosto revelou uma estranha emoção.

— Quem...? — sussurrou Phillipe, trêmulo.

A mulher apenas se virou, passando silenciosamente ao lado dele, ao caminhar pára a entrada da estrebaria. Phillipe estendeu a mão.

— Não vá lá fora! Lá fora há um lobo! O maior que já se viu! E um homem morto! -

Ela nem mesmo pareceu ouvi-lo. — Senhorita! Senhora! Por favor! — gritou ele, impotente, enquanto ela desaparecia pela soleira.

Phillipe fechou os olhos, de cabeça baixa, prendendo a respiração, aterrorizado, esperando um grito que não veio. Tornou a abrir os olhos lentamente, piscando na direção da soleira vazia. Chocou-se contra a parede da estrebaria, as mãos úmidas aferradas à madeira lisa do arco de Navarre.

— Devo estar sonhando — murmurou -, mas meus olhos estão abertos. Isto quer dizer que talvez esteja acordado e apenas sonhando que durmo. Ou, mais provavelmente, talvez esteja dormindo e sonhando que estou acordado, perguntando-me se isto é um sonho...

A voz argentina da mulher flutuou suavemente pela soleira.

— Você está sonhando.

Phillipe deu um forte tapa no rosto e pôs-se de pé. Correu pela estrebaria e precipitou-se pela escada de mão que levava ao sótão. Engatinhou pelo feno e chegou ao retângulo pontilhado de estrelas na abertura do sótão, junto ao qual se deitou sobre o estômago, olhando para fora e para baixo.

Mais além, no espaço prateado pelo luar, viu a mulher mover-se lentamente pelo terreiro. A capa flutuava atrás dela, impelida pela brisa que agitava as folhas. O corpo de Pitou continuava na orla mais distante da clareira, perto de uma espécie de tenda mal-ajambrada, formada por galhos secos e gravetos. À distância o lobo espreitava, quando a mulher foi até o corpo e ficou olhando para ele. Phillipe não poderia dizer qual era a sua expressão. Inclinando-se, ela cobriu o homem morto com a capa de Navarre. Então, virando-se, fitou o lobo, os olhos cheios de uma raiva e pesar que, de certo modo, Phillipe sabia nada terem a ver com Pitou ou com o que o lobo fizera.

O animal era enorme. Phillipe calculou que devia pesar mais de cinquenta quilos. Seu pêlo espesso e negro como carvão era raiado de prata, como a figura encapuzada da mulher. Ele começou a aproximar-se, enquanto ela esperava serenamente ao luar. Phillipe crispou o punho e mordeu-o.

O lobo rodeou a mulher cautelosamente, chegando mais perto, afastando-se, com os pêlos arrepiados, os olhos ambarinos nunca se desviando do rosto dela. A mulher sorriu, como sorriria para um amigo querido. Estendeu a mão, chamando o animal, convidando-o a aproximar-se. Ele obedeceu com cautela, farejando. Suas mandíbulas, manchadas de escuro, se abriram. Phillipe conteve a respiração.

O lobo prendeu o braço da mulher entre as mandíbulas, mas os caninos reluzentes não derramaram sangue. As mandíbulas se fecharam tão levemente que aquilo era quase uma carícia. Então, ele a largou. A mulher ajoelhou-se e passou delicadamente o braço em torno do pescoço do animal. O lobo estremeceu ao seu toque, depois baixou a cabeça, em dócil aquiescência à sua afeição.

Phillipe rastejou para longe da abertura, incapaz de suportar o que via por mais tempo. Sentou-se na palha e recomeçou a tremer, agora mais do que antes. Olhando para a escuridão, sussurrou:

— Eu não vi o que vi, Senhor. E não creio no que creio.

Já ouvira intermináveis histórias de magia e feitiçaria, porém nunca vira nada disso acontecer, com seus próprios olhos. O medo do conhecido já era terrível o suficiente...

— Sei que existem coisas mágicas e inexplicáveis, Senhor... e peço que não me façam parte delas...

No entanto, mesmo quando ainda orava por sua exclusão, sabia já ser tarde demais.

CAPÍTULO 7

Marquet viajara a cavalo o dia inteiro e a noite, sem descanso, deixando três deles estirados no chão e mal parando tempo suficiente para conseguir uma montaria descansada nos postos de guarda ao longo da estrada. Por fim, ao amanhecer do novo dia, avistou as muralhas e torres de Áquila à frente dele na planície, ainda a quilômetros de distância. Chicoteou o cavalo coberto de suor e continuou o galope.

Navarre voltara — a notícia era ainda mais importante do que o pescoço de Phillipe Gaston ou o seu próprio. Marquet prosseguiu na galopada impiedosa para os portões da cidade, as patas do cavalo retiniram na ponte e finalmente no interior de Áquila, quase atropelando o guarda de serviço. O galope continuou pelas ruas, sem parar, e ele dirigiu o cavalo para a passagem escavada que dava acesso privado ao Castelo Áquila. Navarre estava de volta, buscando vingança — e o único homem que tinha mais a temer dele do que o próprio Marquet era o Bispo de Áquila.

Nas montanhas, Phillipe e Navarre seguiram a cavalo pela nova manhã, em um ritmo consideravelmente mais vagaroso. Phillipe espiava em silêncio o falcão que vojava por entre as árvores, ganhando velocidade quando disparava para o céu. Desde o amanhecer, quando a mão enluvada de Navarre o despertara, Phillipe vinha tentando ganhar coragem, a fim de contar a ele o que vira à noite. Uma parte de sua mente ansiava simplesmente em acreditar que nada daquilo acontecera, enquanto outra parte vacilava, ao pensar no ácido deboche de Navarre, quando tentasse descrever-lhe a cena. Contudo, a parte de sua mente que sabia o que sabia desejava desesperadamente alguma afirmação ou negação.

Navarre fez o garanhão parar inesperadamente, quando chegaram a pequeno e tranqüilo prado. Ali, ele desmontou...

— Vamos parar agora. Preciso dormir — disse.

Ao fitá-lo, Phillipe viu as profundas linhas de exaustão no rosto tenso do companheiro. Navarre afastou-se, caiu pesadamente ao solo sob o abrigo de uma árvore, e Phillipe percebeu que ele não havia dormido, na noite anterior. Não o vira retornar à estrebaria, nas longas horas em que

permanecera acordado, tenso, no sótão, de olhos abertos na escuridão, ouvindo cada rangido fantasmagórico das tábuas antigas...e contando os segundos até o alvorecer. Então, um pouco antes do dia clarear, seu corpo combalido se rendera às próprias necessidades e adormecera, tão profundamente que Navarre precisara sacudi-lo para que acordasse.

Phillipe ainda não podia imaginar onde Navarre estivera à noite inteira ou o que tinha feito. Contudo tinha certeza, de que o desaparecimento de seu companheiro e todo o resto estavam, de certa forma, relacionados entre si. Agora estava ainda mais certo de que Navarre era louco, se não possuísse — e depois de tudo quanto testemunhara ao luar, não tinha a menor intenção de fazer-lhe quaisquer perguntas embaraçosas. Nesse momento, entretanto, ele viu de repente a chance para seu incômodo assunto. Escorregou pelo traseiro de Golias e cruzou o prado, até o lado de Navarre.

— Eu também poderia tirar um bom cochilo, senhor. Depois dos acontecimentos desta noite...

Navarre acomodou-se melhor entre as folhas caídas, de olhos fechados, sem mostrar o menor interesse. Phillipe vacilou.

— Aquele lobo poderia ter-me liquidado, mas dilacerou a garganta do velho e me deixou em paz.

Ocorreu-lhe a idéia de que era quase como se o lobo lhe tivesse salvado a vida intencionalmente. Pela manhã não havia mais nenhum sinal do corpo de Pitou, mas o chão ensanguentado na orla da clareira era uma muda testemunha de que a morte do velho, pelo menos, fora real.

Navarre bocejou, de olhos ainda fechados. Naquela manhã, franzira o cenho, de rosto sombrio, deixando transparecer uma emoção intraduzível quando Phillipe lhe apontara a prova de seu miraculoso salvamento. De qualquer modo, Navarre se limitara a girar sobre os calcanhares, retornando à estrebaria em largas passadas, a fim de encalhar o cavalo. O

fato de não haverem esperado nem mesmo para preparar um desjejum quente, em vez disto comendo carne defumada e biscoitos de viagem sobre a sela, enquanto se distanciavam, foi tudo quanto disse a Phillipe que Navarre registrara o incidente. O desapontamento e a própria relutância tinham-no mantido silencioso pelo resto da manhã... até agora.

— Ainda houve mais — disse. Nenhuma reação. Respirou fundo.
— Havia uma dama.

Como porcelana fina, de cintilantes olhos de jade. Uma aparição celestial de alguma terra longínqua — A terra de seus sonhos. Ao recordar novamente o rosto dela, suas palavras jorraram: -E sua voz! Os mais doces tons de um anjo...!

Navarre abriu os olhos de repente.

— Ela falou? — perguntou. Phillipe assentiu com ansiedade.

— Perguntei-lhe se eu estava sonhando. Ela disse que sim. Então, e isto parece impossível de acreditar...

Navarre tornou a fechar os olhos e se virou, dando-lhe as costas. Phillipe baixou os olhos para ele.

— Não estou doido — falou, alteando a voz. — Deve acreditar em mim, quando lhe digo estas coisas!

Suas palavras roçaram o ombro de Navarre, que olhou para ele, sorrindo compreensivamente.

— Eu acredito. Acredito inteiramente em sonhos. Phillipe ficou desalentado.

— Compreendo — disse, começando a virar-se para ir embora, derrotado.

— Essa dama de seus sonhos tinha nome? — perguntou Navarre.

Phillipe se virou para ele.

— Não que ela mencionasse. Por que?

O sorriso permanecia no rosto de Navarre.

— Como já estou quase pegando no sono, pensei que poderia conjurá-la para os meus sonhos. Tenho esperado muito tempo para ver uma dama como a que descreve.

Phillipe o fitou, mais curioso e confuso do que nunca. Tornou a desviar os olhos quando o falcão começou a voar em descida, até pousar na sela de Navarre, como se atendendo a algum chamado silencioso.

— Vá dormir também — ordenou Navarre. — O falcão nos alertará se vier alguém.

— Socorro! Socorro!

Os grasnidos estridentes de um pavão ornamental ecoaram pelos decorados jardins do Castelo Águila, como os gritos de uma criança aterrorizada. Marquet irrompeu pelo pátio à semelhança do Ceifeiro Implacável, afugentando ignominiosamente a ave para longe.

Frades e clérigos ergueram os olhos de suas conversas em surdina quando o viram passar, indiferente à beleza daquele oásis de luxo, em meio

ao deserto de pobreza que era Áquila.

Marquet localizou a escolta e o secretário do Bispo no lado mais distante do pátio e encaminhou-se para lá, dobrando em ângulo ao lado de um cintilante chafariz de paredes ladrilhadas. O Bispo estava debaixo de uma amoreira, em íntima conversa com uma jovem estonteante, cujo vestido branco, enfeitado de penas, imitava a plumagem estendida do pavão. Na boca aberta da mulher, ele deixou cair um petisco apanhado sobre a bem-servida mesa, coberta de guloseimas ao lado deles, como se alimentasse um pássaro. O riso dela ecoou pelo jardim. Por trás dos dois, uma jovem freira tocava suave melodia em uma flauta, que interrompeu no momento em que viu Marquet aproximar-se, sem diminuir a pressa de suas largas passadas. Os outros clérigos se viraram, observando com desprazer a besta encharcada de suor que destruía a serenidade do jardim de Sua Excelência Reverendíssima.

O Bispo cessou a conversa e ergueu os olhos, para então ver seu Capitão da Guarda materializar-se imprópriamente diante dele. Seu rosto ficou rígido de desagrado, quando estendeu a mão. Marquet inclinou-se para beijar o anel de esmeralda e uma gota de suor sujo caiu sobre as vestes imaculadamente brancas do Bispo.

— Peço desculpas, Excelência Reverendíssima — disse Marquet, com uma careta.

O Bispo o encarou friamente.

— Já encontrou o criminoso Gaston?

— Ele... não está sob minha custódia no momento — murmurou Marquet.

O cenho do Bispo ficou mais franzido.

— E você invade este jardim, barbado, sem se lavar...

— Navarre voltou — disse Marquet asperamente.

O Bispo ficou hirto, tendo a sensação de que um raio o tocara. Olhou para a amante, com rosto tensamente composto. Assentiu polidamente para ela, escusando-se, e ficou de pé.

— Caminhe comigo — disse a Marquet.

Levou Marquet por aléias ladrilhadas, até um recanto desocupado do pátio. O Capitão da Guarda relatou-lhe brevemente o encontro na taberna, evitando encará-lo.

— O criminoso Gaston viaja com ele. Meus homens estão vasculhando as florestas.

Juntos. Eles estão juntos. O Bispo fitou a distância com olhos velados. Era um mau presságio. Navarre arriscara a vida para salvar Gaston. Isso só podia significar que ele sabia ter o ladrão descoberto um caminho de fuga para fora da cidade, uma debilidade nas defesas de Áquila. Para sua própria segurança, o Bispo deveria ter certeza absoluta de que ambos fossem destruídos. Tornou a olhar para Marquet.

— E o falcão?

— Como, Excelência Reverendíssima? — perguntou Marquet, com ar distraído.

— Deveria haver um falcão — disse o Bispo, com certa insistência. Marquet assentiu, recordando subitamente.

— Sim, há. Treinado para atacar. Ele desmontou Fornac. O Bispo sorriu de leve, incapaz de ocultar sua satisfação.

— Sim... — sussurrou. — Esse falcão teria... espírito. — Ergueu os olhos novamente, e Marquet ficou tenso, ante a abrupta mudança de sua expressão. — Não deve ser feito qualquer mal ao falcão, está bem entendido? — Sustentou inflexivelmente o olhar de Marquet, a voz extinguindo-se para um rude sussurro: — Ouça bem: no dia em que aquele falcão morrer, um novo Capitão da Guarda presidirá o seu funeral!

Marquet assentiu em silêncio, compreendendo aquilo perfeitamente.

O Bispo tornou a sorrir, vendo o medo e a confusão nos olhos de seu capitão. Sempre os deixe inseguros. Virou-se no pátio e vagorosamente conduziu Marquet de volta à entrada do jardim.

— Vivemos em tempos difíceis, Marquet — disse, em tom informal. — Esta penúria tem impedido que o povo pague o devido tributo à Igreja. — Fez um gesto na direção do palácio, elevando-se acima deles. — Aumentei os impostos somente para ser informado de que nada mais sobrou para eu taxar. Imagine!

Parou de repente, tornando a observar o rosto de Marquet com repentina e fanática intensidade. O capitão ficou imóvel, preso por aquele olhar.

— Esta noite, o Senhor Todo-poderoso visitou-me em sonhos -disse o Bispo suavemente. — Ele me disse que o mensageiro de Satã viajava entre nós e que seu nome era Charles de Navarre.

Marquet o olhou fixamente, o rosto brutal petrificado de surpresa. Caindo de joelhos, ele tomou a beijar o anel do Bispo.

— Vá. — O Bispo apontou para o portão. — Deixar de ter fé em mim é deixar de ter fé Nele.

Marquet levantou-se e caminhou com pressa para a saída, um homem empenhado em uma santa missão de extermínio. O Bispo se voltou para o secretário, esperando a alguns passos atrás dele.

— Traga-me César — disse. Precisava ter certeza absoluta...

Navarre despertou de um sono profundo quando um som que identificou quase instintivamente lançou o alarme em seu subconsciente. Abriu de todo os olhos e o corpo ficou tenso, preparado para a ação imediata, obedientemente imóvel. A tarde ia pelo fim.

Seus olhos perscrutadores descobriram o falcão empoleirado em um galho de árvore acima dele, com a mais absoluta calma, a cabeça curiosamente de banda, enquanto espiava algo pouco abaixo.

O som repetiu-se — o vooosh de uma espada varando o ar. Navarre ergueu a cabeça e sorriu. Descansando sobre os cotovelos, observou o jovem ladrão que tornava a girar sua espada de lâmina larga, com expressão de malévolo triunfo, atacando inimigos invisíveis.

O rapaz precisava usar ambas as mãos apenas para erguer a espada, cambaleando a cada golpe da lâmina, o peso do corpo e o ímpeto fazendo sua figura miúda girar. Navarre ficou de joelhos.

Phillipe dividiu outro adversário ao meio, enquanto abria caminho, lutando, através da traiçoeira emboscada, na direção de sua amada indefesa. Qualquer outro homem teria sido irremediavelmente suplantado, porém ele era o Cavaleiro Negro, que batalhava com a força e perícia de dez. Ergueu a espada para outro golpe...

E rodou sobre si mesmo, quando um braço envolto em negro arrancou-lhe a espada das mãos, sem o menor esforço.

Navarre deixou a espada cair na terra entre eles e sentou-se no arco-íris de folhas caídas, debaixo da árvore...

— Esta espada esteve em minha família durante cinco gerações - disse, em voz tranqüila — e jamais conheceu derrota em batalha.

Seus olhos azuis encontraram os castanhos de Phillipe, mostrando uma leve censura, mas ele sorria. Estendendo a mão, acariciou o punho da espada.

Era uma peça muito bela, como Phillipe havia observado, com respeito e admiração.

Duas enormes pedras preciosas estavam incrustadas na parte inferior da cruzeta e mais outra na metade do punho.

— Esta pedra representa o nome de minha família. Esta aqui nossa aliança com a Santa Igreja em Roma — Navarre tocou ligeiramente as duas pedras na cruzeta. — E esta acrescentou, tocando a terceira — é de Jerusalém, onde meu pai lutou contra os sarracenos.

Sua mão parou, os dedos explorando a montagem vazia, no punho da espada. Ergueu os olhos para Phillipe e este ficou lívido, quando algo demasiado sabido e expectante encheu os olhos do outro homem. Então era para aquilo que Navarre queria um ladrão -

um ladrão que enchesse aquele buraco para ele, roubando uma pedra preciosa do tamanho de um ovo de pássaro? Phillipe pigarreou.

— Senhor... não está pensando que eu... — gaguejou, pousando as duas mãos no peito.

— Não — disse Navarre, em tom sombrio. — Cabe-me preencher este vazio. Cada geração é convocada a encontrar sua missão especial.

Phillipe deixou os braços caírem, aliviado, mas cautelosamente intrigado. Navarre estava, de fato, confiando nele, não por querer que ele roubasse, mas então porque talvez o respeitasse verdadeiramente, afinal.

— E qual é... a sua missão? — perguntou, ansioso.

Viu-se cavalgando para longe com Navarre em uma expedição de cavaleiros, em busca dos tesouros de um glorioso reino perdido... Navarre levantou os olhos para ele.

— Matar um homem.

O rosto de Phillipe perdeu a expressão. Disse, desapontado:

— Bem, lamento o pobre coitado. — Em sua opinião, Navarre não teria o menor problema em cumprir tal façanha e seria interessante assistir. — Esse cadáver ambulante tem nome?

Navarre ficou em pé lentamente.

— Sua Excelência Reverendíssima, o Santo Bispo de Áquila. Phillipe pestanejou.

— Estou entendendo — disse em voz fraca. Por experiência pessoal, sabia que os motivos de Navarre para querer matar o Bispo deviam ser excelentes. Contudo, com a mesma certeza, não sentia a menor vontade de saber quais seriam. Por um instante, esquecera que Navarre era louco. Os últimos toques diáfanos de devaneio sumiram de sua visão, quando ele bateu a mão na outra. — Bem! Sendo assim... o senhor tem muito a fazer e

já lhe fui uma carga bastante pesada. Espero que nossos caminhos um dia se cruzem novamente.

Recuou um passo, com um aceno de despedida. Navarre hesitou, ao ver que Phillipe começava a recuar. Forçou o rapaz a encontrar-lhe os olhos.

— Venha comigo a Áquila.

Phillipe balançou a cabeça.

— Nem pela vida de minha mãe! Mesmo que soubesse quem foi ela.

Deu outro passo, lançando um olhar para as árvores. Navarre conteve a impaciência.

Aquele momento estava correndo tão mal quanto imaginara.

— Preciso de sua ajuda para entrar na cidade. Você é o único que já conseguiu escapar de lá.

— Escapar? — Phillipe riu, bruscamente — Eu caí em um buraco e segui meu nariz!

— Então, siga-o de volta novamente! — exclamou Navarre, impaciente.

Adiantou-se, amaldiçoando o torcido destino que o forçava a depender daquela mísera pulga humana para sua salvação.

— Não me quer em sua companhia para uma missão de honra senhor — disse Phillipe, em tom suplicante. — Não passo de um punquista, um ladrão profissional!

Navarre o agarrou pela frente da túnica, quase o erguendo no ar. O rapaz encolheu-se, fugindo ao seu olhar, procurando esquivar-se á fúria animal que o outro sentia aumentar dentro de si. Navarre respirou fundo, obrigando a mente a permanecer racional. Lenta e dolorosamente, tentou explicar:

— Durante dois anos, esperei ouvir soarem os sinos de alarme em Áquila. Dois anos sem um teto sobre minha cabeça, evitando as patrulhas do Bispo, ganhando tempo, esperando um anal de Deus de que chegara o momento de meu destino. — Seus olhos procuraram os de Phillipe e penetraram nas pupilas amplas e fixas, chegando à mente brilhante e engenhosa que sabia escondida atrás do medo daqueles olhos. Sorriu, um sorriso calmo e inflexível. — E aqui está você, rapaz.

Navarre soltou Phillipe.

— Eu? — Phillipe se compôs rapidamente, endireitando a túnica.

Encarou Navarre teimosamente. — A verdade, senhor, é que converso com o Senhor o tempo todo e, não se ofenda, mas Ele nunca o mencionou.

Phillipe empinou o queixo, ao terminar de falar. Navarre pegou sua espada do chão e a esgrimiu de um lado para outro facilmente, com apenas uma das mãos. Tornou a olhar para Phillipe.

— Talvez você esquecesse de perguntar.

Phillipe engoliu em seco, visivelmente ao ver a lâmina afiada como navalha cortando o ar. Seus olhos escuros ficaram graves.

— Senhor — disse — sou tão comum como a terra. Com medos comuns e esperanças comuns para mim mesmo. Existem... — Remexeu-se, por uma vez sem encontrar as palavras certas. — Existem forças estranhas agindo em sua vida, forças mágicas que o cercam. Estão muito além da minha capacidade de entendimento, mas... — Sua voz extinguiu-se. — Elas me dão medo.

Navarre nada disse. Phillipe fez uma careta.

— O senhor me deu a vida, mas a verdade é que nunca poderei retribuir-lhe. Não tenho honra, jamais a terei.

Deu de ombros. Navarre o encarou, com expressão inflexível, e então ele prosseguiu, em tom firme:

— Não acredito que me mate por eu ser simplesmente o que sou. — Respirou fundo e meneou a cabeça. — Contudo, seria melhor do que voltar a Áquila — acrescentou, crispando os punhos.

Navarre percebeu subitamente o quanto o rapaz parecia pequeno e indefeso; e como ele devia parecer a Phillipe — um homenzarrão com duas vezes o seu tamanho, armado com uma espada, arrastando-o para uma vingança pessoal que, provavelmente, era suicida.

Phillipe virou as costas e caminhou devagar para a floresta. Navarre o viu afastar-se, vendo o destino escapar-lhe das mãos e desaparecer sua última esperança. Os passos do rapaz apressaram-se. De repente, Navarre ergueu a mão e arremessou a espada como um dardo.

A lâmina enterrou-se em uma árvore, a dez centímetros da cabeça de Phillipe. O rapaz deu meia-volta, olhando para trás com o coração na garganta. Viu a expressão de Navarre — gélida, mortal. Aquele era o rosto de um homem inteiramente obcecado.

Phillipe sabia que agira errado. Tornou a fitar a espada, oscilando na árvore. Sorriu da maneira mais insinuante que pôde enquanto se

inclinava e recolhia um galho seco, sem afastar os olhos de Navarre.

— Acho que vou juntar um pouco de lenha para o fogo...

A noite era calma, em tomo do acampamento; as brasas não cuidadas da fogueira pulsavam vermelhas, como sóis agonizantes. Golias relinchou e pisoteou, pastando a relva, atado à borda da clareira, com a espada embainhada de Navarre pendendo de sua sela.

Um graveto estalou na floresta escura, além do fogo. Golias ergueu a cabeça, de orelhas espetando o ar. Outro graveto estalou. A jovem que chamara o lobo a si na noite anterior surgiu cautelosamente da escuridão. Usava uma túnica e calças de homem, com uma curta adaga à cintura. Seus cabelos louros e descobertos estavam coitados curtos como os de um homem ou de alguém em luto. Avançou para a clareira cercada de rochas, olhando para a direita e a esquerda, nervosa, mas expectante. Tudo ali estava solitário, a não ser pelo garanhão. Ela suspirou, resignada a outra noite de solidão. Golias rinchou baixinho, em reconhecimento. Ela deixou cair outro ramo seco no fogo e foi até o cavalo, oferecendo-lhe a palma aberta, para que farejasse e lambesse.

Os olhos dela moveram-se até a espada pendendo da sela. Ficou hirta, ao ver algo enfiado abaixo do punho. Moveu-se ao longo do dorso do garanhão e recolheu a pena de sob a espada. Erguendo-a ao luar, maravilhou-se ante os sutis padrões de luz e escuridão no sentido de seu comprimento. Seus dedos traçaram delicadamente o frágil perfil da pena e ficou como que enfeitiçada, dando a impressão de que tocava parte de alguma criatura com a qual sentia um misterioso parentesco. Sorriu, um sorriso não dirigido a ninguém mais além de si mesma. Sua mente se encheu com distantes ecos de altaneiro vôo, ao deixar a pena voar até o chão.

Estendendo o braço, desencilhou o garanhão e retirou a sela de seu lombo, com a facilidade de longa intimidade, depositando-a debaixo de uma árvore. Desatou a corda que prendia o cabresto de Golias. O cavalo deu um breve relincho de protesto, quando ela o afastou de sua refeição.

— Oh, pssst! — murmurou a jovem.

Atirou a ponta das rédeas sobre a cernelha do animal. Em seguida, aferrando-se a punhados da crina farta, içou-se com facilidade para o dorso de Golias. Sorriu, afagando-lhe o pescoço.

— Agora, vejamos se você recorda tudo quanto aprendemos - sussurrou.

Comprimiu as pernas e ele avançou, trotando lentamente em redor da fogueira.

Então, começou a dançar. Em resposta aos meneios do peso da jovem, à pressão das pernas em seus flancos, às ordens quase inaudíveis, o cavalo de combate movimentou-se segundo os belos e complexos padrões de adestramento feito por ela, através de noites intermináveis como aquela.

Enquanto circulavam pela clareira como uma só criatura, em perfeita comunhão, ela quase chegou a acreditar que estava de volta a seu lar em Anjou, novamente uma menina.

Se fechasse os olhos, podia ser aquele outro eu, cavalgando interminavelmente ao longo do brilhante e ensolarado vale do Loire, através das cores do dia...

— Pssst!

Ela abriu os olhos. Fez Golias parar instintivamente, o coração batendo forte, perguntando-se se não estaria ficando louca. Não querendo acreditar que realmente ouvira outra voz humana sussurrando na noite. Perscrutou a escuridão à sua volta, sem nada enxergar.

— Pssst! Senhora! Aqui em cima!

Ela ergueu os olhos e pestanejou de espanto. Pendurado em um forte galho, logo acima de sua cabeça, estava o rapaz de feições doces que vira na noite anterior, amarrado como valiosa peça de caça. Tinha as mãos atadas às costas e a longa corda que o mantinha suspenso passava por sua garganta, impedindo-lhe qualquer movimento. Ele parecia bastante desconfortável, mas sorriu para ela, esforçando-se em mostrar despreocupação.

— Lembra-se de mim?

— O que faz aí em cima? — perguntou ela, incrédula. Percebeu que talvez não era o que deveria ter dito, mas já quase esquecera como falar com outro ser humano.

— O que faço... Ah... Bem, creio que talvez devesse perguntar, sim, de fato. . . — Os olhos do rapaz fixaram-se além dela e era visível que pensava rapidamente. — Os guardas do Bispo! Uma dúzia deles! Tivemos uma luta terrível!

Ela ergueu uma sobrancelha, duvidando.

— Por que eles não o mataram?

— Por que eles não... Oh, sim, eu mesmo lhes pedi que fizessem isso! — Phillipe assentiu e piscou.

— E? — insistiu ela.

— E? — replicou ele, apaticamente.

— O que eles disseram?

— Ora, quanto a isso... — Phillipe olhou na direção do céu. — Bem, preferiram deixar a honra para o Bispo!

Ela baixou o rosto, a fim de ocultar o sorriso. Reconhecia o trabalho manual de Na varre; ele devia ter amarrado o rapaz ali no alto, deixando-o indefeso, mas sem que se machucasse. Contudo, era impossível saber que motivos o levaram a fazer aquilo. E, afinal, como se explicava a presença do rapaz naquele lugar? Imaginara-o apenas o filho de algum camponês. Contudo, ele expressava-se muito bem — como também era bom mentiroso — para ser um mero rapazinho camponês. Estaria seguindo Navarre? Tomou a olhar para ele, indecisa.

— Por favor, senhora! — exclamou o rapaz, em tom patético. -Uma coruja gigantesca examinou-me cautelosamente, não faz um minuto...

Ela o observou pensativamente, considerando as possibilidades alternativas. Não...

Não podia passar a noite inteira com aquele pobre coitado oscilando de uma árvore, sobre sua cabeça. Ele parecia totalmente inofensivo. De repente, a ânsia por uma companhia humana, pelo som de uma voz que não fosse a sua, se tornou insuportável. Pegou sua adaga. A dúvida, depois a gratidão, inundou os olhos do rapaz, quando ela ergueu o braço e libertou suas mãos. Deslizando do lombo de Golias, a jovem cortou a corda que o amarrava à árvore. O rapaz desemaranhou-se da corda e caiu ao chão ao lado dela, sacudindo as mãos entorpecidas.

Um lobo uivou em algum lugar, na escuridão. Ela olhou na direção do som, o coração comprimido por súbito pesar. O lobo tornou a uivar e a jovem se virou para o rapaz, tranqüilizadora.

— Escute, não há nada a...

Interrompeu-se, porque a clareira estava vazia. O rapaz desaparecera.

A jovem fez uma careta de desalento, crispando os punhos. Esquecera, mais do que imaginava, como se portavam os seres humanos... Navarre ficaria furioso. De repente, ela sentiu vontade de ouvir-lhe á voz, mesmo que alteada pela raiva, mesmo que gritando com ela — era uma ânsia tão profunda e sem esperanças, como sua ânsia pelo sol. Meneou a cabeça e, resignada, ficou de frente para a floresta, ouvindo, esperando.

CAPÍTULO 8

Phillipe caminhava pesadamente, aos tropeções, através do radioso alvorecer.

Caminhara a noite inteira, ansioso em aumentar ao máximo a distância entre ele e a fantástica clareira. Seu rosto estava riscado de arranhões, as roupas cheias de folhas e de terra, resultantes das quedas na escuridão, mas era um pequeno preço a pagar, a fim de ficar livre de Navarre. Começou a subir para a crista ensolarada de outra comprida ladeira, mas parou, farejando o ar com repentino interesse. Sorriu. Lá no alto, alguém cozinhava um desjejum. Ele lambeu os lábios e continuou subindo.

Enquanto isso, quilômetros atrás dele, Navarre chegava ao acampamento com o sol nascente, o rosto marcado pela fadiga. Em largas passadas, caminhou diretamente para a árvore onde deixara Phillipe. Um só olhar para o tronco vazio e as cordas cortadas, caídas no solo, disse-lhe tudo. Sua boca contraiu-se. Ela libertara o rapaz. Claro que libertara.

Não havia percebido, ele devia ter-lhe deixado uma nota, avisando-a de algum modo.

Esmurrou o tronco, furioso com a própria estupidez, sua impotência. Afastou-se do cenário de seu fracasso e caminhou para a fogueira moribunda, tentando consolar-se com a idéia de que nada conseguiria do rapaz, de qualquer maneira. Quis convencer-se de que realmente nada perdera — de que, afinal de contas, não podia perder o que nunca tivera...

O garanhão grunhiu e ele ergueu os olhos. Ficou estatelado, espiando. A visão à sua frente era tão incongruente que teria achado graça, mesmo se caminhando para os calabouços. Golias continuava debaixo da árvore, justamente onde o deixara na noite anterior. Exceto que, durante àquelas horas, alguém trançara a espessa crina do garanhão e a encaracolara em anéis. O girassol que colhera na herdade e deixara para ela, estava entrançado no topete do cavalo. Navarre jamais vira um cavalo parecer

constrangido — até agora. Atravessou a clareira e chegou ao lado do garanhão, ainda sorrindo. Meneou a cabeça.

— Pobre bastardo — murmurou, com a garganta opressa. — Você também é impotente contra ela, não?

Phillipe agachou-se no topo da montanha e espiou ladeira abaixo. No vale, podia vislumbrar vagamente figuras que se moviam, meio escondidas pela fumaça espessa de sua fogueira. A conversa truncada do grupo chegava debilmente a seus ouvidos. Parecia ser um grande grupo. Começou a levantar-se, hesitante, sopesando a cautela contra a fome.

Uma pesada mão se fechou em seu ombro, fazendo-o virar-se.

Phillipe ficou de boca aberta, mas nada tinha a dizer ao enorme guarda, cujas mãos o comprimiam como um torno. O homem sorriu amplamente.

— Junte-se a nós! — exclamou.

Empurrou Phillipe pela borda da montanha. O rapaz rolou loucamente, descendo e descendo, a cabeça acima dos calcanhares, através de rochas e arbustos, até chegar ao fundo. Escarrapachado de costas, esforçava-se para levantar a cabeça, quando outro conjunto de pernas uniformizadas elevou-se acima dele. Piscou para enxergar melhor e olhou seu captor.

— Ora, ora! — exclamou Fornac. — Está um bocado longe dos esgotos, ratinho! Desta vez, os drinques são comigo...

Phillipe revirou os olhos e deixou a cabeça cair para trás, soltando um leve gemido.

Os outros guardas tinham-se aproximado e permaneciam agrupados à sua volta.

Fornac o aferrou pela túnica, suspendendo-o até ficar sentado.

— Onde está Navarre? — perguntou.

— Navarre, Navarre... — Phillipe sacudiu a cabeça freneticamente, procurando ordenar as idéias. Fornac ergueu um pulso coberto com a cota de malha e o manteve crispado, diante de seu rosto. — Ah! Homem grande, cavalo negro? Foi para o sul, pela estrada que leva a Áquila!

Phillipe acenou com a mão, indicando uma direção que esperava fosse a certa. Um dos guardas sorriu significativamente.

— Quer dizer, então, que iremos para o norte, não, senhor? Phillipe empertigou-se, sentado no chão.

— Não é polido imaginar que alguém seja mentiroso, quando acabou de conhecê-lo! -

exclamou, indignado.

Fornac o estudou, de cenho franzido.

— Não obstante, você sabia que iríamos... — disse lentamente. -
Iremos para o sul — para Áquila!

Phillipe praguejou em silenciosa frustração, uma vez que seu plano lhe picava a própria mão, como uma serpente. Os homens de Fornac puseram-no em pé, empurrando-o para o acampamento. Ele caiu de joelhos, entorpecido, quando dois homens lhe prenderam as mãos às costas, com correntes. Depois o içaram para um cavalo com cabresto e ataram seus pés juntos, por baixo da barriga do animal. Phillipe ficou olhando os guardas levantarem acampamento a toda pressa, ansiosos pela caçada — ansiosos para que ela terminasse, com a morte de Navarre. Ergueu os olhos para o céu, onde pesadas nuvens acinzentadas se espalhavam, encobrindo o sol.

— Eu falei a verdade, Senhor — disse, morosamente. — Como posso aprender alguma lição de moral se continuas a confundir-me deste modo?

Fornac seguiu ao lado de Phillipe, do alto da sela segurando as rédeas também do cavalo dele. A guarda montada começou a afastar-se, seguindo para o sul, rumo à estrada de Áquila.

Em seu cavalo, Navarre seguia taciturnamente pela estrada de Áquila, debaixo de um céu cinzento, tomado de nuvens baixas. Ia para a cidade, com ou sem o rapaz. O Bispo de Áquila morreria ou ele é que perderia a vida, tentando chegar até seu adversário. Agora, nada mais lhe importava senão o fato de que entrara em ação. Fartara-se de esperar por um sinal que nunca viria. . . E sempre, no fundo da mente, sabia que era o vencido, fosse qual fosse o resultado do encontro final.

Um vento carregado com a promessa do inverno gemeu por entre as árvores, erguendo redemoinhos de folhas secas e terra solta. Navarre levantou o braço, protegendo os olhos. Encarapitado em seu outro braço, logo abaixo do cotovelo, o falcão aninhou-se contra seu lado, em busca de proteção e calor.

Um galho seco estalou na estrada, ao lado dele. O garanhão refugou; o falcão elevou-se nos ares, com um grasnido assustado. Navarre tranqüilizou o cavalo com uma palavra carinhosa, tornando a olhar em frente. Além dele, nada mais viu senão o campo aberto, alguns celeiros

abobadados e um distante rebanho de ovelhas. Imprimiu um meio galope à montaria e avançou inocentemente para a emboscada.

Fornac e seus homens mantinham-se silenciosos entre os arbustos de meia altura ao longo da estrada, esperando e observando, quando Navarre e seu cavalo surgiram à vista.

Deitado de bruços e cercado pelos guardas, com uma mordaca na boca, Phillipe tinha as mãos acorrentadas às costas. Ergueu a cabeça e, horrorizado, viu Navarre avançar para a morte. Aquele homem podia ser um louco, mas ao contemplar sua figura orgulhosa sobre o garanhão negro, compreendeu apenas que quem salvara duas vezes sua vida imprestável não merecia morrer daquele jeito. E lá, no fundo de sua mente, havia a dolorosa percepção de que, de alguma forma, tudo aquilo era culpa sua.

Fornac assentiu e Phillipe ouviu os leves estalidos de balistas sendo carregadas à sua volta. Mascou sua mordaca, careteando e torcendo o rosto, forçando-a a ficar no meio da boca. Mais abaixo na estrada, viu as orelhas do garanhão se empinarem, como se pressentisse algo à frente. Navarre diminuiu a marcha.

A mordaca escorregou para dentro da boca de Phillipe. Ele olhou para os lados e pestanejou com força, quando viu todos aqueles homens armados à sua volta. Aquela gente iria matá-lo instantaneamente, se emitisse o menor som para avisar Navarre.

Entretanto, se ficasse quieto, os guardas matariam Navarre. . . Phillipe fechou os olhos, ainda não acreditando bem no que pretendia fazer, e tomou uma profunda respiração.

De repente, muito acima, um falcão grasniou. O garanhão empinou-se na estrada, no momento em que Phillipe abria a boca para gritar. O guarda perto dele olhou em tomo — e esmagou-lhe a boca com a mão.

Phillipe a mordeu com força. O homem deu um berro. — Fogo! — gritou Fornac, furiosamente.

— Uma saraivada de flechas choveu sobre Navarre. Phillipe viu uma atingir-lhe a perna e logo o sangue se espalhou sobre a sela. O falcão — grasniou estridentemente de fúria, em vôo direto para baixo, quando Navarre puxou a espada e fez o cavalo dar meia-volta.

Esquecido no chão, enquanto os guardas recarregavam as armas, Phillipe ouviu berros e gritos, no momento em que Navarre começou a lutar contra seus atacantes.

Rolando sobre o corpo, conseguiu ficar de joelhos, ansiando por uma chance para fugir dali. Viu Fornac erguer os olhos para o falcão que descia, em investida para atacar, e o rosto do homem estava crispado pelo ódio. Por duas vezes a ave salvara o dono de suas mãos e ele não pretendia deixá-la escapar, para tomar a salvar Navarre. Fornac levantou a arma e fez pontaria.

Trincando os dentes, Phillipe arqueou o corpo e puxou bruscamente para baixo as mãos acorrentadas às costas. Espremendo-se, conseguiu passar pela alça da corrente e então saltou sobre Fornac, por trás do homem. Atirando a corrente por sobre a cabeça do guarda, apertou-a com força. As mãos de Fornac voaram para a garganta e seguraram a corrente. Phillipe jogou todo o seu peso contra ela, mas não foi o suficiente.

Em um movimento brusco, Fornac puxou a corrente para baixo, fazendo com que Phillipe voasse por cima de sua cabeça. Depois atirou-o de lado com tremendo soco e inclinou-se para recolher a balista. Montando em seu cavalo, ele perscrutou o campo de batalha e o céu.

O falcão agora estava fora de sua vista, em vôo picado, mergulhando em auxílio de Navarre, enquanto o garanhão negro carregava obstinadamente contra os arbustos, como um juggernaut. Navarre parecia um possesso ao lutar e obrigava os guardas à retirada, ante a fúria de seu ataque. No entanto, quando eles recuaram, de repente deixaram-no com as costas expostas, um alvo perfeito na Unha de fogo de Fornac. Este apertou os olhos com satisfação, ao erguer a balista para um tiro que não podia falhar.

Phillipe lutou para ficar de joelhos, ao ver Fornac fazer pontaria. Encontrou uma pedra e a jogou. Ela bateu no capacete do guarda e a flecha partiu sem direção, uma fração de segundo antes da dor explodir em sua própria cabeça, ao receber de Fornac outro soco que quase o esmagou.

Ele nunca ouviu o grasnido agudo do falcão, quando aquela flecha sem rumo atingiu seu peito. Navarre, contudo, ouviu. Olhou para cima, impelindo à sua frente os guardas que recuavam, e o viu cair do céu, em uma lufada de penas, agitando as asas desesperadamente. Navarre gritou, como se a flecha houvesse atingido seu próprio coração. O garanhão corcoveou, quando ele puxou as rédeas convulsivamente.

Além dos guardas, ele divisou Fornac no meio da estrada, a cavalo, empunhando a balista. O guarda sorria selvagememente. Navarre arremeteu

para ele com um rugido de fúria, esgrimindo a espada. Fornac ergueu a balista e tomou a disparar.

O dardo penetrou fundo no ombro de Navarre, derrubando-o da sela. A espada lhe escapou da mão, quando caiu e se chocou duramente contra o solo, onde ficou caído por um longo momento, ofegando de dor. Então, ao erguer a cabeça com esforço, viu que o outro arremetia, de espada erguida.

Navarre ficou de joelhos com dificuldade, sem armas e desesperado. Ao baixar os olhos, viu o dardo que se projetava de sua perna e arrancou-o. Ficou então de pé, cambaleante, segurando o dardo, enquanto o cavalo de Fornac arremetia em sua direção.

Agachando-se no último instante sob a lâmina do adversário, Navarre enfiou-lhe o dardo no peito. O ímpeto do cavalo fez o dardo enterrar-se no coração de Fornac, e o impacto o derrubou da sela. Ele já estava morto antes de bater no chão.

O baque do choque também teve efeito sobre Navarre, que recuou e caiu. Lutou para levantar-se novamente, coberto de sangue, seu e de Fornac. Olhando em torno, avistou sua espada, recolhendo-a. Os últimos guardas ainda de pé, começaram a recuar de sua proximidade e então, desfazendo-se das armas, pegaram suas montadas e galoparam para Áquila.

Fora de si, Navarre seguiu aos tropeções pela estrada, em meio à carnificina, até onde o falcão havia caído. Golias o seguiu, como uma sombra enorme. O falcão jazia caído em terra, com o dardo apontando debaixo de sua asa encharcada de sangue, os fogosos olhos dourados agora vidrados de dor. Navarre fincou a espada no chão e caiu de joelhos ao lado da ave, torcendo as mãos. O sangue de seus ferimentos manchou o solo onde ela jazia, mas ele esquecera o próprio sofrimento. Ergueu o falcão com mãos trêmulas e, delicadamente, tentou limpar-lhe o ferimento, a fim de verificar sua gravidade. Tinha sido bastante profundo. Ele olhou para cima, na direção oeste, onde o sol flutuava como ouro derretido, pouco acima da crista das montanhas distantes. Lágrimas de pesar e ódio manaram de seus olhos. Tornou a contemplar o falcão que jazia indefeso em suas mãos.

— Que Deus me ajude — orou, pela primeira vez em anos. — Ajude-me...

Uma sombra caiu sobre ele. Sobressaltado, ergueu o rosto e viu a face de Phillipe Gaston. O jovem ladrão olhava para ele, pálido e atordoado,

com o sangue de um ferimento na cabeça escorrendo pelo pescoço. Uma corrente pendia de suas mãos presas.

Os olhos escuros de Phillipe encheram-se de pesar, ao verem a ave ferida. Quando tomaram a encontrar os de Navarre, este viu algo ilegível cintilar em suas profundezas.

Por um momento, pensou que o rapaz fosse dar meia-volta e fugir. No entanto Phillipe permaneceu enraizado onde estava, como ama adaga atraída por um ímã.

Navarre não podia imaginar o que o rapaz fazia ali e tampouco tinha tempo para preocupar-se com isso. Apoiando-se pesadamente na empunhadura da espada, conseguiu ficar de pé, com a ave aninhada na mão. Estendeu o falcão para Phillipe e disse, em voz enrouquecida:

— Tome. Vá buscar ajuda!

— Eu, senhor? — exclamou Phillipe, incrédulo.

— Não tenho mais ninguém, senão você. Phillipe mordeu o lábio.

— Senhor... a pobre coisa acabou-se — disse, suavemente. Navarre ignorou as palavras, mantendo-se de pé com esforço.

— Há uma abadia no topo de uma daquelas montanhas. Nela você encontrará um monge. Irmão Imperius. Entregue-lhe o falcão. Diga a ele que pertence a Charles de Navarre. Ele saberá o que fazer.

— Senhor, eu...

Phillipe ergueu as mãos acorrentadas.

— Ajoelhe-se.

Navarre colocou o falcão no solo o mais delicadamente que pôde e puxou sua espada da terra. Phillipe obedeceu, pestanejando quando o outro dividiu a pesada corrente entre seus punhos com um só golpe.

— Pegue meu cavalo e vá, rapaz. Agora!

Phillipe ficou de pé e virou-se para Golias. O garanhão murchou as orelhas e corcoveou, empinando-se sobre as patas. Phillipe saltou para longe.

— Mas, senhor... — ele olhou para Navarre. — O senhor é o único que pode montá-lo, e...

Navarre gritou uma ordem furiosa para o garanhão negro e ele acalmou-se instantaneamente. Ficou esperando, de orelhas em pé. A mão livre de Navarre agarrou Phillipe pelo cangote.

— Ande, rapaz!

Erguendo-o no ar, ele o colocou sobre a sela. Depois que Phillipe ajeitou-se, Navarre estendeu-lhe o falcão, embrulhado em uma camisa que tirara dos alforjes da sela. Phillipe aninhou vivamente a ave ferida na dobra de um braço e Navarre colocou as rédeas do garanhão em sua mão.

— Fique sabendo de uma coisa — disse, quando o rapaz tornou a fitá-lo — se você deixar de ir à abadia, eu o seguirei pelo resto de meus dias e o encontrarei. Então, cortarei seu corpo desgraçado em pedacinhos próprios para moscas!

O rosto pálido de Phillipe ficou lívido. Assentiu, com absoluta compreensão do que ouvira, e afastou-se a cavalo pelo campo aberto. Navarre levou a mão ao ombro, até o dardo que ainda sobressaía dele. Puxou-o bruscamente. Estremeceu de dor, mas seus olhos permaneceram fixos na figura que cada vez mais ia diminuindo na distância.

CAPÍTULO 9

Phillipe olhou para trás, sobre o lombo do cavalo que seguia em frente, e viu Navarre de pé, como um monumento esculpido em pedra, a sombra alongando-se através do campo de batalha, projetada pelo sol poente. Enquanto olhava, o homem de pedra desmoronou e caiu. Phillipe tornou a olhar para diante, na direção das montanhas purpúreas, de rosto tenso, apressando a marcha de Golias.

No lado mais distante do campo, alcançou outra estrada, que serpenteava para o alto, subindo as montanhas a que Navarre o enviara. Golias tomou a estrada de bom grado, parecendo saber quase por instinto para onde se dirigiam. Enquanto isso, Phillipe sustinha o falcão, como se fosse feito de vidro.

Golias movia-se tão fluidamente como água sob ele, ao iniciarem a subida pelas ladeiras que se encobriam de sombras, com isso dando a impressão de que até ele procurava poupar sofrimentos ao falcão. Entretanto a ave grasniou fracamente, enquanto passavam à sombra de um penhasco maciço. Phillipe diminuiu a marcha do garanhão e olhou para o falcão.

— Está tudo bem — sussurrou. — Eu vou levar você. Ergueu o rosto para a montanha e conteve a respiração.

Acima dele, no alto, erguiam-se as ruínas de uma outrora imponente abadia, banhada pelos raios do sol que se punha. As linhas cruas de suas paredes desmoronando e erodidas pelas intempéries mostravam as pedras suavizadas por uma massa de heras e trepadeiras.

Seu campanário, ainda intacto, olhava para o vale abaixo como silenciosa sentinela.

Era aquilo que Navarre o mandara encontrar. Phillipe tornou a olhar para a ave. A camisa que a embrulhara estava manchada de sangue. O dardo apontando debaixo de sua asa parecia fatalmente grande, contra seu corpo frágil e pequeno.

— Lá está... Vê? A abadia!

Colocou a mão em concha sob a cabeça do falcão, ternamente, procurando tranqüilizá-lo. O bico aguçado e pontudo da ave beliscou-lhe os dedos e ele puxou a mão depressa, assustado.

— Bem, isso é gratidão... Está certo — disse, exasperado. — Que esse tal Imperius presencie sua morte, porque tenho minha própria vida com que me preocupar! — Irritado, perguntou-se como um louco se daria a tantos cuidados com um selvagem e ingrato animal. — Você é testemunha! — disse para o garanhão.

Golias limitou-se a abandonar a estrada, enveredando pela trilha estreita que serpenteava até o alto do pico.

Phillipe fez alto diante do portão arqueado da abadia e estudou seu madeirame maciço. Olhou inquieto para o topo das silenciosas muralhas de pedra.

— Alô! — gritou. — Há alguém aí?

O único sinal de vida que constatou foram os pardais que voavam indo e vindo da hera. E se o monge não estivesse ali...?

— Por favor! — tornou a gritar. — Alô!

— Não precisa gritar tanto aí fora, maldito seja! — gritou alguém no interior. — Pensa que sou surdo?

Um velho descabelado, trajando as vestes cinza e marrom de um monge, espiou como uma coruja do alto de um parapeito das ruínas. Os olhos do monge vagaram ao acaso pela paisagem ensombrecida, ignorando completamente o cavalo e seu cavaleiro.

— O senhor aí, Padre! — chamou Phillipe. — Imperius...?

Os olhos injetados o encontraram finalmente. O monge olhou para baixo, com expressão vaga e ofuscada.

— Curioso — murmurou. — Esse também é o meu nome!

Com uma pontada de desalento, Phillipe percebeu que o homem estava embriagado.

— Mandaram-me trazer esta ave. Ela foi ferida.

— Bom tiro! — exclamou Imperius alegremente. — Traga-a cá e nós dois a jantaremos!

— Não podemos comer esta ave! — gritou Phillipe, sentindo a raiva aumentar.

— Não podemos? — Imperius sacudiu a cabeça. — Oh, meu Deus, já estaremos na Quaresma?

Phillipe respirou fundo.

— Este não é um falcão comum, Padre — disse, com insistência. — Pertence a Charles de Navarre.

Imperius pestanejou e os fitou com atenção, como se houvesse ficado subitamente lúcido.

— Santa Mãe de Deus! — exclamou. — Traga-o para cá! Depressa!

Virando-se, ele puxou a corda que abria a porta mais abaixo. Phillipe desmontou, lentamente e com dificuldade, sustendo o falcão com firmeza o tempo todo. Depois ergueu os olhos para o garanhão.

— Espere aqui — disse.

O garanhão relinchou subitamente, deu meia-volta e partiu a galope montanha abaixo.

— Diga a ele que chegamos aqui! — bradou Phillipe. — Diga-lhe que fiz a minha parte!

— Depressa, seu cretino! — chamou Imperius. — Traga-o cá para cima!

Phillipe se virou e passou apressadamente pelo portão. Ao cruzar o pátio interno em largas passadas, ele viu uma ponte levadiça abaixada à frente da entrada principal da abadia. Imperius estava na ponte, esperando-o com impaciência. Quando Phillipe começou a cruzá-la, o monge adiantou-se e agarrou-lhe o braço.

— Cuidado, seu palerma!

Phillipe olhou para as tábuas largas do piso, mas nada viu de anormal quando Imperius o puxou para o lado esquerdo da ponte.

— Ande por este lado — insistiu o monge.

Phillipe deu de ombros e obedeceu, seguindo-o ao interior da abadia. Imperius o conduziu por corredores sombrios e varridos pelo vento encanado, por celas vazias e escadas de degraus gastos por pés incontáveis. Ligeiramente, o rapaz perguntou-se por que alguém, mesmo um monge, escolheria viver inteiramente só naquelas desalentadas ruínas.

Por fim, chegaram a um pequeno aposento atrás de uma porta de madeira, maciça, mas apodrecendo. Velas amareladas mostraram-lhe uma mesa sólida e rústica, além de cadeiras, livros e material para escrita, com um catre coberto de peles de carneiro.

Imaginou que Imperius devia viver ali.

— Lá em cima do catre, devagar... — determinou Imperius. Phillipe depositou o falcão sobre a cama, com todo cuidado.

— Deixe-nos a sós! — ordenou o monge.

— Mas... — protestou Phillipe, recordando com súbita nitidez a ameaça de Navarre.

— Saia!

Relutante, Phillipe recuou para a porta e saiu. Ouviu-a bater às suas costas com força e depois o som de uma fechadura sendo trancada. Sentou-se no piso de pedra do corredor e tirou a adaga da bota. Com a ponta da lâmina começou a trabalhar no fecho de suas correntes. Ouviu Imperius dizer docemente, no outro lado da porta:

— Não tenha medo. Navarre estava certo, eu posso ajudá-la. Mas teremos que esperar.

O monge tomou a sair do aposento e olhou para Phillipe.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou Phillipe.

— Não, rapaz — respondeu o monge bruscamente.

Tornou a trancar a porta, agora pelo lado de fora, antes de seguir corredor abaixo a toda pressa. Phillipe continuou trabalhando no fecho das correntes.

No lado de fora, no jardim do mosteiro, infestado de ervas daninhas, Imperius trabalhava à luz de uma fogueira, colhendo ervas medicinais. Sua mente agora estava de todo lúcida e ele se movia confiante entre as plantas, colhendo com rapidez as folhas perfeitas e na quantidade exata que precisava. Enquanto trabalhava, volta e meia espreitava os olhos sobre o vale, na direção oeste, com as feições carregadas de preocupação. Viu o clarão final do dia enviar raios de luminosidade avermelhada, que se filtravam como lanças por entre as nuvens. O sol desaparecera. Colocando o último punhado de ervas em um pequeno almofariz de pedra, ele começou a subir a ladeira, encaminhando-se para a abadia.

O segundo grilhão caiu do pulso de Phillipe e bateu no chão com ruído. Ele sorriu, com o satisfeito orgulho do profissional especializado, e sacudiu as mãos. Levantando-se, chegou até a porta do cubículo de Imperius. Ali, começou a manusear ponderadamente a forte fechadura e então deixou a ponta da adaga deslizar para o orifício. A lâmina aguçada sondou por uma questão de segundos apenas, antes que o antigo mecanismo se abrisse com um estalido.

Phillipe abriu a porta em silêncio e entrou no quarto. Parou de repente, sem acreditar no que via.

Não havia mais um falcão no catre de Imperius. Em vez dele, ali estava a mulher loura que assombrara suas noites, deitada e coberta por uma

pele lanuda, os braços abertos, na imitação das asas do falcão. O dardo projetava-se de seu ombro.

Os olhos dela vacilaram e se abriram, ao som dos pés dele. A jovem ergueu a cabeça para fitá-lo, com expressão cheia de angústia. Tentou levantar-se.

— Navarre!... Onde está ele? Terá sido...?

— Ele está ótimo senhora! — disse Phillipe prontamente, erguendo as mãos. — Houve uma terrível batalha com os guardas do Bispo e Navarre lutou como um leão. O falcão foi... — Interrompeu-se, quando seus saltitantes pensamentos captaram a verdade subitamente. — Bem, mas... a senhora sabe disso, não sabe? — sussurrou.

A mulher deixou a cabeça cair no travesseiro.

— Sim, sei — murmurou, após um longo momento.

Phillipe se aproximou timidamente até a beira do catre. Contemplou-a, novamente admirado com a beleza estonteante de seu rosto.

— A senhora é de carne? — perguntou, em voz lenta. — Ou será espírito?

Os olhos dela, brilhantes pela febre, desviaram-se e ficaram fitando o nada.

— Eu sou... Tristeza.

A porta se abriu atrás dele. Imperius entrou no aposento e parou, consternado.

— Como foi que você...? — Cruzou o quarto e agarrou o braço de Phillipe. — Saia, maldito seja! E desta vez, fique lá fora!

O monge o empurrou para fora e bateu a porta com violência. Phillipe ficou imóvel no corredor por um instante, mas subitamente recostou-se contra o sólido suporte da porta, sem respiração e fraco, pela reação do que vira e que finalmente acabara de atingi-lo.

Ouviu a voz de Imperius no outro lado novamente, como uma oração:

— Divino Pai, depois de tudo o que aconteceu, não é possível que a tenhas trazido aqui para morrer...

Phillipe afastou-se da porta e desceu o corredor apressadamente, com desesperada necessidade de um pouco de ar fresco.

Encontrou a saída para o jardim e ficou estudando o desleixado lugar e as construções provisórias, adicionadas ao pátio da abadia, à luz tremeluzente da fogueira.

Uma mula e algumas cabras dormitavam em um curral; galinhas cacarejavam e ciscavam em busca de vermes. Sobre a superfície escalavrada de uma mesa, acinzentada pelo tempo, ele viu uma curiosa variedade de maçãs e laranjas, arrumadas em anéis, como se o monge houvesse estado entretido em algum tipo de jogo. Desceu a ladeira até a mesa e sentou-se em um banco, com os dedos tamborilando na superfície de madeira, enquanto estudava o arranjo das frutas, com apenas parte da mente. Supôs que uma existência solitária em meio a ruínas não devia proporcionar muitos passatempos divertidos. Tornou a erguer os olhos para o esqueleto de pedra que, envolto em brumas, assentava-se no alto da colina, acima dele. Seus olhos perscrutaram a única janela iluminada da abadia, cheios de inquietação. Um angustioso gemido feminino chegou vagamente a seus ouvidos.

Phillipe tornou a concentrar-se na mesa e, colhendo uma maçã, deu-lhe uma dentada nervosa.

De pé ao lado da mesa em seu quarto, Imperius esmagava as ervas em um pilão, mas seus olhos não se afastavam do rosto da mulher. Os dela estavam fechados e seus braços reluziam de suor. Ela se remexeu e tornou a gemer, mergulhando em um sonho febril.

Imperius largou o pilão, para colocar uma compressa de água fria na testa ardente da jovem. Depois retornou a seu trabalho, mantendo uma vela sob o almofariz, a fim de aquecer a cataplasma que fizera.

Além dos muros da abadia, em algum ponto na noite, um lobo uivou tristemente; o corpo da mulher retorceu-se sob as cobertas. Imperius levantou os olhos e deixou a cataplasma fervente em cima da mesa. Voltando para junto da mulher, ele aplicou a cataplasma em torno do ferimento, o mais delicadamente que pôde. Ela abriu os olhos, fitando-o, quando ele estendeu uma relutante mão para o dardo.

No jardim, Phillipe deu outra dentada na maçã, piscando tensamente, enquanto fitava a escuridão.

A mão de Imperius se fechou em torno do dardo e o arrancou da carne da mulher. Ela deixou escapar um grito lancinante.

Phillipe saltou bruscamente, olhando para o alto. A maçã escapou de seus dedos frouxos.

No Castelo Áquila, Sua Excelência Reverendíssima, o Bispo, sentou-se ereto bruscamente, em sua cama de dossel, dominado por terrível dor. De olhos arregalados e fixos, destacava-se na ofuscante faixa de

claridade que o focalizava em sua privada escuridão; baixou os olhos para si mesmo, horrorizado, e depois com incredulidade, ao não encontrar nenhum ferimento, nenhum sangue, nenhuma adaga de assassino. As espirais do pesadelo afastaram-se e ele percebeu que tudo não passara de um sonho...

desta vez. Aferrou os lençóis de seda e cachecóis bordados, ofegando por oxigênio.

Suas mãos afrouxaram-se aos poucos. Ele enxugou o suor do rosto, enquanto os olhos ajustavam-se à luz. Estava em sua própria cama, são e salvo dentro das muralhas do castelo... e um jovem acólito aterrorizado havia parado no corredor, diante de sua porta aberta.

— Eu... sinto muito, Excelência Reverendíssima — disse o jovem monge — mas Vossa Excelência Reverendíssima insistiu em que lhe comunicassem quando ele chegasse...

Ao terminar de falar, o jovem afastou-se rapidamente.

Seu lugar foi ocupado por uma visão infernal. Uma figura enorme e brutal enchia o vão da porta, bloqueando a luz. As Unhas de uma cicatriz marcavam sua face, acima da descuidada barba negra. Sua espessa capa peluda era feita de peles de lobos. Um colar de dentes de lobo circundava-lhe a garganta. Ele fitou o Bispo com olhos turvos, muito mais cruéis do que os de qualquer animal.

— César — disse o Bispo, e sorriu.

CAPÍTULO 10

A abadia em ruínas jazia pacificamente ao luar, como acontecera no correr dos séculos. O lobo negro e solitário manquejou até o limite de uma elevação próxima e ficou olhando para cima, entre as árvores. Sangue ressequido misturava-se á sua pelagem espessa, cor de ébano, em um ombro e na pata traseira. O vento cortante ululou a sua volta, quando se agachou fatigadamente, a fim de iniciar uma vigília, cujo motivo nem ele mesmo entendia. Erguendo a cabeça, o lobo uivou sua angústia para a lua esmaecida.

A salvo dentro dos muros da abadia, Phillipe acomodara-se em um degrau do terraço desmoronado, ao lado da fogueira, espiando Imperius, que bebia uma enorme caneca de vinho, segurando-a com mãos trêmulas. O velho monge elevou os olhos apreensivamente para a escuridão, ao ouvir o lobo uivar. Phillipe o estudou por entre as chamas que dançavam, de repente com absoluta certeza de que o homem não tinha nenhum medo de lobos.

— É ele, não? — perguntou suavemente. Navarre. O monge não respondeu. — O lobo — o repetiu. — De certo modo... é ele.

Sabendo disso, o som do uivo não mais o amedrontava. Imperius encheu uma segunda caneca, sem se preocupar em olhar para ele.

— Vamos, embriague-se. Você esquecerá. .

Phillipe meneou a cabeça, recostando-se no degrau de pedra atrás dele.

— Uma hora atrás, o senhor estava Bêbado. E recordou.

Imperius olhou para ele. Phillipe sustentou seu olhar, insistentemente. Havia contado ao monge sua parte pessoal naquela estranha dança do destino, mais ou menos na íntegra.

Portanto, ao trazer-lhe o falcão, conquistara o direito de saber sobre o segredo maior.

Esperou, sem desviar os olhos. Imperius curvou-se pesadamente onde estava, derrotado.

Pegando sua caneca de bebida, ele caminhou para junto do fogo e sentou-se, com um suspiro resignado. Phillipe descansou os pés em cima do

muro e ficou esperando.

Imperius olhou para a janela iluminada, no alto da abadia.

— O nome dela é Isabeau de Anjou — disse finalmente. — Seu pai, o Conde d'Anjou, era um homem descomedido que morreu trucidando infiéis na Antióquia. Ela veio para ficar com um primo, creio que era isso, em Áquila. O monge silenciou de novo por um instante, contemplando o passado. Um sorriso melancólico repuxou-lhe os cantos da boca. — Nunca esquecerei o dia em que a vi. Era como se estivesse olhando para... para...

Phillipe fechou os olhos, recordando.

— Para o... rosto do amor.

Ele sorriu também. Imperius o fitou e seu próprio sorriso ficou mais largo, compreensivo.

— Você também, ladrãozinho? Bem, suponho que todos ficamos apaixonados por ela, de formas diferentes. Sua... — a garganta do monge pareceu contrair-se — Excelência Reverendíssima não conseguia pensar em outra coisa.

Phillipe arregalou os olhos.

— O... Bispo... a amou? — perguntou, incrédulo.

Imperius assentiu, as mãos aferrando a asa da caneca com dolorosa pressão. Seus olhos turvos ficaram subitamente amargos.

— Tanto quanto aquele homem maligno poderia sentir a emoção do amor. Ficou louco de paixão. Possesso...

Phillipe refletiu no que sabia do Bispo — um homem de Deus que jamais conhecera o sentido da verdadeira santidade, que chafurdava na luxúria e no pecado, enquanto esmagava sob seu tacão o povo a que, perante o Senhor, jurara servir. Ele os sufocava de impostos até quase morrerem de fome e depois os enforcava por roubarem comida. Era um homem sem qualquer vestígio de alma. No entanto reconhecera a beleza do espírito de Isabeau e ficara obcecado... sabendo que ela era tudo que ele nunca seria.

— Isabeau esquivou-se às suas atenções — prosseguiu morosamente Imperius. -

Devolveu as cartas dele sem abri-las, os poemas sem serem lidos. Ela já entregara o coração ao Capitão da Guarda.

A verdade transpassou Phillipe como um choque.

— Charles de Navarre — murmurou. Navarre isolado, com uma carta desbotada nas mãos e lágrimas nos olhos... Navarre com o falcão

ferido. — O louco...

De repente Navarre não lhe parecia mais tão louco assim.

— Para Isabeau — um homem especial, um homem de méritos - comentou o monge tristemente. — O amor dos dois era mais forte do que tudo interposto em seu caminho. Até que...

Imperius interrompeu-se de novo, ergueu a caneca e bebeu como se ela não tivesse fundo — ou ele assim o desejasse.

— Até que...? — pergunta Phillips, impaciente.

— Eles foram traídos — murmurou Imperius. — Um padre tolo ouviu suas confissões.

Mais tarde, estando embriagado, esse padre também se confessou com seu superior e sentiu uma sagrada obrigação de transferir aquela responsabilidade. O Bispo recusou-se a permitir o casamento dos dois enamorados. Ordenou que Navarre nunca mais tornasse a vê-la, mas eles continuaram a encontrar-se em segredo. O padre... — Imperius interrompeu-se novamente, depois se forçou a prosseguir — cometeu um pecado mortal, ao revelar ao Bispo suas mútuas juras de amor.

Phillipe fitou silenciosamente o homem que traíra Isabeau e Navarre. Sentiu-se invadir por profundo desgosto, quando o viu tomar outro drinque pressentindo naquele vinho mais um exemplo da teia de corrupção do Bispo. No entanto sabia que seus pensamentos eram errados. Imperius era um homem profundamente religioso. Se o velho e gordo monge bebia, certamente devia ser sempre para esquecer a obrigação de servir ao Bispo de Áquila, quando jurara servir à justiça e à verdade. Contudo, aquilo ainda não explicava por que Isabeau, por que Navarre...

— Ele a princípio não percebeu o que fizera — continuou Imperius, fitando as estrelas, fazendo sua confissão, afinal, a um ladrão e ao céu. — Ele ignorava que o Bispo se lançaria em terrível vingança. Sua Excelência Reverendíssima, no entanto, ficou fora de si... perdeu a santidade e a razão. Jurou que se não podia tê-la homem nenhum a teria.

Phillipe tornou a arregalar os olhos. Inclinou-se para diante.

— Navarre e Isabeau fugiram de Áquila, mas o Bispo os seguiu...

Imperius contou-lhe tudo, a língua frouxa pelo vinho. Contemplando as chamas, Phillipe viu a tragédia desenrolar-se diante dele, tão claramente como se ele próprio a tivesse vivido: o capitão traído pelos próprios homens, por ordens do Bispo; a fuga desesperada dos enamorados

durante a noite, abandonando Áquila, ambos montados no garanhão negro e o Bispo dirigindo pessoalmente a perseguição dos guardas.

O Bispo os perseguira, mais certo do que uma flecha, mais persistente do que um sabujo, até que, finalmente, o coração do grande garanhão chegou ao limite. Golias caiu sob os dois e eles foram cercados pelos homens do Bispo, que mais pareciam chacais.

Navarre se rebelou e lutou. Captor após captor, guardas que haviam servido com ele ficaram mortos no chão.

Por fim, temendo pela própria vida, o Bispo reuniu seus homens e bateu em retirada.

Jurou, no entanto, que os enamorados jamais lhe escapariam. Meio louco de ódio e frustração invocou os poderes das trevas.

— A fim de amaldiçoá-los, entregou a própria alma ao Maligno...

— disse Imperius, meneando a cabeça, de olhos baixos.

O uivo do lobo ecoou através do vale. Phillipe estremeceu, não por causa do som, mas pelo poder do mal que ele subitamente passara a simbolizar.

— Os negros poderes do Inferno cuspiram uma terrível maldição — contou Imperius, em voz rouca. — Ela teria que ser um falcão durante o dia, e ele, um lobo à noite. Pobres e mudos animais, sem qualquer lembrança de sua meia-vida de existência humana. Nunca se tocando em carne e osso. Somente a angústia de um breve segundo, ao nascer e ao pôr-do-sol, quando quase podiam tocar-se, mas não o conseguiam. Sempre juntos.

Eternamente afastados. Por todo o tempo em que o sol nascesse e morresse. Enquanto houvesse noite e dia.

Phillipe ficou atordoado e silencioso, fitando as chamas. Afinal, levantando-se, deu alguns passos, de costas para Imperius. Parou, contemplando a escuridão, na direção do uivo do lobo. O lobo tornou a uivar.

— Você tropeçou em uma trágica história, ladrãozinho — disse Imperius. — Agora, está enredado nela, como todos nós.

Phillipe permaneceu imóvel onde estava, até ouvir os passos trôpegos do monge, que retornava à abadia. Suspirou, descansando as mãos na realidade sólida do baixo muro de pedra à sua frente. Agora compreendia tudo, inclusive Imperius. Ainda não sabia se devia alegrar-se ou se lamentar.

Virou-se do muro, massageando os braços contra a friagem que se infiltrara em seus ossos, desceu os degraus e deu alguns passos ao acaso. Passou por um telheiro, em cujo interior divisou uma gaiola de madeira, repleta de pombos, à luz difusa da fogueira.

Agachou-se e examinou a gaiola. Uma grande ave branca o olhou de volta, inclinando a cabeça, como se o reconhecesse.

Phillipe também inclinou a cabeça, inquisitivamente.

— Uma princesa, talvez? — perguntou.

O pombo arrulhou suavemente. Phillipe assentiu.

— Justamente o que pensei. E vocês? Um harém de sultão? — Os pássaros não responderam. Ele deu de ombros. — Que diabo! Ninguém pode facilitar, atualmente...

Abriu bruscamente a gaiola. As aves escaparam em revoada e afastaram-se voando, em meio à escuridão.

O Bispo estava de pé, na desagradável e desacostumada umidade de um dos inúmeros porões secretos, ocultos no interior do Castelo Águila. Somente uma coisa o atrairia àquele lugar, no meio da noite... Olhou sombriamente para a pilha de peles de lobo recém-esfoladas, caídas no chão, junto a seus pés. Com a biqueira da chinela, destravou a base metálica de seu báculo clerical, desmentindo-lhe a aparência de solidez. Ela recuou, revelando a lâmina cintilante de aço, afiada como navalha, que escondia em seu interior.

Usando a ponta da lâmina, ele começou a erguer pele após pele, das amontoadas na pilha. Cada uma que via, marcava outro fracasso. À medida que a pilha diminuía, ele jogava as peles de lado, cada vez mais febrilmente, salpicando de sangue suas vestes brancas.

O caçador de lobos estava de pé a um lado, o rosto embrutecido enchendo-se de temor, ante a furiosa intensidade da busca do Bispo.

— Inúteis! Todas elas!

O Bispo ergueu o rosto, com olhos incandescentes. César arqueou os ombros. Disse, em voz rude:

— Minhas armadilhas estão cheias. Não posso matar todos os lobos da França!

O Bispo conteve a raiva com esforço, obrigando-se a raciocinar com clareza e desapaixadamente. Havia apenas um meio de certificar-se de que o caçador encontraria o lobo certo. Sabia o risco de revelar demais, porém precisava ter certeza...

— Há uma mulher — disse, por fim.

— Como, Excelência Reverendíssima? — perguntou César, sem compreender.

— Uma linda mulher. Com pele de alabastro e os olhos de uma pomba. — A lembrança dela o obcecava, noite e dia. Como o obcecava agora. — Ela viaja à noite, somente à noite.

Seu sol é a lua, e seu nome é... — Virando-se para o caçador, ele o disse, como uma oração:

-Isabeau.

César continuou a fitá-lo pateticamente, de boca aberta. — O lobo que eu quero. O lobo... — ele vislumbrou o fantasma de outro rosto -que a ama!...

Dito isto, deu meia-volta abruptamente e desapareceu escada acima.

CAPÍTULO 11

Para Phillipe e Imperius, o dia transformou-se em noite e a noite em dia, enquanto vigiavam Isabeau. Mantinham uma constante vigilância à cabeceira do leito dela, que raramente acordava e raramente era capaz de falar com eles. Ao alvorecer dos dias seguintes, Phillipe se postava no parapeito acima dos portões da abadia, buscando algum sinal de Navarre. Às vezes o chamava aos gritos e anunciava às montanhas silenciosas mais além que Isabeau estava quase curada. Entretanto não descobria o menor sinal de um garanhão negro ou de seu cavaleiro. A princípio, preocupava-se secretamente, imaginando que Navarre poderia ter morrido por seus ferimentos, mas todas as noites o lobo estava de volta ao espinhaço da montanha e seus uivos lamentosos eram ouvidos até o alvorecer.

Quando não se encontrava à cabeceira de Isabeau, Phillipe perambulava pelo labirinto de ruínas, pouco habituado a mover-se em tranqüilidade. A abadia recordava-lhe um período, de muitos anos atrás, quando fora recebido em um mosteiro e vivera com os monges. Naquela época alimentava-se regularmente e eles até lhe haviam instilado alguma cultura, serviram-lhe doses maciças das escrituras. Entretanto, a rígida disciplina e as dolorosas chibatadas recebidas quando desobedecia acabaram convencendo-o de que não fora talhado para a vida religiosa. Chegada uma nova primavera, tornara a fugir.

Desde então, nunca permanecera muito tempo em um só lugar, sempre em busca de algo que parecia encontrar apenas em sonhos.

Phillipe logo descobriu que a desilusão com a vida religiosa era a única coisa que tinha em comum com Imperius — além de Isabeau. O velho monge, quando muito, tratava-o rudemente, e no restante do tempo era como se ele nem existisse, deixando entrever que se ressentia com a intrusão daquele estranho em sua vida solitária e em sua autopiedade.

Phillipe devorou o suprimento de pão e queijo do monge, deixando apenas migalhas, examinou seus livros em segredo e ignorou os destratos. Já ouvira coisas muito piores com farta freqüência, e por bem piores motivos.

Phillipe entrou quietamente na cela de Imperius e sentou-se junto à cabeceira de Isabeau, quando outra noite começou. Olhou para a lua crescente, pendurada como jóia no céu negro além do peitoral da janela, quando o uivo do lobo ecoou lamuriosamente pelos campos além.

Tornou a olhar para Isabeau, ao percebê-la mover-se no catre, viu-a abrir os olhos, em torturada procura. Ela tentou sentar-se, a dor a fez pestanejar.

— Não faça isso! — disse Phillipe.

Isabeau olhou para ele, sobressaltada e confusa. Seus olhos, contudo, estavam claros, a febre se fora. Imperius contara a ele que, como o ferimento não havia sido mortal, cicatrizaria com incomum rapidez, devido à maldição.

— A senhora pode começar a sangrar outra vez — concluiu ele, sentindo a voz enfraquecer, porque ela o fitava.

Isabeau sorriu, àquela altura acostumada a vê-lo à sua cabeceira.

— Diga-me seu nome — ela pediu.

— Phillipe, minha senhora, Phillipe Gaston. A maioria me chama de... Phillipe, o Rato

— completou, baixando os olhos.

— Muito estranho — murmurou ela. — Para alguém com tal espírito. — Tocou-lhe a mão delicadamente. — Eu o chamarei de. . . Phillipe, o Bravo.

Phillipe enrubesceu. Seu corpo foi percorrido por um arrepio de prazerosa surpresa.

Ergueu para ela os olhos que brilhavam.

— Você viaja com ele, não é? — perguntou ela, docemente. Phillipe assentiu, a mente cheia com os feitos heróicos de sua camaradagem com Navarre. Ele lhe contaria como...

Isabeau virou o rosto melancólico para a parede. Seus braços alvos e esguios, que durante dois anos não haviam sentido o calor do sol, descansaram flácidos sobre as peles.

Subitamente Phillipe compreendeu que algo tão comum como acordar pela manhã, tão natural para ele era impossível para ela, que jamais poderia cavalgar ao lado de Navarre, ver-lhe o rosto, ouvi-lo falar. E, naquele momento, seu coração segredou-lhe como devia ser a vida que Isabeau levara — nunca vendo o sol ou as cores do dia, jamais segurando e nem mesmo tocando o homem que amava com tanto desespero. Ela havia

sido arrancada de um mundo suave e tranqüilo para ser atirada na vida de um fugitivo caçado, forçada a viver com uma maldição que havia roubado metade de sua humanidade e da de Navarre; sem saber se sua existência amaldiçoada jamais teria fim ou se eles de fato viveriam daquela maneira até a eternidade...

Engoliu em seco o caroço que se formara em sua garganta e o impedia de falar. Suas mãos entrelaçaram-se entre os joelhos, quando tornou a olhar para ela. Encontrando a voz, sussurrou:

— "Você deve salvar este falcão" — foi o que ele me disse. — "Porque esta ave é a minha vida, minha última e melhor razão para viver".

Isabeau moveu-se, virando o rosto novamente para ele. Seus olhos verdes perscrutaram os de Phillipe, com a feroz paixão de um falcão. Ele sustentou o olhar.

— E depois, disse: "Um dia, nós conheceremos essa felicidade sempre sonhada por duas pessoas, mas nunca alcançada".

— Ele disse isso? — sussurrou ela.

Phillipe assentiu. Ela o fitou por mais um longo momento e finalmente sorriu, o rosto tornando-se radioso de esperança e determinação. Tornou a aconchegar-se entre as peles e fechou os olhos, de novo em paz. Phillipe levantou-se e saiu silenciosamente do quarto.

No corredor, comprimiu as costas contra a porta fechada e suspirou. Tinha sido um mentiroso rápido e perito a vida inteira, mas esta era a primeira vez que se orgulhava disso. Sorriu, satisfeito consigo mesmo.

— Phillipe, o Bravo — murmurou.

Então soube que seu coração e sua vida pertenciam a Isabeau, daquele momento em diante, enquanto noite e dia existissem.

Pouco antes do alvorecer, Jehan levou dois guardas ao cume de outra montanha, naquela cordilheira interminável. Após a última escapada de Navarre e do ladrão, o Bispo ordenara que continuassem a busca por todas as horas do dia e da noite. Jehan sabia que Navarre fora gravemente ferido — que não poderia ir para muito longe. Contudo, haviam vasculhado inutilmente cada metro dos arredores. Jehan olhou para o solo rochoso, estudando-o à luz de uma tocha, em busca de qualquer indício de trilha.

— Veja! Lá em cima! — apontou um dos homens.

Jehan olhou. Na distância, silhuetadas pelo luar, erguiam-se as ruínas de uma abadia.

E abaixo dela pontos tremeluzentes de luz, indicando uma fogueira. A boca de Jehan afinou-se em um sorriso.

Phillipe se reuniu a Imperius ao lado da fogueira do jardim, com ar taciturno. A angústia de Isabeau se tornara dele, como o seu coração se tornara dela. O velho monge sentava-se à mesa com sua caneca de vinho, bêbado como de costume, brincando com laranjas e maçãs. Phillipe acocorou-se no terraço em ruínas. Imperius sorveu outro longo gole de vinho, enquanto o rapaz o fitava com ar sombrio.

— Ela sabe? — perguntou Phillipe, afinal.

Imperius o fitou por sobre a borda da caneca.

— O quê? — indagou, irritado.

— Que o senhor é o padre que os traiu?

Uma vez que Isabeau conhecera Imperius bem, e já que tanto confiara nele. . . O

monge atirou a caneca ao chão e ela retiniu contra as lajes de pedra do calçamento.

— Deus declarou um fim para isto! — bradou o monge. — Ele me deu conhecimento para desfazer o que fiz!

Phillipe franziu o cenho.

— Seja mais claro — pediu. — Se puder.

Imperius lutou para ficar de pé, olhando taciturnamente para o rapaz.

— Durante dois anos fiquei sentado aqui, espiando o céu, à espera de alguma indicação de que minha vida e serviço a Deus não tinham sido em vão e destruídos. O sinal nunca chegou. . . — Ele contemplou a noite estrelada. — Mas eu comecei a perceber outras coisas.

— Certa vez, quando estava bêbado, — disse Phillipe, em tom cético — me vi como rei.

— Quietos, seu iletrado miserável! — vociferou Imperius. Virando-se para a mesa, arrumou as frutas cuidadosamente. — Existem objetos brilhantes no céu noturno, que parecem ser proeminentes — disse lentamente, procurando palavras para descrever algo que ninguém jamais descrevera antes, — Esta estrela aqui — e tocou uma laranja — e a lua. . .

— Estendeu a mão e tornou a puxá-la, piscando como uma coruja. — Onde está a lua?

— Acho que comi a lua.

— Tolo — murmurou Imperius, amargo. Deixou-se cair pesadamente sobre um degrau do terraço e começou a desenhar arcos e círculos na terra, com um graveto, antes de tornar a encarar Phillipe. - Descobri um meio de quebrar a maldição. Um momento oportuno para Navarre enfrentar o Bispo e recuperar o que um dia foi dele.

— Ele pretende enfrentar o Bispo — disse Phillipe. — Quer matá-lo com a espada de seus ancestrais.

Levantou-se, recordando aquela espada magnífica — a última posse de Navarre no mundo. Agora compreendia perfeitamente a procura dele. Contemplou a noite, perguntando-se se Navarre sempre odiara o Bispo, mesmo quando estava a seu serviço, como Capitão da Guarda. Sua família dedicara gerações de leal serviço à Igreja. Devia ter sido um amargo legado ver-se servindo a um tirano irreligioso, forçado a desempenhar uma corrupta e brutal política em nome da Igreja. . . Phillipe começou a compreender a verdadeira profundidade do ódio de Navarre pelo homem que traíra a honra de sua família e lhe roubara sua herança por legítimo direito, cuja maldade o condenara a uma eternidade sem paz, sem esperança... e sem Isabeau.

— Ele não pode matar o Bispo! — exclamou Imperius, desesperado. — Se fizer isso, a maldição continuará para sempre!

Phillipe abriu a boca para indagar que alternativa Imperius achava que realmente haveria, mas então se sobressaltou, quando surdas pancadas soaram às portas da abadia.

— Abram aqui! — bradou uma voz. — Abram, em nome de Sua Excelência Reverendíssima, o Bispo de Áquila!

Phillipe olhou para o monge, tomado de terror. Imperius ficou em pé, olhando para a abadia — na direção do quarto de Isabeau -, com o medo desenhado nas linhas de seu rosto.

Então, virando-se, espiou devagar para baixo na colina, na direção dos portões. Phillipe fez o mesmo, com o coração batendo na garganta.

Imperius ficou em seu lugar no parapeito, espiando para fora e para baixo, enquanto Phillipe se agachava ao seu lado. Jehan e mais dois guardas esperavam embaixo. Os dois guardas carregavam um pesado tronco de árvore e Jehan brandia sua tocha.

— Vão embora! — gritou Imperius agressivamente, soando para todo mundo como um velho embriagado. — Aqui não é um bordel! É a casa de Deus!

— Abra para o Bispo! — respondeu Jehan.

— Eu já estive com o Bispo, seu blasfemo idiota! — trovejou Imperius. — E você não tem a menor semelhança com ele!

Jehan se virou para seus homens.

— Derrubem! — ordenou. Imperius baixou os olhos para Phillipe.

— Cuide de Isabeau — sussurrou. — Corra, seu tolo!

Phillipe saltou do muro e disparou ladeira acima, na direção da abadia. Enquanto isso, os guardas investiam com o aríete contra o portão. A antiga trave de madeira que o sustentava gemeu e estalou.

— Pela Virgem! — bradou Imperius. — Vocês agora foram longe demais!

Saindo do muro, ele começou a subir a ladeira, indignado. Ignorando-o, os guardas recuaram e arremeteram novamente contra o portão. Desta vez o portão inteiro se soltou das dobradiças e caiu sob o impacto do aríete. Os guardas cruzaram a entrada rapidamente e subiram correndo a escada que levava ao jardim da abadia. Os degraus vetustos ruíram sob eles e, satisfeito, Imperius viu quando rolaram ladeira abaixo, até o portão.

— Sinto muito! — gritou Imperius, desculpando-se. — Sou um monge, não um engenheiro!

Os guardas voltaram a escalar a rocha engatinhando, praguejando, mas não derrotados. Imperius ficou esperando, com uma paciência de santo.

No interior da abadia, Phillipe irrompeu na cela de Imperius. Isabeau olhou para ele, com o medo começando a delinear-se nas pupilas dela.

— O que aconteceu?

— Não fale agora! — arquejou Phillipe.

Estendeu a mão e ela levantou-se do catre, com uma careta, embrulhando-se em um lençol. Ele a conduziu ao corredor e depois a puxou para a direita.

— Venha por aqui.

— Por quê? — perguntou ela.

Phillipe olhou para trás, ao ouvir o som de vozes iradas. Apertou os lábios.

— Porque acho que não podemos ir por ali.

Lá fora, no jardim, Imperius tomou o rumo da abadia o mais lentamente que pôde, apressado pelos guardas.

— Por aí, meu filho! — disse, ofegante, apontando para frente, ao começarem a cruzar a ponte levadiça. — A porta à direita! E não se esqueçam...

O guarda ao seu lado sumiu repentinamente de vista, quando as tábuas rangeram e cederam sob o seu peso. Com um berro, o homem mergulhou no fosso.

— de caminhar pelo lado esquerdo — terminou Imperius gentilmente.

A empunhadura da espada de Jehan caiu sobre ele, pelas costas, e isso foi a última coisa de que Imperius teve conhecimento.

Phillipe apressou Isabeau através do labirinto de corredores, tentando conter seu crescente terror. Havia vagado por toda a abadia e sabia existir uma saída apenas — aquela por onde entrariam os guardas. Sua única esperança de salvar Isabeau e a si mesmo era encontrar um esconderijo que eles não se preocupariam em revistar.

Avistou à frente a escada de madeira que levava ao campanário em ruínas. Era um tosco refúgio, porém a única opção que lhe ocorreu. Olhou para Isabeau.

— Lá em cima, senhora! Acha que conseguirá?

Ela assentiu mudamente, o rosto contraído pela dor. Phillipe a tomou pela mão e começou a guiá-la, degraus acima. Sabia que a esta altura os guardas já teriam chegado à cela de Imperius e descoberto que Isabeau se fora. Era apenas uma questão de tempo encontrarem a pista dos dois até ali. Ele precisaria estar então com Isabeau a uma altura suficiente para ninguém lhes ouvir os passos.

A escada espiralava-se cada vez mais para o alto, intercalada por vários patamares carcomidos. Phillipe puxava Isabeau pela mão com mais força, quando ela diminuía a marcha, ofegando para respirar. Olhou para ela, com o pânico e a preocupação no olhar, ao vê-la tropeçar e gritar. Desceu um degrau para ficar junto dela, passou um braço em torno de sua cintura a fim de emprestar-lhe forças e continuaram subindo. Agora, já podiam ver, acima deles, o alçapão que ia dar no forro. Se conseguissem alcançá-lo, antes de serem descobertos.

Jehan estacou ao pé da escada do campanário, quando o eco distante de um grito de mulher chegou até ele. Um leve sorriso repuxou-lhe a boca e ele fez um gesto de silêncio.

Seu guarda começou a subir os degraus à frente dele, de espada em punho.

O guarda subiu rapidamente a escada, movendo-se em silêncio, perscrutando o espaço à frente. Quando chegou ao canto-cego abaixo de outro nível de patamar, ouviu a voz da mulher, em tom de súplica:

— Por favor. . Não posso mais...

O homem sorriu e deu a volta ao canto. Phillipe girou sobre os calcanhares, quando o guarda terminou a volta da escada, e enfiou a perna entre os pés do outro, fazendo-o perder o equilíbrio. Em seguida, empurrou-o com força. O guarda despencou escada abaixo, desaparecendo de vista, com um grito de surpresa. Phillipe se virou, ofegando, e olhou para cima. No alto da escada Isabeau sorriu para ele e ergueu a mão, em uma saudação de vitória. Enrubescido de orgulho, ele subiu apressadamente os degraus restantes.

— Depressa! Não pare agora!

No patamar abaixo, Jehan pulou para o lado, quando o guarda se esborrachou contra o piso, batendo de cabeça na parede. Com uma praga de raiva, ele saltou sobre o corpo imóvel do homem e correu para os degraus.

Quando ouviu os pés que subiam mais abaixo, Phillipe começava a enfiar o corpo pelo estreito alçapão de passagem para o forro do campanário. Consegiu passar, puxou Isabeau atrás dele e, com um pontapé, recolocou o alçapão no lugar. Os dois vasculharam o forro em ruínas, procurando um esconderijo, mas estava vazio.

No céu a oeste, as estrelas desbotavam, prometendo o alvorecer. Os dois olharam para baixo, debruçando-se no parapeito, espiando além das gárgulas que se projetavam abaixo do beirai da torre. Muito abaixo, a claridade acinzentada do pré-alvorecer lhes mostrou as rochas denteadas da encosta da montanha, esperando-os como fauces arreganhadas. Phillipe se virou para Isabeau e, nos olhos dela, captou o mesmo desespero dos seus.

— Escute — começou ela, em voz firme-, é a mim que eles querem...

— Não seja modesta — disse Phillipe, taciturno.

Os dois se viraram ao mesmo tempo, quando ouviram o ruído na direção do alçapão, que era subitamente forçado e aberto. Phillipe correu pelo forro, quando surgiu à vista a cabeça de Jehan coberta pelo capacete. Chutou o alçapão, tornando a fechá-lo, enquanto Jehan caía no piso do campanário. De joelhos, ele enrolou a gasta corda que servia para prender o

alçapão em uma cunha de pedra. A madeira estremeceu, quando Jehan começou a bater do outro lado com a empunhadura da espada.

Phillipe saltou sobre o alçapão, mantendo-o no lugar com seu peso. De novo, olhou para Isabeau com expressão de impotência. Ela se comprimiu contra o parapeito e tinha o rosto cinzento de desespero. De repente a madeira e a argamassa carcomidas cederam, provocando o desmoronamento de parte da parede do parapeito, atrás da jovem. Ela gritou, ao perder o equilíbrio e cair para trás.

— Não! Não! — gritou Phillipe.

Ele saltou de onde estava, no forro, ao vê-la cair e precipitou-se por sobre a borda, agarrando-lhe a mão que já escorregava da beira da pedra quebrada. Conseguiu sustê-la a queda pela pura força de vontade, pois o peso de Isabeau quase o puxava pela borda.

Phillipe comprimiu as pernas contra a parede, bracejando o rosto virado para baixo, vendo o terror nos olhos dela. Então, retesando-se para trás com toda a sua força, tentou puxá-la, mas não havia um ponto de alavanca, pois ele estava congelado contra a parede. Com crescente desespero, Phillipe percebeu que seus braços não tinham força suficiente para erguer o peso de Isabeau. Mal conseguia sustê-la... e isso não era suficiente para salvá-la.

Silenciosamente, amaldiçoou a própria pequenez, sua fraqueza e o dia em que nascera.

Mais atrás, ouviu o ruído de madeira estilhaçada. Jehan atacava o alçapão com fúria renovada, ao senti-lo ceder. Àquele som, Phillipe olhou para trás e percebeu que o ar à sua volta começava a brilhar. Encheu-se de esperança, ao recordar o alvorecer. Baixou os olhos para Isabeau e fitou o horizonte novamente, onde uma luminescência perolada suavizava as nuvens. Ela virou a cabeça para olhar também, as unhas enterrando-se na carne dele, o braço ferido pendendo inútil. O dia estava chegando e, com ele, sua transformação.

O sol, contudo, ainda não se erguera acima do horizonte. Quanto tempo demoraria?

Segundos? Minutos? Se ele pudesse apenas sustê-la um pouco mais... Phillipe mordeu os lábios, contendo a dor. Sem dúvida, a atmosfera ia ficando mais brilhante. Pôde percebê-

lo, quando sentiu os braços sendo puxados das articulações. As mãos doloridas estavam molhadas de suor. A mão de Isabeau escorregou

para baixo, fugindo um centímetro à sua pressão, depois outro centímetro. Um terror encheu os olhos dela.

— Oh, por favor... — arquejou ela.

Phillipe olhou freneticamente para o horizonte. A mão de Isabeau escorregou um pouco mais.

— Eu não posso...

A mão de Isabeau deslizou livre e ela caiu.

— Oh, meu Deus, não! — gritou Phillipe.

Ele se debruçou para diante, agarrando apenas o ar. Viu o corpo dela caindo através da luminosidade crescente — ficou subitamente cego pelos primeiros raios do sol nascente.

Ergueu uma das mãos para proteger os olhos e ficou boquiaberto, incrédulo, quando uma transformação mágica começou a acontecer no ar, abaixo dele. Assim que a luz do sol bateu no corpo de Isabeau, o tempo pareceu parar por um instante. Naquele momento, longo como a eternidade, os braços alvos da jovem esfumaçaram-se e ficaram escuros, transformando-se amorfamente em asas. Ela pareceu flutuar à claridade cintilante do sol, seus cabelos curtos e espalhados aglomeraram-se em uma crista de falcão...

Uma ave dourada pairou a meio caminho entre o céu e a terra, batendo as asas em desespero, enquanto caía para as rochas abaixo.

No último segundo possível, o falcão foi apanhado em uma onda de ar quente.

Phillipe soluçou de alívio, ao ver as asas frágeis se estenderam, enquanto ela se elevava na corrente, deixava para trás o campanário e se distanciava por entre as montanhas.

Jehan destroçou o último obstáculo de madeira do alçapão estilhaçado, usando a espada para isso. Esgueirou-se através do buraco, empunhando a espada. Seus olhos vasculharam o forro do campanário.

Estava vazio. Ele circundou a torre com incredulidade, procurando um sinal de Navarre, do ladrão ou da misteriosa mulher que viajava com eles. Não viu nada, nem ninguém. Ali não havia um esconderijo capaz de esconder até mesmo um falcão ferido.

Tornou a circular pelo forro, olhou no parapeito e para o céu. Começando a duvidar da própria sanidade, finalmente deu meia-volta, resolvido a ir embora dali.

O som de um pedaço de argamassa se soltando fez com que detivesse seus passos.

Voltou atrás e tornou a espiar pela borda do para-peito. Abaixo dele, muito no fundo, novos pedacinhos de argamassa se chocaram contra as rochas. Jehan debruçou-se ainda mais.

Montado no pescoço de uma gárgula, apertando-se contra a parede e esforçando-se ao máximo para confundir-se com a pedra, estava Phillipe Gaston.

Phillipe sorriu nervosamente, quando o rosto assassino de Jehan assomou á vista, olhando para ele.

— Parece um lindo dia — disse, sufocado.

— Onde está a mulher? — rosnou Jehan.

— Que mulher? — perguntou Phillipe.

A larga lâmina da espada de Jehan assobiou perto de sua orelha, desceu enviesada sobre a face da gárgula bem à frente dele... e estilhaços de pedra picaram suas mãos, quando a boca arreganhada da escultura se quebrou, caindo a prumo embaixo nas rochas.

O estômago de Phillipe contorceu-se, enquanto a via cair.

— Onde está ela? — Jehan perguntou de novo.

— Ela fugiu voando — sussurrou Phillipe fracamente.

O rosto de Jehan ficou distorcido pela fúria. Ergueu a espada acima da cabeça.

— Deus é testemunha, ela fugiu voando!

Phillipe fechou os olhos, em impotente terror. Ouviu um surdo pumf!... Acima dele e depois o silêncio. Forçando os olhos a se abrirem, obrigou-se a erguer o rosto.

Jehan parou de chofre acima dele e havia um dardo projetando-se de sua testa, entre olhos que não viam. Depois, lentamente, inclinou-se para baixo, caindo sobre o parapeito.

Phillipe ouviu quando ele bateu contra as rochas do fundo, um instante mais tarde, e fez uma careta.

Perscrutando as montanhas, os olhos espantados de Phillipe subitamente descobriram Navarre, montado no garanhão negro, em um cume acima da abadia.

Navarre baixou a balista. Phillipe suspirou, sentindo o corpo ficar flácido contra a parede de pedra às suas costas.

— Sempre vale a pena dizer a verdade — murmurou. — Obrigado, Senhor, percebo isso agora...

Com redobrado cuidado começou a rastejar de volta ao forro do campanário.

CAPÍTULO 12

Navarre desmontou rigidamente do lombo de Golias, ao ver que o rapaz conseguira escalar o caminho de volta à segurança. Não presenciara tudo que conduzira àquilo, mas o que vira tinha sido suficiente. Erguendo os olhos, perscrutou os céus, em busca de algum sinal do falcão.

— Hoi! — gritou.

O vazio e o silêncio foram sua resposta. O vento sibilou ao longo da crista despida da montanha.

— Hoi! — ele tornou a gritar, com desespero na voz.

Os ecos de seu chamado rolaram através da terra e extinguiram-se. Não havia qualquer sinal do falcão. Navarre voltou para junto de seu cavalo, cabisbaixo, de coração oprimido.

Um grasnido estridente encheu o ar acima dele. Navarre ergueu vivamente a cabeça e então viu o falcão que descia em vôo espiralado, batendo as asas com imprecisão. A ave pousou pesadamente em sua mão enluvada, fazendo-o pestanejar, depois encrespou as asas em reconhecimento.

Navarre acariciou-lhe ternamente a cabeça selvagem, os olhos preocupados buscando o lugar em que o falcão tinha sido ferido.

— Shhh... — murmurou. — Quietinha agora fique quieta... Apertou-a contra o coração e a ave o bicou bruscamente por aquela excessiva familiaridade. Navarre puxou a mão com rapidez e sua boca se torceu em um sorriso tristonho.

— Então é assim que acolhe seu dono, é?

Subiu para a sela lentamente. Seus ferimentos em cicatrização ainda provocavam considerável dor, mas Navarre sabia que não eram fatais. Podia suportar o sofrimento. E agora, com o falcão de volta ao lugar que lhe pertencia, seu braço, a dor realmente insuportável que sofrera naqueles últimos dias tinha desaparecido como se nunca houvesse existido.

Guiou Golias montanha abaixo, em direção à abadia arruinada e a Imperius.

Mantivera-se afastado até então, não apenas devido à fraqueza física, mas porque não confiava em si mesmo se encarasse seu traidor, sabendo que precisava dele... que Isabeau precisava dele. Contudo, ficara vigilante no alto da montanha, recebendo um frio conforto com os relatórios gritados de Phillipe ao alvorecer, e sabia que, desta vez, Imperius não lhe falhara.

Tivera tempo para perceber o que Phillipe devia estar fazendo naquela emboscada -

que o rapaz, provavelmente, também o traíra. No entanto Phillipe pagara com juro qualquer traição, salvando o falcão... salvando Isabeau.

Em seu cavalo, Navarre passou pelo portão danificado e subiu a ladeira. Parou diante da entrada da abadia. Imperius aproximou-se, cruzando a ponte levadiça sem hesitação, em passos rápidos.

Navarre ficou tenso, quando seus olhos encontraram os do homem cuja fraqueza havia causado tanto sofrimento, a ele e à mulher a quem amava. Crispou os punhos que seguravam as rédeas. Imperius parou, ao perceber sua expressão. Os dois homens estudaram-se por um longo momento, frente a frente pela primeira vez, nos dois últimos anos.

Navarre disse por fim:

— Imaginei que você devia estar morto, velho. Houve vezes em que eu mesmo quis matá-lo. — Tomou uma respiração funda e encontrou forças para acrescentar: — Sou grato pelo que fez aqui.

Imperius assentiu e baixou os olhos.

— A vingança, como o perdão, é privilégio de Deus — falou. -E Ele me perdoou.

O tom de sua voz era o de quem realmente acreditava no que dizia.

— Eu não sou Deus — respondeu Navarre, com amargura. — Não o perdoei. E não posso esquecer.

Desmontou. Pelo canto do olho viu Phillipe surgir à entrada. O rapaz ficou olhando para os dois em silêncio.

— O que irá fazer então? — indagou Imperius, lamuriosamente. - Matar-me? Matar Sua Excelência Reverendíssima? — Relanceou os olhos para o falcão. — Matá-la, talvez?

Navarre o encarou fixamente.

— Talvez — disse.

Imperius abanou a cabeça despenteada.

— Não é assim que sua história termina! Só eu sei como terminará! Deus me ensinou como a maldição pode ser quebrada!

Navarre ficou tenso. Seu braço estendeu-se bruscamente e ele agarrou o monge pela frente das vestes esfarrapadas, puxando-o para perto.

— Quer trair-me novamente, velho? — sussurrou, a voz semelhante a puro ácido. -

Torturar-me com falsas esperanças?

Imperius replicou, com tranqüila segurança:

— Dentro de três dias, na Catedral de Áquila, o Bispo ouvirá a confissão do clero.

Basta que vocês o enfrentem — ambos, como homem e mulher, em carne e osso. Então, a maldição será cortada. O Maligno recolherá seu prêmio e vocês dois estarão livres.

Navarre o examinou, perscrutando-lhe os olhos, em busca de algum indício de traição ou de dúvida. Nada constatou. Dizia-se que, por sua própria natureza, uma maldição sempre era imperfeita. Havia sempre uma falha, um modo de ser quebrada, desde que a falha fosse encontrada.

— Impossível! Não como homem e mulher! Não em carne e osso! Isto é impossível!

Não obstante, julgara impossível alguém escapar dos calabouços de Áquila. . . Olhou de relance para Phillipe, que permanecia parado à entrada, como que hipnotizado.

— Impossível, enquanto houver noite e houver dia — assentiu Imperius. — Contudo, dentro de três dias, você terá a sua chance. Dentro de três dias, haverá em Áquila um dia sem noite e uma noite sem dia!

Navarre fitou o velho por um prolongado momento, revirando e revirando aquelas palavras na mente, sentindo o súbito florescer da esperança murchar e morrer dentro dele.

Seu olhar ficou frio como gelo.

— Volte para dentro, velho! — exclamou, desgostoso. — Volte para seu vinho! Deus não o perdoou. Simplesmente, Ele o enlouqueceu!

Imperius abriu a boca para implorar a Navarre que o ouvisse, mas então apenas meneou a cabeça e deu meia-volta, incapaz de enfrentar o desespero inexorável nos olhos do homem mais novo. Pôs-se a caminhar lentamente de volta à abadia. Phillipe começou a andar quando o monge se retirava e cruzou por ele na ponte.

Navarre recompôs-se, e era novamente dono de si, quando o rapaz parou à sua frente.

Estendeu a mão.

— Estou em dívida com você — ele disse. Phillipe apertou-lhe a mão, acanhadamente.

— Comigo, senhor? Nem um pouquinho! — Olhou para o rosto rigidamente inexpressivo de Navarre, com ar sombrio e preocupado. — Ela quis que eu lhe desse uma mensagem — acrescentou, vacilante. Olhou para o falcão, depois de novo para Navarre. — É para dizer-lhe que ela ainda tem esperança. E que confia. No senhor.

Os olhos de Navarre pesquisaram inquisitivamente o rosto de Phillipe, quase com crueldade, procurando outra traição. O rapaz não pestanejou e nem abaixou os olhos. Suas pupilas brilhavam de segurança, até que, afinal, Navarre acreditou. Com um profundo suspiro, ele fitou o falcão encarapitado em seu braço. A ave inclinou a cabeça, examinando-o com curiosidade.

Phillipe permaneceu onde estava, como que esperando algo mais. Navarre tornou a olhar para ele.

— Você está livre para ir embora. Phillipe assentiu.

— Eu sei, senhor — disse, mas continuou parado.

— Faça o que quiser — disse Navarre, pouco à vontade.

— Sim, senhor — assentiu Phillipe de novo. Vacilou, antes de acrescentar: — Quer dizer que o senhor e a Dama falcão seguirão em frente?

Navarre olhou para a ave. Um sorriso suave e fugaz perpassou por seus lábios, adoçando-lhe a boca.

— Dama falcão... — murmurou. Ergueu os olhos, novamente recordando o rapaz e o futuro.- Sim — disse, em tom brusco. — Para Áquila.

Phillipe endireitou os ombros.

— Por casualidade, eu também estou indo naquela direção. Navarre deu de ombros evasivamente, sem se preocupar por que o rapaz, de repente, decidira suicidar-se.

— Você é quem sabe — replicou. Empunhando as rédeas de Golias, começou a descer a ladeira. Phillipe seguiu a seu lado, sorrindo. -Pegue um dos cavalos dos guardas — indicou Navarre. — Você cuidará dos animais, como antes. Manterá aceso um fogo decente.

Cozinhará as refeições...

— É a minha sina na vida senhor — disse Phillipe alegremente.-
Tão comum quanto a terra. Roubei minha primeira bolsa quando tinha sete anos de idade. De um cavalheiro que ia a Notre Dame, para a missa solene. Achei melhor aliviá-lo antes que entrasse, enquanto ainda tinha algumas moedas sobrando. Naquela noite, minha mãe cozinhou carne, pela primeira vez em dois anos. Minha família era de uma pobreza criativa, compreenda, e...

Navarre finalmente tornou a olhar para ele. De relance, perguntou-se se Phillipe saberia mesmo onde a verdade começava e terminava em sua vida.

— Ainda se lamentando, hein, rapaz? O sorriso de Phillipe desapareceu.

— Eu nasci assim, capitão — disse.

Navarre sobressaltou-se, ao ouvir alguém tratá-lo por seu antigo posto. Fitou o rapaz curiosamente, tentando ler-lhe a expressão. Phillipe sorriu de novo, subitamente.

— E, sem a menor dúvida, também morrerei assim. Navarre riu, sacudindo a cabeça.

Phillipe acompanhou Navarre durante toda a manhã, de cabeça erguida. Agora tinha sua própria montaria, um fato que não mais o aterrorizava, ao contrário, melhorava seu estado de espírito. Phillipe, o Bravo, camarada de armas de Navarre e protetor de Isabeau, podia manejar um cavalo. E, talvez, de algum modo descobriria o meio de mudar o ânimo de Navarre...

Por toda a manhã, seguiram um trajeto tortuoso pelo sopé das montanhas, evitando as patrulhas do Bispo. A estrada principal que levava à cidade, agora estava muito bem vigiada, e teriam que encontrar uma outra forma de se aproximarem de Áquila. Navarre fez alto para dormir, no meio do dia exausto e ainda fraco em face de seus ferimentos.

Phillipe dormiu ao lado dele, ao haver-se tornado um parceiro completo no mundo às avessas que partilhara com Isabeau.

Quando Navarre acordou, Phillipe já acendera o fogo e fizeram uma pequena refeição juntos. O rapaz notara a formação de uma tempestade que vinha do oeste, enquanto esperava que Navarre acordasse e então, ao prosseguirem viagem, as nuvens escureceram o céu da tarde. Trovões

começaram a estrondear à distância. Phillipe estendeu a mão, esperando a primeira gota de chuva.

— Essa parece das grandes, capitão. Vamos ficar encharcados.

Navarre emergiu de seus sombrios pensamentos e estudou o céu
Mire as árvores.

— Encontre abrigo — disse. — O sol já está descendo.

Phillipe olhou para o horizonte toldado por nuvens cinzentas.

— Como é que pode saber? — perguntou.

Navarre deteve Golias e desmontou.

— Após tantos pores-do-sol... como eu não saberia? Estendeu a Phillipe sua espada, depois as rédeas do garanhão. O falcão voou para baixo e empoleirou-se no pulso de Navarre. Ele susteve o pássaro, afagou-lhe as penas carinhosamente e depois o passou para os braços de Phillipe.

— Cuida da Dama falcão.

Virando-se, enveredou pela floresta, mancando levemente. Phillipe o viu afastar-se com uma estranha mescla de tristeza e orgulho. De relance, perguntou-se como seria vagar pelas florestas a noite inteira, um animal selvagem dirigido pelo instinto, esquecidas todas as memórias de uma existência humana. No entanto ainda assim o lobo recordava Isabeau, como o falcão recordava Navarre. Phillipe gostaria de saber o que Navarre e Isabeau recordariam. . . Aninhou a ave contra si, segurando a espada tão estreita como que formando parte de seu braço. Navarre parou, virou-se e olhou para ele.

Phillipe sorriu confiantemente, erguendo a espada em uma saudação.

Navarre retribuiu a saudação com um sorriso e internou-se mais na floresta. Enquanto Phillipe o contemplava, um raio atingiu uma árvore nas proximidades, com ensurdecedor estrondo. Ele saltou, sobressaltado. Ao olhar para trás, Navarre não estava mais à vista.

Seu sorriso gelado desmanchou-se lentamente. O braço tremeu com o peso da espada e ele a deixou cair, com um suspiro de alívio.

A chuva começou a cair, quando Phillipe seguiu em frente sobre sua montaria.

Contudo, antes de ir muito longe, ouviu vozes ansiosas e viu um grupo de jovens e sorridentes aldeãos que corriam pela estrada, à sua frente. Todos vestiam seus melhores trajes de festa e dirigiam-se para uma pequena estalagem à beira da estrada. Seguindo-os cautelosamente até os fundos do

prédio, ele se refugiou agradecidamente em seu vasto e bolorento estábulo, quando a chuva se tornou torrencial. O falcão voou para o alto dos caibros e lá ficou empoleirado, agitando as asas e espiando. Phillipe desarreou os dois cavalos e os colocou nas baias, dando a cada um deles um bom punhado de feno. Os dois animais sacudiram-se e bateram com as patas no chão, a respiração saindo de seus focinhos em nuvens branqueadas.

Trovões estrondeavam e relâmpagos dançavam. A chuva caiu em prateada cortina além da entrada do estábulo. Também escoava insistentemente através de incontáveis e minúsculas goteiras no teto maltratado da construção. Phillipe acomodou-se cansadamente sobre uma pilha de feno úmido segurando firme a espada de Navarre a seu lado. Músculos que jamais imaginara possuir, tinham sido castigados ao máximo, após todo um dia na sela. Olhou para cima, quando o falcão voou agitadamente para a borda de uma baia ao lado dele.

— Está com fome? — perguntou. O falcão desviou os olhos. Phillipe ficou de joelhos na palha. — Compreende o que digo, Dama falcão? — Observou o olho dourado da ave, esperando um sinal de entendimento, mas ela o fitou com total falta de interesse. — Sabe de uma coisa? — prosseguiu, obstinadamente-, falcão é meu prato favorito para o jantar. Já comi milhares deles. Costumava matar um por dia, só para praticar.

O falcão continuou a fitá-lo, impassível. Phillipe deu de ombros e voltou a ajeitar-se na palha, encolhendo os joelhos, tiritando dentro das roupas encharcadas.

— É bem-feito, por envolver-me neste pesadelo! Pesadelo. . . - murmurou. — Pesadelo em dia claro. . . e então. . . "Não haverá noite nem dia..." — resmungou. — Por que não? Faz tanto sentido como o resto disto tudo!

Tornou a olhar para cima, quando o falcão rufou as asas. A ave sacudiu-se inquietamente, como se estranhas sensações despertassem dentro de seu corpo.

Pôr-do-sol. Phillipe ficou de pé, tomado repentinamente de súbita incerteza e angústia. Navarre o incumbira de proteger o falcão... um falcão que estava prestes a transformar-se em mulher.

— Escute — falou, sentindo o rosto avermelhar-se. — Eu vou... esperar lá fora, está bem?

Dando meia-volta, saiu quietamente pela porta do estábulo e confundiu-se com a escuridão. Encontrou abrigo sob o beirai do teto, onde ficou esfregando os braços e tiritando, enquanto a chuva soprava sobre ele, e suas roupas gélidas, molhadas, ficavam ainda mais frias e ensopadas. Olhou para a estalagem no instante em que uma carroça, enfeitada de guirlandas nupciais fazia alto diante da porta. A noiva, risonha e coroada de flores, desceu do veículo com o noivo, seguidos por mais convidados em trajes festivos.

A luz se despejava no terreno nos fundos da estalagem como uma poça de mel aquecido, brotando de seu pórtico coberto. Phillipe ouviu mais risos quando o jovem casal foi recebido pelo grupo de convidados, reunidos no interior. A música ritmada de uma flauta encheu o terreiro escuro assim que teve início à comemoração, e os dançarinos escolheram seus pares, sob as cornijas gotejantes.

Phillipe observou os dançarinos, tomado de nostalgia. Depois olhou para a entrada do estábulo. Encurvou as mãos quando seu corpo começou a formigar com súbita inspiração.

Tomando uma funda inspiração cruzou o pátio às carreiras até a carroça que ficara esperando, entulhada de presentes para os recém-casados. Agachando-se, tateou às apalpadelas entre as caixas e pacotes cobertos. Após um momento de procura, puxou uma saia comprida de pano tecido em casa, tingido de azul-mar, uma jaqueta cor de ferrugem e uma blusa de Unho. Sorridente, embolou as três peças e correu de volta ao estábulo.

O falcão continuava inquietamente empoleirado na beira de um caibro. Phillipe deixou as roupas sobre a palha, alisou-as com as mãos e ergueu os olhos para a ave.

— Não posso garantir que estejam na medida certa, mas... — sorriu, embaraçado. — Bom proveito! — murmurou, e tornou a sair para a chuva.

Navarre caminhou penosamente através da floresta, enquanto ia escurecendo, debaixo da mesma chuva torrencial. Seguiu a estrada na direção que Phillipe e o falcão haviam tomado, permanecendo encoberto pelas árvores; era incapaz de resistir à compulsão que o fazia segui-los, mesmo que quisesse outra coisa. As singulares sensações físicas da mudança se tornaram mais intensas em seu corpo, ficou mais insistente o despertar de estranhos instintos em sua mente à medida que se aproximava o pôr-do-sol. Tirou as luvas, uma de cada vez, afrouxou o gibão e despiu as

roupas, símbolo de sua humanidade, representando agora apenas um empecilho para o animal em que logo se transformaria.

Pelo menos esta noite seria diferente, de certo modo, de todas as anteriores. . . pelo menos, Isabeau não ficaria sozinha e sem amigos na escuridão. Pela primeira vez, eles tinham um aliado... o mais improvável que ele esperaria encontrar a seu lado. Uma gratidão relutante o invadiu, ao recordar a saudação de despedida de Phillipe, mesclada a uma pontada de amarga esperança.

Navarre olhou subitamente para trás, quando os instintos animais já despertando lhe disseram que não estava mais sozinho na floresta. Parou no meio de uma pequena clareira, procurando, aguçando os ouvidos. Um cavalo aproximava-se... eram dois... havia um homem circundado pelo cheiro de lobos — e o cheiro da morte.

Na mente de Navarre houve uma aguilhada de pânico, ao perceber o quanto estava vulnerável. Agora não. . . por que tinha de ser agora? Começou a correr, acabando de tirar as roupas com desajeitada precipitação. Na retaguarda, ouviu o caçador chegar em seu cavalo até a clareira e estacar de súbito, pois percebera movimento. Navarre olhou para trás. Durante uma batida de coração, seus olhos encontraram o olhar mortal do homem vestido em peles de lobo, exalando um odor de sangue. Ficou hirto. Então, atirando fora a camisa, correu desesperado, tentando ocultar-se na proteção das árvores.

A mudança o apanhou a meio caminho, enquanto fugia. Uma força além de seu controle o dominou em sua garra sobrenatural, traspassando a carne e os ossos do homem para transformá-lo no corpo de um animal, modificando-o inexoravelmente. Uma onda trêmula de escuro esquecimento passou por ele. . . e, ao desaparecer, Navarre se fora. Um enorme lobo negro caminhava por entre as árvores.

César ficou imóvel em seu cavalo, fitando a floresta sombria com o cenho franzido de medo.

Phillipe terminou de mudar as roupas debaixo dos beirais gotejantes do estábulo, cantarolando satisfeito, no ritmo da música que vinha da estalagem. Tornou a olhar para as portas do estábulo e parou de cantarolar, tentando ouvir alguma voz ou som que viesse do interior. Nas florestas além do estábulo havia um negrume de breu. A esta altura, a hora do pôr-do-sol já devia ter passado há muito e...

— Senhorita? Senhora? — chamou suavemente. Não houve resposta. — Vou entrar! — anunciou mais alto.

Precipitou-se para o interior do estábulo, mas ali não havia sinal do falcão ou de quem quer que fosse, em todo o sombrio recinto. Ele ouviu, o coração batendo mais forte, mas seus ouvidos aguçados captaram apenas o relincho de um cavalo, música amortecida e o tamborilar da chuva.

— Senhorita? — repetiu, incerto. Sua voz extinguiu-se. — Senhorita, sou eu...

Algo roçou-lhe o braço, por trás. Phillipe gritou e girou sobre os calcanhares. Isabeau destacou-se das sombras, usando o traje que ele roubara para ela. Tinha os olhos cheios de gratidão, enquanto as mãos tocavam o tecido da saia comprida.

Embaraçado, Phillipe engoliu em seco, depois sorriu com prazer, baixando os olhos.

Disse, vacilante:

— Phillipe, o Bravo, lembra-se?

Isabeau sorriu em retribuição, como um candeeiro na escuridão, e assentiu.

Estendendo o braço, afagou carinhosamente o pescoço arqueado de Golias. Depois olhou para a porta, para a chuva no lado de fora e para a noite.

Phillipe ergueu a cabeça. Disse, cauteloso:

— Vivo. Como a senhora. Cheio de esperança. Como a senhora.

— Ele está nos conduzindo a Águila, não é? — perguntou ela.

— Sim, está — assentiu Phillipe, relutante. Uma escura sombra agourenta toldou o olhar de Isabeau. Respirando fundo, ele acrescentou, com mais animação: — Ele a deixou sob meus cuidados, como pode ver, por sua espada ali adiante. "Diga a ela que nós dois falamos como um", foi como disse. "E ela seguirá suas instruções como se fossem minhas".

— De fato. — Ela ergueu os olhos, torcendo a boca, enquanto estudava os caibros por um longo e reflexivo momento. Depois tornou a fitá-lo e sorriu de novo. — O que... você recomenda?

— Recomendo que se sente ao lado de um bom fogo — disse Phillipe com firmeza. -

Que beba uma taça de vinho doce e dance ao som de uma música animada, tocada com alegria.

Phillipe apontou para a estalagem.

— Dançar? — perguntou ela, tão incrédula como se ele a tivesse convidado para caminhar nas nuvens.

— Por que não?

O sorriso dele interrompeu-se novamente. Isabeau olhou pela porta aberta do estábulo, na direção da luz e da música. Phillipe viu seu rosto deixar transparecer uma admirada percepção, ânsia e dúvida -era como a face do prisioneiro que ficou trancado em negra solidão, a ponto de até mesmo a lembrança da música e do convívio humano não passar de um sonho. Os compassos iniciais de uma nova melodia infiltraram-se pela porta aberta. Phillipe fez uma rápida mesura para Isabeau oferecendo-lhe a mão, como um galante lorde.

— Praticamos um pouco?

Sorrindo com hesitante prazer, ela lhe tomou a mão e fez uma graciosa mesura.

Phillipe passou o braço em torno dela e começou a guiá-la através dos passos e volteios da agitada dança camponesa. A princípio Isabeau se moveu de maneira tão incerta como se dançasse sobre os ovos. Contudo, a cada vez que seus pés repetiam os passos, mostravam-se mais confiantes, até estar rodopiando tão alegremente à música como se houvesse nascido dançando. Suas faces pálidas estavam rosadas e os olhos brilhavam.

Quando a dança terminou, virou-se ofegante para Phillipe, batendo palmas e rindo com alegria.

O sorriso dele ampliou-se, ao sentir os ouvidos inundados pelo riso da companheira, algo mais belo para ele do que a música de cem canções. Era a primeira vez que a ouvia rir e, observando-lhe o rosto admirado, notou que estava tão surpresa quanto ele, ante a beleza daquele som.

Isabeau apertou as mãos de Phillipe e seus olhos cintilaram como esmeraldas, cheios de inesperada emoção. Ele adivinhou que ela devia ter dançado a vida inteira em palácios e salões senhoriais, usando vestidos de fina seda. No entanto os olhos de Isabeau lhe diziam que nenhum daqueles momentos poderia jamais significar tanto para ela como este que acabara de partilhar com ele.

Phillipe afastou-se dela, soltando-lhe as mãos, o coração transbordante. De repente sentiu medo de insistir em testar mais suas promessas de cavaleiro. Cruzou o estábulo em largas passadas até a espada de Navarre e, ajoelhando-se, ele a apanhou.

O sorriso de Isabeau era estranhamente maternal, quando Phillipe tornou a fitá-la.

— Oh, então pretende ser também meu protetor? Fico envaidecida. Phillipe assentiu.

— De certa maneira, senhora. A verdade é que. . . — seu sorriso ficou tímido — bem, ele me mataria, se eu perdesse sua espada.

Embrulhou cuidadosamente a espada em um pedaço de estopa, a fim de protegê-la do tempo e de olhares curiosos. Isabeau apanhou uma cobertura dos cavalos e a jogou sobre ambos, com os olhos antecipadamente animados. Os dois esgueiraram-se pela porta do estábulo e correram para a estalagem, de cabeça abaixada contra a chuva.

De repente um cavalo materializou-se da escuridão. Os dois se chocaram cegamente contra o flanco do animal e tropeçaram, surpresos. Phillipe ouviu Isabeau ofegar, quando ela ergueu os olhos. Olhou também e até esqueceu de respirar, ao ver o rosto do estranho.

O homem era enorme, com barba negra e cicatrizes abaixo de um olho. Ele os fitou com a expressão implacável da cabeça de um morto. Seu rosto estava raiado de sangue, que nem a chuva conseguira lavar inteiramente. Com forte sotaque estrangeiro, disse:

— Vejam por onde andam!

Era como se da próxima vez o erro pudesse ser fatal.

— Sim, senhor — disse Phillipe, acanhado. — Obrigado, senhor. Tomou o cotovelo de Isabeau, tentando afastá-la dali, mas ela permanecia estática, olhando além dele, com o rosto cheio de horror. Phillipe olhou na mesma direção. O cavalo de carga do caçador levava uma enorme pilha de peles de lobos mortos recentemente, formando um emaranhado fantasmagórico de pelames, sangue e olhos sem vida. Isabeau gritou, mas Phillipe a puxou para si, segurando-a nos braços, virando-lhe o rosto para que não visse mais aquela cena.

— Isabeau! Isabeau! — sussurrou.

Os lábios do caçador repuxaram-se em uma espécie de sorriso zombeteiro, mostrando dentes arruinados.

— Isabeau? — murmurou. — Isabeau...

O sorriso acentuou-se. Phillipe fez Isabeau ficar às suas costas e puxou a cobertura da espada de Navarre. Erguendo-a com esforço, apontou a lâmina para o rosto do caçador.

— Toque nela um só instante e encontrará isto no chão, perto de sua cabeça! Agora, vá embora!

Os lábios do caçador encurvaram-se, divertidos. Estirou a mão, em uma súbita finta, mas a puxou bruscamente, quando Phillipe fez menção de atingi-la com a espada.

— Calma, homenzinho! Não pretende ferir um homem por ele ganhar a vida, não é mesmo?

— Está surdo? — bradou Phillipe. — Vá embora!

Espetou o traseiro do cavalo do caçador com a ponta da espada. O animal saltou para diante e disparou, levando o caçador e sua carga hedionda para a escuridão da noite.

Phillipe se virou, triunfante.

— Bem... Acho que mostramos a ele como...

Sua voz sumiu. Isabeau não estava mais ali. Virando-se para o estábulo, ele ouviu um ruído no interior.

Isabeau irrompeu da entrada do estábulo, montada no garanhão negro. Seus calcanhares se fincaram nas ilhargas do animal, passando em disparada ao lado de Phillipe, como se ele fosse invisível. Ele saltou rapidamente para um lado, escapando por pouco de ser atropelado.

Isabeau galopou para o seio da noite, seguindo o caçador. Phillipe levantou-se da lama e contemplou a escuridão vazia, em desespero. — Ele me matará! — gemeu. — Ele me matará!

CAPÍTULO 13

Isabeau parecia alucinada, com sua montaria galopando pela escuridão. Os galhos lhe dilaceravam o rosto, ao forçar Golias através dos arbustos, e o ferimento do ombro queimava de dor. No entanto a única coisa que importava agora era o medo terrível em seu íntimo. O primeiro traje apropriado a uma mulher, vestido em dois anos, pendia dela como um farrapo lamacento, constituindo apenas um estorvo. As luzes brilhantes da estalagem, a maravilhosa promessa de vinho e canção que a abalara apenas momentos antes, pareciam-lhe uma alucinação. Aquilo era real — a escuridão, a chuva, o terror de que, em algum ponto daquela floresta noturna, o lobo negro estivesse em perigo mortal.

Reduziu subitamente o galope de Golias ao ver algo à frente: duas sombras mais negras contra a escuridão. Freou a montaria. Os dois cavalos do caçador estavam atados a uma árvore em uma clareira, de costas viradas para o vento. A chuva começava a diminuir, melhorando a visibilidade, mas não havia sinais do caçador. Ela fez o cavalo avançar, cautelosamente, e então desmontou.

Um lobo uivou nas proximidades. Isabeau virou a cabeça bruscamente e perscrutou em vão a escuridão. Não! Corra! Corra! quis gritar, mesmo sabendo que seria pior. O lobo era seu guardião à noite, como o falcão o guardava de dia. Ele não iria embora. Entretanto o caçador de lobos reconheceu seu nome. . . e então Isabeau soube, com terrível certeza, o que ele fora incumbido de fazer ali. Como sabia que aquela noite terminaria apenas de uma forma. Enfiando a mão nos alforjes de Navarre, ela pegou sua adaga.

Com a arma apertada firmemente na mão, Isabeau embrenhou-se na floresta. Tinha certeza de que o caçador não podia ter ido muito longe. Não houvera tempo e, por outro lado, também tinha certeza de que ele a esperava. Um galho morto estalou sob seu peso.

Ela parou, gelada. Não houve nenhum som em resposta, apenas o suave ruído da água, gotejando das folhas. Amaldiçoou silenciosamente sua

inépcia, quando começou a avançar novamente. Aprendera com seu pai a montar e caçar como um homem... porém ele nunca tivera de caçar à noite.

Ficou imóvel outra vez, de repente vislumbrando o contorno espectral de outra figura, bem à frente. O caçador estava agachado em uma diminuta clareira e erguia a cabeça, vigiando à sua volta, como um animal desconfiado. Ela conteve a respiração. Contudo, ele apenas tornou a ficar imóvel, por outro interminável momento, antes de levantar-se e desaparecer na escuridão.

Isabeau deslizou através da clareira e passou junto ao lugar onde o homem estivera agachado. Seu pé roçou a borda da pesada armadilha de aço que ele montara e escondera. . . e ela seguiu em frente, sem suspeitar, embrenhando-se por entre as árvores.

César sempre caçava à noite e tinha os sentidos aguçados como os de um lobo.

Ouvira Isabeau passar por seu esconderijo e, saindo de trás de uma árvore, apanhou uma pedra silenciosamente.

Isabeau tornou a parar, ouvindo, naquele silêncio gotejante e espectral. E, em algum ponto da floresta, o lobo negro parou também para ouvir e farejar o ar. O vapor esguichou de suas narinas, enovelando-se no ar frio e úmido.

César atirou a pedra. Ela caiu na armadilha atrás de Isabeau, fechando as mandíbulas com ruído metálico.

Isabeau girou, aterrorizada, erguendo a adaga. Perscrutou a escuridão. Silêncio.

Apenas silêncio.

O lobo negro empinou as orelhas. Virando-se, trotou na direção daquele som.

César atirou outra pedra. Mais uma armadilha se fechou com estrondo. Isabeau olhou para trás, ofegando. Silêncio.

— Apareça! — gritou ela. Silêncio. — Covarde! — bradou.

Agachado entre os arbustos, César esperava, com impiedosa paciência.

Outra armadilha se fechou barulhentemente e um lobo uivou angustiado. O coração de Isabeau comprimiu-se; ela permaneceu imóvel, paralisada pela agonia do próprio terror.

César saltou de seu esconderijo e correu para a armadilha. Um enorme lobo jazia morto no artefato metálico, esmagado entre queixadas de

aço que tinham sido montadas para capturar um urso. César sorriu, com feroz satisfação. Libertou o corpo do lobo e o puxou da boca da armadilha, que em seguida tornou a montar, com mãos experientes.

Começou a levantar-se.

Algo rosnou diretamente atrás dele. César se virou, apertando os olhos. Um enorme lobo negro estava parado, vigiando-o, com os pêlos do pescoço inteiramente arrepiados.

O lobo tornou a rosnar, mostrando as presas.

César deu meia-volta, pronto para fugir dali. De repente, Isabeau estava à sua frente, com os olhos escuros de vingança, bloqueando-lhe o caminho. Estirando o joelho, ela lhe deu uma rasteira e ele caiu de costas nas fauces arreganhadas da armadilha à espera. As duas queixadas de aço se uniram com forte estrondo metálico, sufocando-lhe o grito de horror.

Isabeau permaneceu onde estava, ofegante e exausta. O lobo a fitou por um longo momento, com insondáveis olhos ambarinos, antes de dar meia-volta e embrenhar-se na floresta. Atrás dela ouvia-se o ruído espalhafatoso de alguém que vinha desordenadamente por entre as árvores. Ela se virou, mal se preocupando, e viu Phillipe emergir da floresta às suas costas, com a espada de Navarre nas mãos. Ele estacou, fitando-a com aterrada incredulidade.

Isabeau caminhou em direção ao lobo morto, silenciosamente. Passou ao lado do corpo do caçador, preso na armadilha, e então tropeçou de repente, quando algo aferrou seu tornozelo. Olhou para baixo. . . e gritou, porque a mão ensangüentada do homem a apertava em redor da perna, em um torno mortal. Ele ergueu a cabeça, os lábios arreganhados para trás, em um rosnado desafiante. Seu rosto tombou para diante outra vez e a mão deslizou do pé que segurava. Isabeau ficou paralisada por um longo momento era incapaz de mover-se e seu corpo trêmulo estava inteiramente sem forças.

Phillipe também ficou parado, plantado no mesmo lugar, horrorizado ao ir compreendendo tudo o que tinha acontecido ali.

— Não é ele — disse Isabeau, apaticamente, quando Phillipe olhou para o lobo.

Embora isso não importasse, ela percebeu que a chuva tinha cessado. Uma pequena meia lua piscava entre as nuvens. Isabeau fitou o lobo morto sem dizer palavra. Não podia identificar sua cor, mas tinha sido um belo animal. A armadilha lhe destruíra a beleza, a inteligência, a vida. . .

inexoravelmente. Depois fitou o caçador morto, o Maligno abatido pela própria ferramenta, em justa retribuição. Tornou a contemplar o lobo; caminhou até ele e ergueu seu corpo desconjuntado o mais delicadamente que pôde, ignorando a própria dor. Seus olhos se encheram de lágrimas, que não caíram.

Phillipe aproximou-se dela, com ar inquisitivo e incerto, enquanto observava o lobo e depois ela.

— Eu desejaria que fosse ele — disse Isabeau, em voz sem entonação.

— Não está falando sério, senhora — protestou Phillipe, suavemente. — Ninguém pode desejar a morte, por amor.

Ela o encarou, observou suas feições de menino, seus olhos de débil mental, fitando-a com tão absoluta certeza. Chegara a acreditar, uma vez... Sorriu com amargura, baixando o olhar.

— É mesmo? — disse. — E o que você sabe do amor? Virando-se, puxou o corpo do lobo para a base de uma árvore.

— Nada, creio — murmurou Phillipe, atrás dela. — Eu nunca. . . amei ninguém.

Tenho...sonhos, é claro — disse, melancólico — mas nunca vivi esses sonhos.

Isabeau ergueu os olhos para ele.

— Então, você é um homem de sorte.

Ajoelhando-se, ela deixou o corpo do lobo debaixo da árvore. Procurou pedras entre as folhas, a fim de fazer uma espécie de sepultura; empilhou-as em movimentos bruscos e desesperados, sentindo a raiva impotente que se acumulava em seu íntimo como um vagalhão.

— Pois eu vivi o sonho e desejei a morte de meu companheiro. Desejei que ambos morrêssemos. Diga-lhe isso — falou, em voz trêmula, recordando os dois últimos anos de morta-viva, o pesar, a angústia e a raiva que guardara por tanto tempo, envolvendo-a subitamente. — Diga a ele que amaldição o dia em que o conheci. Diga a ele que, de fato, nunca o amei. Diga a ele. . . — Ergueu a cabeça e seus olhos encontraram os de Phillipe.

De repente, sentiu-os inundados de lágrimas e, dando vazão à sua dor, exclamou: — Oh, como ele pode continuar assim, dia após dia, sofrendo uma agonia tão grande como a minha... e ainda pensar que existe uma solução!

Phillipe começou a piscar repetidamente, os olhos também cheios de lágrimas. Suas mãos tremeram, como se lutasse para mantê-las caídas ao lado do corpo. Por fim, em uma voz tão débil que ela mal pôde ouvir, murmurou:

— Ele... a ama!

Isabeau tomou uma funda e trêmula respiração. Ergueu-se lentamente, enxugando as faces. Assentiu de leve, com um sorriso de embaraço e de profunda gratidão por aquelas palavras. Era como se Navarre em pessoa as houvesse pronunciado, e elas lhe tocaram a alma profundamente. . . Isabeau vivera tanto tempo em seu solitário exílio que a dúvida e o medo apertavam-lhe a garganta como serpentes, envenenado seu coração; ela nunca ousara libertá-las — em voz alta, por assim dizer — porque nunca tinha havido ninguém para respondê-las, para negá-las, até agora. Em dois anos, não dissera uma dúzia de palavras significativas a outro ser humano, até Phillipe aparecer em suas vidas...

Sacudiu a cabeça quando o passado levantou-se incontrolavelmente dentro dela.

Aprendera a suportar o silêncio, como aprendera a suportar o resto, todas as coisas que, a princípio, julgara insuportáveis. No começo, deixava mensagens para Navarre, e ele para ela. Contudo, à medida que o tempo passava, cada vez havia menos e menos a partilhar, mesmo dessa maneira, até que por fim restara apenas sofrimento e as notas cessaram. Não obstante, após tão longo período, após tanta dor...

— Sim, de fato é uma tolice — murmurou ela — Mas... cada noite, quando acordo, espero vê-lo. Sei que ele não estará ali, mas de alguma forma. . . — Fechou os olhos, suspirando. -

Posso sentir as pontas de seus dedos, aninhadas atrás de minha orelha... descendo, assim.

— Ela ergueu a mão. — Desenhando o contorno de meu queixo... tocando meus lábios...provocando um sorriso...depois cobrindo-o com um beijo...

Ela parou de falar e tornou a abrir os olhos. Os de Phillipe permaneciam fixos em seu rosto, brilhando com lágrimas.

— A senhora viveu o sonho — disse ele. — E tomará a vivê-lo... se existe um Deus no céu!

Phillipe crispou os punhos como se pudesse concretizar aquelas palavras, apenas por acreditar nelas. Isabeau estendeu a mão e tocou-lhe o

rosto, verificando que era real.

— Mesmo que exista — disse, em voz suave — prometa que não nos deixará!

Nossa dádiva de esperança, pensou ela. Phillipe estremeceu ligeiramente àquele toque, como um animalzinho amedrontado.

— Eu. . . pedi ao capitão que não confiasse tanto em mim, compreenda — disse ele, cabisbaixo. Tornou a fitá-la, com sua falsa alacridade. — Há dez anos, prometi a minha mãe que voltaria em uma hora.

Isabeau deixou a mão cair, e um sorriso tristonho mostrou que compreendera. Tentou aceitar a idéia de que ele não poderia ficar, de que na noite seguinte talvez acordasse para, novamente, enfrentar anos de solidão. O próprio fato de tê-lo a seu lado, aquela noite, já era um milagre.

— Até agora... nunca tivemos ninguém que nos ajudasse... Virou o rosto, sentindo baixar de novo todo o peso de sua carga sobre os ombros sofridos.

— Não se preocupe, senhora — disse Phillipe, em voz estremecida. — Afinal... de que outra maneira eu poderia viver o sonho?

Isabeau ergueu os olhos para ele. Viu as lágrimas que, sem a menor vergonha, escorriam agora pelo rosto de Phillipe, e então, de repente, suas próprias lágrimas começaram a cair novamente. Ele sorriu, ela sorriu também, estendendo os braços. Os dois ficaram apertadamente abraçados por longos momentos, porque haviam permanecido muito tempo sozinhos.

CAPÍTULO 14

Marquet conduziu seus homens através da abadia em ruínas, guiados pela luz de tochas. Jehan não voltara e, seguindo sua pista, eles tinham chegado àquele lugar.

Marquet permaneceu junto a ponte levadiça, enquanto seus guardas vistoriavam o interior da abadia. Estava sujo e cansado, com um humor que a cada momento ficava mais negro.

Não havia sinal de Jehan e dos homens que o acompanhavam, nenhum indício de que houvessem abandonado aquelas paragens... mas alguém se fora dali. Ele se virou, quando um guarda cruzou a arruinada ponte levadiça, trazendo notícias.

— Tudo vazio, senhor, mas encontramos isto.

O guarda exibiu-lhe uma pena de falcão, manchada de sangue seco. Por entre os olhos semicerrados, Marquet examinou-a à luz da tocha. Um lento e feio sorriso formou-se em sua boca. Todas as suas perguntas tinham sido respondidas. Levantou o rosto e fitou a abadia, cujas ruínas haviam abrigado o agente do demônio, o inimigo mortal do Bispo — e seu próprio. Ergueu a mão, apontando para elas.

— Queimem tudo! — ordenou.

Montados em seus cavalos, internaram-se novamente na noite. Marquet olhou para trás, com sombria satisfação, contemplando as chamas que consumiam as ruínas, como os fogos do inferno logo consumiriam Navarre.

Ao amanhecer do novo dia, Navarre chegou ao acampamento montado em seu cavalo, de olhos postos no alto, vasculhando o céu. O falcão pairava nas alturas, no ar dourado das primeiras luzes da manhã, acima de uma montanha coroada de neve. A ave baixou em círculos quando o viu e empoleirou-se no galho inferior de um carvalho próximo. Navarre desviou os olhos, sem sorrir.

No chão, Phillipe dormia tão profundamente como uma criança, aninhado junto à fogueira apagada do acampamento e segurando a espada

embainhada entre os braços, apertando-a como se fosse uma amante. Navarre ficou mais desanimado ainda, ao contemplar o rapaz.

Chegou até junto dele e puxou-lhe a espada dos braços. O rapaz despertou sobressaltado e engatinhou aos pés de Navarre, com expressão culpada. Segurava a coberta em volta do corpo, tiritante, esfregando os olhos como se ainda estivesse exausto.

Navarre o fitou com frieza, depois olhou para o pico da montanha, cintilando com a neve recém-caída. Se viajasse o dia inteiro, poderia chegar a Águila no seguinte...

— Todas as estradas deste lado do vale são impossíveis — disse. — O único caminho aberto para a cidade será pela montanha. Fará um frio intenso... Há neve acima dos limites da vegetação.

Esperou que o rosto do rapaz o traísse. Esperou que ele iniciasse alguma desculpa, que se recusasse, que montasse em seu cavalo e fosse embora, levando consigo a carga indesejada de sua jovem vida. Entretanto o outro não fez nada disso, limitando-se a fitá-lo com ar incerto. Navarre deu meia-volta e caminhou para seu cavalo. Phillipe continuou parado onde estava, chutando as brasas mortas do fogo.

— Eles o matarão! E a matarão também! — exclamou, quase enfurecido. — Não conseguirão chegar a cem metros do Bispo!

Navarre prendeu a espada ao arção da sela e tornou a montar no garanhão. Olhou em silêncio para Phillipe, com ar impassível, e depois espetou os calcanhares nas ilhargas do animal.

— Deveria ouvir-me! — gritou Phillipe, correndo para seu cavalo. — Não tenho que ir junto, bem sabe! Ainda sou jovem! Tenho esperanças!

Emparelhou com Navarre uns quatrocentos metros além e seguiram lado a lado. Seu companheiro o ignorou pelo restante da manhã, enquanto os cavalos abriam caminho firmemente, subindo para a passagem no alto das montanhas. As árvores começavam a escassear, e pouco depois os cavaleiros seguiam ao longo dos terrenos cobertos de neve.

O sol brilhava, fazendo a montanha cintilar como prata acima deles e levando Navarre, involuntariamente, a pensar em seu lar. As propriedades ancestrais de sua família jaziam pacificamente nas montanhas, a cinco dias de jornada para oeste... agora além de seu alcance para sempre. Ele apressou Golias, impaciente.

Navarre olhou para Phillipe pela primeira vez durante horas, ao perceber que ele tornara a bocejar. Aliás, passara a manhã inteira bocejando,

embora procurasse disfarçar.

— Que noite! — suspirou Phillipe para si mesmo. Navarre franziu o cenho, com inquieta curiosidade.

— Que... noite?

— Hmm? — Sobressaltado, Phillipe olhou para ele. — Oh, capitão, nada aconteceu que eu não pudesse controlar...

Sorriu prazerosamente, aconchegando mais a coberta contra os ombros. Depois, tornou a olhar para diante. Navarre o estudou com ar desconfiado, mas elevou os olhos subitamente, ao ouvir o falcão grasnar nas alturas. A ave não o procurara por toda a manhã, como se houvesse sentido seu estado de ânimo, porém agora começava a voar para baixo em círculos, de maneira que ele ergueu o braço, expectante.

No entanto foi para o braço de Phillipe que o falcão voou, nele empoleirando-se.

Navarre fitou o rapaz com incredulidade, quando ele acolheu o falcão, com uma exclamação de surpresa. Phillipe ergueu os olhos, mostrando um ar de culpa no rosto que o frio avermelhara. Sorriu fracamente e se virou para a ave.

— Lindo pássaro... bom falcãozinho... — Sacudiu o braço, sussurrando: — Muito bem, agora vá para seu dono! — O falcão aferrou as garras nas dobras de sua manga, mas ele tornou a sacudir o braço, insistindo: - Vá, Dama falcão!

Não obstante, a ave permaneceu firmemente empoleirada no braço dele, baixando a cabeça para fitá-lo quase com satisfação. Phillipe remexeu-se na sela, inquieto, sob o olhar inquisitivo de Navarre.

— Fale-me a respeito — disse Navarre, enquanto prosseguiam.

— Como, capitão? — perguntou Phillipe, preocupado.

— Quero saber como foi esta última noite, rapaz!

Navarre forçou as palavras a saírem, sentindo uma emoção quase esquecida enovelar-se em seu peito como uma serpente.

— O que há para contar? — replicou Phillipe nervosamente, olhando para o falcão. -

Agora vá! Vá, vá, vá...! — A ave não se mexeu. — Nós... tropeçamos em alguns problemas, quando íamos para uma estalagem, e...

— Você levou Isabeau a uma estalagem? — perguntou Navarre, com o cenho ainda mais franzido.

— Voe para seu dono... voe para quem você ama! — insistiu Phillipe, sentindo crescer a inquietação. A ave aferrou-se a ele como carrapicho. Phillipe tornou a olhar para Navarre, e seu rosto, agora, estava mais vermelho pelo constrangimento do que pelo frio. — Bem, compreenda, primeiro fomos para aquele estábulo...

— Estábulo? — cortou Navarre, soltando a palavra em um só jato. — O que fizeram no estábulo?

— Trocamos de roupas e...

— Vocês trocaram de roupas no estábulo?

— Bem, não juntos, é da...

— Quer dizer que a deixou sozinha?

— Nunca! — ofegou Phillipe.

— Então, trocaram de roupas juntos!

— Não! -

— Não minta para mim, rapaz!

Navarre fez o garanhão parar bruscamente e puxou sua espada. O falcão deu um grasnido agudo e voou do braço de Phillipe para o dele. Navarre fitou a ave e sentiu que a onda de furioso ciúme abandonava sua mente. Baixou a espada, em um gesto lento.

Duvidar do rapaz seria duvidar dela. Naqueles dois últimos anos, jamais olhara para outra mulher com qualquer espécie de desejo, a menos que o desejo fosse por Isabeau. No fundo do coração, sabia que com ela acontecera o mesmo.

Phillipe suspirou.

— Ela é a mulher mais maravilhosa que já existiu, senhor — disse calma -, e posso afirmar que já tive minhas fantasias. No entanto a verdade é que... Bem, tudo quanto ela fez foi falar a seu respeito.

Phillipe tentou desviar o olhar, mas Navarre continuava a encará-lo, enquanto embainhava a espada. Deixou a mão pousando na empunhadura.

— Conte-me o que ela disse. Tudo o que ela disse. E fique avisado, rapaz, eu saberei se as palavras foram suas!

Fez o cavalo tocar em frente de novo, e Phillipe o seguiu, ligeiramente atrás, apenas fora do alcance de sua visão. Navarre o ouviu engolir em seco, como se tivesse as palavras presas na garganta.

— Ela primeiro... ficou triste — disse Phillipe, desajeitadamente. — Falou sobre o dia em que se conheceram. Ela... o amaldiçoou.

Navarre pestanejou, como se alguém o tivesse esbofeteado. Seu coração afundou como uma pedra.

— Então me pediu para dizer-lhe... — Phillipe interrompeu-se novamente. — Para dizer que nunca o amou.

A voz do rapaz estava tensa. Navarre fitou o falcão. A ave também o fitou, com olhos amarelos, inumanos. Ele fechou os olhos, procurando conter o sofrimento.

— Foi então quando ela recordou um... um gesto seu... sua maneira de correr-lhe os dedos por trás da orelha... desenhando-lhe a linha do queixo...

Navarre abriu os olhos para a visão, sentiu-os queimando com as lágrimas não derramadas.

— Tocando-lhe os lábios... — prosseguiu Phillipe, com tal intensidade de ternura que parecia, realmente, ter também conhecido aquele momento — e seus olhos brilharam. Não, ela brilhou, toda ela, enquanto recordava... "provocando um sorriso... depois cobrindo-o com um beijo".

Navarre tornou a fitar o falcão. A ave se virou para o vento, perscrutando o céu por sinais desconhecidos a um homem, enquanto ele lhe perscrutava os olhos, buscando coisas que ela jamais compreenderia. No entanto sempre o falcão sentia uma atração irresistível por ele, da mesma forma como o lobo era atraído por ela. Navarre olhou para Phillipe e seu sorriso era cheio de tristeza. Seus próprios eus selvagens, de animais incompletos, não sentiam atração por outros da mesma espécie, mas somente por um parceiro humano, que não poderia consolá-los.

— Sabia que falcões... e lobos... quando se acasalam é para a vida inteira?

— Não, não sabia — disse Phillipe, com os olhos toldados pela percepção daquilo.

— O Bispo nem isso nos permitiu, rapaz — disse Navarre, em tom fatigado. — Nem mesmo isso!

Navarre se virou para diante outra vez e instigou o cavalo de repente. Seu rosto endureceu-se.

Sentado em uma carroça puxada por uma mula, Imperius bloqueava a passagem mais adiante. Tinha os olhos límpidos e estava absolutamente sóbrio.

— Ainda planejando matar Sua Excelência Reverendíssima? A mão de Navarre tornou a pousar no punho da espada.

— A você é que eu deveria matar, velho — disse ele. — E matarei, se continuar a seguir-me.

Imperius ergueu a cabeça.

— Pois então, siga-me. Para Áquila. Onde dentro de dois dias poderá enfrentar o Bispo na catedral, com Isabeau a seu lado, e ver o Maligno reclamar sua recompensa.

Após falar, Imperius manobrou sua carroça, virando-a na direção da subida. A mão de Navarre pressionou o punho da espada. Não queria ouvir — não permitiria que aquele velho ensandecido pela culpa aliviasse a própria alma adiando sua angústia e a de Isabeau por mais um dia que fosse.

— Estarei em Áquila amanhã — disse ele, em voz tão cortante quanto o vento. — De um modo ou de outro, isto finalmente terá que acabar!

Imperius se voltou para Phillipe, com ar implorante.

— Diga a ele que está errado! Diga-lhe que me dê uma chance! Navarre olhou fixamente para Phillipe. O rapaz olhou para o chão e pigarreou para clarear a garganta.

— Mais um dia, menos um dia... que diferença faz? Por que não dar uma chance a ele? — murmurou.

Navarre sentiu que o último resquício de calor se congelara em seu íntimo.

— Você também! — exclamou, aborrecido.

Phillipe o fitou, magoado, sustentando-lhe o olhar com ar suplicante, porém não falou mais nada, como se já soubesse que seria inútil. O vento gelado assobiou através da neve, enrodilhando-se em torno deles como uma chibatada.

— Pois então, fique aqui — disse Navarre, afinal. — Com o velho. Bebam... e iludam-se com sonhos, um ao outro!

Phillipe balançou a cabeça.

— Eu vou com o senhor.

— Não — disse Navarre. Percebeu que o rapaz se retesava, com obstinado desafio. -

Haverá muita gente à minha frente, para que também tenha que vigiar as costas!

Manobrou o cavalo, a fim de não ver a surpresa mágoa que se estendia sobre o rosto de Phillipe, e esporeou o animal para que continuasse

subindo a montanha. Phillipe permaneceu imóvel sobre a montaria, fitando a neve, com os lábios contraídos.

— Você fez a coisa honesta, ladrãozinho — disse Imperius, em voz calma. — Falou a verdade.

— Eu devia ter imaginado... — Phillipe ergueu os olhos desanimados, tiritando quando o vento sacudiu sua coberta esvoaçante. — Cada momento feliz de minha vida foi resultante de uma mentira.

Navarre seguiu em frente sozinho, uma figura negra e ereta, perdida em uma imensidão de branco. Estava satisfeito por ficar só, aliviado por haver-se livrado do último obstáculo entre ele e sua sina... a última pessoa que poderia ser destruída por ela.

Perdera todo o controle sobre a própria vida, mas a morte, pelo menos, seria sua escolha pessoal.

O falcão aninhou-se mais debaixo de sua capa. Beliscou irritadamente a mão de Navarre, por causa do frio e pela insistência dele em levá-lo através de toda aquela triagem. Ele fitou a ave com súbita afeição e tristeza. Pelo menos este seria o último sofrimento que lhe infligiria. Jamais haveria outro inverno de noites gélidas e sem abrigo para Isabeau, outra primavera sem o toque do sol ou um outono sem a cor das folhas em mutação... Haveria um fim para aquilo, de um modo ou de outro. Suas vidas eram uma, e quando morressem juntos, talvez Deus, em Sua misericórdia, finalmente lhes desse paz ou, no mínimo, esquecimento.

Até então, ela não precisaria saber para onde iam e nem por quê. Que fosse poupada, pelo menos. Navarre tornou a erguer o rosto para os campos nevados e deixou que a ofuscante cintilação lhe enchesse os olhos, até que afinal nada mais conseguiu enxergar.

CAPÍTULO 15

Phillipe sentou-se na carroça do lado de Imperius, agradecidamente embrulhado em uma pele de carneiro, enquanto os cascos firmes da mula seguiam a trilha de Navarre, através da neve. Seu cavalo vinha atrás deles, atado à traseira da carroça, as patas hirtas igualmente satisfeitas com a mudança. Navarre se distanciaria deles naquele dia, se não parasse para dormir. De qualquer modo, seria forçado a parar durante a noite... e então ele teria oportunidade de explicar tudo a Isabeau e, querendo Deus, fazê-la acreditar em suas palavras. Depois disso, mesmo que Navarre se recusasse a ouvir, juntos encontrariam um meio de garantir que ele não tivesse escolha.

Phillipe olhou para a encosta da montanha, cada vez subindo mais, banhada pelo sol da tarde que já descia no céu. Até o cair da noite, nada mais poderia fazer senão seguir e esperar. Contendo outro bocejo, ele esfregou os olhos. O vento tornou a ulular em torno deles, levantando flocos de brancura dos campos nevados. Olhou inquisitivamente para Imperius, a mente procurando uma forma de encher o tempo.

— O senhor é um homem de ciência... O monge empertigou-se.

— Gosto de acreditar nisso — disse, satisfeito.

— Então, diga-me uma coisa: de onde vem o vento? Imperius deu de ombros.

— Quem pode saber?

— E por que o sol escurece a pele de um homem, mas embranquece o Unho?

— Não faço a menor idéia — replicou o monge, abanando a cabeça.

— E para onde vai uma chama, quando a sopramos?

— Ah! — murmurou Imperius. — Para onde, de fato... Phillipe o olhou de esguelha.

— Incomoda-se por eu fazer tantas perguntas?

— Não seja tolo, meu filho — respondeu placidamente o velho monge. — De que outra maneira você poderia aprender?

Isabeau acomodou-se desanimadamente ao lado da fogueira do acampamento, encolhida debaixo da capa de Navarre. Além do círculo de luz, a meia fatia prateada da lua minguante banhava o rio congelado e sua margem nevada em mortíca claridade azulada. Ao lado do fogo havia um monte de madeira para combustível, ordenadamente empilhada para seu lado, mas ela encontrara a espada de Navarre caída desleixadamente na neve das proximidades, quando chegara ao acampamento. Não havia sinais de Phillipe nem de seu cavalo, nenhuma segunda trilha de pegadas levando até ali. Ele não podia tê-los abandonado. Ela não acreditava nisso, não depois daquela última noite... Suas mãos se crisparam apertadamente sobre a pesada lã negra da capa.

Isabeau sabia que Navarre os levava para Áquila, mas... por quê? Teria ele, finalmente, perdido a esperança? Phillipe se mostrara evasivo e relutante, ao tentar pressioná-lo por detalhes, e ela perdera a coragem, por perceber quais poderiam ser os motivos de Navarre. Era fácil adivinhar por que ele não lhe responderia. Durante dois anos, Navarre tinha rondado por aquelas montanhas, esperando uma oportunidade de chegar ao Bispo — de levantar a maldição que lhes fora imposta ou vingar-se por isso.

Entretanto não havia meio de acabar com a maldição e, desta maneira, restara apenas uma alternativa. E, afinal de contas, talvez essa alternativa fosse o caminho certo à tomar...

Isabeau nunca sentira o mesmo ódio que Navarre. Vira o que a impulsividade do pai, sua espada sempre pronta, haviam feito a ele - encerrando sua própria vida e não a dos inimigos de seu Deus. A princípio, ela não quisera vingança, mas apenas fugir. Contudo terminara compreendendo a obsessão de Navarre em ficar ali — porque para onde poderiam ir, onde poderiam viver, que não fosse um inferno vivo?

Então, passara a lançar sobre si mesma a própria raiva impotente, acusava-se pelas tendências do Bispo e por todos os sofrimentos que isso acarretara a eles dois. Tomada do mais profundo pesar, cortara com sua adaga os compridos cabelos dourados que antes lhe passavam da cintura, aquela cabeleira que Navarre tanto amara e que, depois de cortada, abandonara no chão, para que ele a encontrasse.

Com o tempo, no entanto, percebeu que não podia ser responsabilizada pela luxúria do Bispo... que era ele o único culpado. Continuara cortando os cabelos, curtos como os de um homem, porque ficava mais prático, além de ser um disfarce útil para uma mulher sozinha e

desprotegida. Aprendera a viver na solidão, em vez de com o desespero. E fora compreendendo a necessidade de Navarre por vingança.

As lembranças da última noite ressurgiram fugazmente em sua memória — o lobo morto, o caçador esmagado na própria armadilha... Phillipe. Onde estava ele? Onde? E onde estava o lobo?

Como que em resposta, o lobo uivou em algum ponto na distância. Os ombros de Isabeau se encurvaram; ela olhou através do rio congelado, na direção do som.

A neve rangeu com pisadas às suas costas. Ela se virou, sobressaltada, e viu Phillipe emergir lentamente do meio das árvores. Sorriu, radiante de alívio e de alegria.

— Oh, aí está você! — exclamou, tentando, sem sucesso, dar a entender que estivera meramente à espera dele. Baixou os olhos, constrangida. — De repente pareceu... tão diferente, passar a noite sem você...

Phillipe parou, fitando-a por um longo momento, como se o que pudera ver de Isabeau ainda não fosse suficiente. Depois olhou para o chão e disse, parecendo odiar o som de cada palavra:

— Talvez esta seja... nossa última noite juntos, Isabeau.

— Não... — sussurrou ela, incrédula e desapontada. Ergueu-se do tronco onde estivera sentada. — Por quê?

Perguntava-se qual seria o motivo, que não lhe despedaçasse o coração. Ele tornou a fitá-la e tinha os olhos brilhantes de determinação.

— Há uma possibilidade de ser quebrada a maldição. Isabeau olhou para ele, emudecida.

— Não quero torturá-la com possibilidades — prosseguiu Phillipe rapidamente, como se soubesse o que agora estaria enchendo a mente de Isabeau. — Não quis contar-lhe enquanto eu próprio não acreditasse, acreditasse realmente, que seria possível. Temos um plano...

— "Temos?" — indagou ela, ansiosa. — Você e Navarre?

De repente Phillipe pareceu muito culpado.

— Não. Eu... — seus olhos se voltaram para a floresta — e ele.

Irmão Imperius destacou-se das sombras. Isabeau sentiu-se cruelmente atingida pela decepção. Somente aquele velho bêbado, cuja fraqueza os havia traído... que lhe salvara a vida, quando esta poderia ter terminado facilmente. No entanto Imperius aproximou-se dela decididamente e ficou ao lado de Phillipe.

— Por favor, Isabeau, precisa ouvir-me — disse ele. — Para o bem de Navarre, se não para o seu próprio.

Ela contemplou os dois homens, o jovem e o velho, parados lado a lado. O rosto de ambos transmitia sua crença para ela — suas vontades se uniam na necessidade de fazê-la partilhar daquela crença.

Isabeau assentiu e tornou a sentar-se junto ao fogo para ouvir.

Ela acreditou neles. Phillipe e Imperius começaram a trabalhar, cavando um fosso na neve solidamente congelada, à margem do rio também congelado... um fosso para capturar um lobo. A certeza de contarem com uma aliada emprestou novas energias aos dois e logo abriam um grande buraco, cujas paredes geladas passariam além de suas cabeças. Em algum lugar, na outra margem do rio, o lobo tornou a uivar. Isabeau ficou olhando, esperando atraí-lo para a armadilha quando chegasse a hora, ou afastá-lo dali, se aparecesse muito cedo. Se apenas pudessem manter o lobo — e o homem — prisioneiro por vinte e quatro horas, então Navarre não teria alternativa senão chegar a Áquila no dia certo.

Phillipe estilhaçou um bloco final da pesada neve compactada, libertando-o da parede com sua adaga. Fragmentos de gelo voaram contra o rosto de Imperius. O monge sacudiu a neve dos cabelos.

— Veja onde está cavando, sujeito imbecil! — vociferou o velho, impertinente, desacostumado ao esforço e à sobriedade.

Girando, Imperius empurrou Phillipe contra a parede do estreito fosso.

— Veja também o que faz ou o deixarei aqui dentro, como jantar do lobo!

Phillipe recolheu o bloco de neve com mãos entorpecidas e o jogou para o monte na beira do fosso. A esta altura seu cansaço e ânimo estavam quase tão ruins como os de Imperius.

Os dois ficaram lado a lado, de olhos erguidos para as lisas e geladas paredes do fosso. A espada de Navarre tinha sido fincada profundamente na neve, além da borda do buraco. Sem a corda pendendo de sua empunhadura, eles jamais seriam capazes de escalar o fosso e sair de lá. Seguramente, o buraco conteria o lobo. Phillipe fitou Imperius inquisitivamente e o monge assentiu, satisfeito.

Segurando a corda, Imperius testou-lhe a força.

— Eu primeiro — disse, aferrando-se à corda. — Você terá que empurrar.

Começou a içar-se para o alto, com ofegante esforço, os pés plantados contra a parede congelada. Phillipe o empurrou obedientemente, grunhindo:

— Quando se ajoelha diante do altar.. como consegue levantar-se outra vez?

Imperius franziu o cenho sombriamente, por sobre o ombro, enquanto se alçava para fora do fosso. Ficou ofegante na neve, e então ouviram o lobo tornar a uivar, agora com mais intensidade do que antes.

— Depressa! — sussurrou Imperius. — Ele está vindo!

Phillipe agarrou a corda e engatinhou para fora do buraco. Jade pó, sacudiu os fragmentos de neve aderidos às roupas. Em seguida, arrancando a espada de Navarre do chão, puxou a corda do fosso. O lobo tornou a uivar, mais próximo ainda. Isabeau se virou e olhou para eles, com súbita incerteza na expressão, ao enfrentar o momento da traição.

— Não há outra maneira — sussurrou Phillipe. — Ande!

Contornou o monte de neve que tinham feito ao lado do buraco e deitou-se de bruços, com a espada ao lado. Jogou punhados de neve pulverizada para trás, cobrindo as pernas.

Imperius se deitou pesadamente ao seu lado e fez o mesmo.

Observando Isabeau de seu esconderijo, os dois viram-na retesar-se, quando finalmente avistou o lobo. O animal vinha trotando pela encosta coberta de neve, tendo partido do limite distante da vegetação. Parou, farejando o ar, em busca do cheiro dela.

Isabeau caminhou pelo rio, congelado, tentando atrair-lhe a atenção. O gelo rangeu sob seus pés. O lobo empinou as orelhas, olhando para ela. Reiniciou a caminhada, contornou a encosta e parou ao atingir a margem oposta do rio. Isabeau parou também, observando em dúvida o gelo sob seus pés. Tornou a erguer o rosto e estendeu as mãos.

— Muito bem, Isabeau! — sussurrou Imperius. — Traga-o para o fosso...

O lobo começou a cruzar o rio congelado e Phillipe ouviu o gelo ranger à passagem do animal. Escorregando várias vezes, quando sua pata perdia a tração sobre a deslizante superfície, ele chegou até Isabeau, atraído por uma ânsia tão irresistível quanto de todo incompreensível para um animal.

Isabeau recuou cautelosamente para a margem, sem afastar os olhos do lobo, enquanto o atraía para o fosso. Ele a seguiu passo a passo. De

repente Isabeau cambaleou e Phillipe a ouviu arquejar, quando seu pé perfurou a capa de gelo. Soerguendo-se, de olhos arregalados, ele a viu recuperar o equilíbrio e, frenética, avançar para a margem com dificuldade.

Quando o lobo a viu cambalear e furar o gelo, saltou para diante, correndo para Isabeau e alcançando-a no momento em que ela já fugia para a salvação. Abruptamente, o gelo cedeu debaixo dele e surgiu uma vasta abertura negra que o engoliu. Isabeau deu meia-volta, ao ouvi-lo cair através do gelo, e então correu como desatinada, retornando ao rio congelado.

— Oh, meus Deus! — exclamou Phillipe.

Levantando-se prontamente, ele agarrou a espada de Navarre e a corda. Saltou sobre o monte de neve, correndo em direção à margem dono.

O lobo emergiu à superfície da água, debatendo-se selvagememente, enquanto tentava fincar as garras na borda gelada do buraco. Tornou a afundar, desaparecendo de vista.

Isabeau se deitara à beira do buraco e enfiava o braço na água gelada. Conseguindo agarrar um punhado de pêlo, ela puxou com todas as forças, mas o lobo continuava a debater-se e seu corpo submerso a puxou mais para a borda do buraco, arrastando-a sobre a superfície escorregadia do gelo. Ela, entretanto, não o soltou.

Phillipe atirou-se de bruços à margem do rio e agarrou os tornozelos de Isabeau.

Puxou-a da beirado buraco com a força do desespero, mas seus próprios pés perderam toda a tração, quando puxou com mais vigor.

O lobo retornou à superfície, rosnando em confusão e dor, tornando a puxá-los.

Phillipe começou a escorregar, juntamente com Isabeau, em direção à água. De repente Imperius estava ao lado dele, agarrando os pés de Isabeau e, com seu maior peso, impedindo-a de deslizar.

— Ajude-a! — gritou ele para Phillipe. — Tire-o de lá!

Phillipe levantou-se, tomado de impotência ao ver como o lobo se debatia, tomado pelo pânico. De repente recordou que a espada de Navarre estava pouco atrás dele.

Virando-se, ergueu-a com as duas mãos e a enterrou no gelo. Saltaram fragmentos, ante o impacto, mas o gelo a manteve firme. O lobo tornou a afundar. Phillipe segurou a extremidade da corda amarrada à espada e saltou na água.

As águas negras e gélidas do rio se fecharam sobre sua cabeça. Ele abriu caminho penosamente até a superfície, ofegando com o frio angustiante; viu-se face a face com o lobo, que não cessava de rosnar. O animal saltou para ele, os olhos enlouquecidos de medo, as garras rasgando-lhe a túnica. Phillipe debateu-se, pendurado à corda. De algum modo, conseguiu passar uma volta dela pela cabeça do lobo, depois mais outra.

Ao sentir a corda apertando-lhe a garganta, o lobo investiu contra ele, desesperado.

Seus caninos dilaceraram o ombro de Phillipe, as garras abriram sulcos em seu peito. Ele gritou de dor e afundou. Lutou desesperadamente para retornar à superfície, aferrado à corda como sua tábua de salvação, e alçou-se para fora do buraco, antes que o lobo, afogando-se, o atacasse de novo. Cambaleante, puxou a corda com todas as forças.

O lobo emergiu uma vez mais, sufocado e ofegando por ar. Isabeau agarrou as cordas em torno do pescoço do animal e, juntos, conseguiram puxá-lo para fora, centímetro a centímetro, até deixá-lo sobre o gelo.

Phillipe caiu de joelhos, atordoado de dor e de choque. O lobo estava a seu lado, tiritando de frio. Tentou pôr-se de pé e tornou a cair, com as ilhargas ofegando. Isabeau acariciou ternamente o animal, procurando tranqüilizá-lo, enquanto lhe tirava a corda do pescoço. Enterrou o rosto no pêlo molhado e gelado de seu ombro. O lobo ergueu a cabeça, arquejante, revirando os olhos para fitá-la. Sua cabeça tornou a cair e ele permaneceu imóvel, exaurido.

Phillipe ficou onde estava, tão exausto quanto o lobo. Imperius surgiu ao seu lado, ajudou-o a levantar-se e depois o amparou para que caminhasse até a margem. Isabeau ergueu os olhos para eles, angustiada demais para poder falar. Seus olhos ardiam de determinação, quando fitou Imperius.

— Nós precisamos viver, padre — sussurrou finalmente. — Como seres humanos. Nossas vidas estão agora em suas mãos!

CAPÍTULO 16

Phillipe despertou de um sono esgotante, perturbado por pesadelos, quando o céu começou a clarear no leste. Rolou sobre o corpo, fugindo à claridade, mas então, soltou uma praga ofegante, ao sentir a dor no peito e no ombro, tão forte que o tinha acordado.

Ficou deitado de costas, contemplando o céu que ia clareando, enquanto procurava lembrar o que lhe tinha acontecido. O lobo. Soergueu-se cautelosamente, fazendo caretas.

Isabeau... Encontrou-a deitada perto do fogo, exatamente como recordava, adormecida ao lado do lobo, sob a pesada capa de Navarre.

Enquanto espiava, contudo, os primeiros raios do sol matinal cintilaram acima do horizonte. A luz do novo dia fluiu através da neve e acentuou suas formas tranqüilas e adormecidas. Os dois acordaram ao mesmo tempo, bruscamente, quando a metamorfose teve início dentro deles. Então, surpreendidos no âmbito daquele instante intemporal de mudança, Isabeau e Navarre se viram frente a frente, em carne e osso.

Isabeau estendeu o braço, quando a cara do lobo tremeluziu, tornando-se o rosto de Navarre. Seus dedos distenderam-se para ele — espalhando-se, modificando-se, transformando-se em asa emplumada. O lobo estremeceu, sua espinha desempenou-se, a pata de garras encompridou-se em mão e dedos humanos. Navarre estendeu o braço para Isabeau, mas os olhos anelantes da jovem estreitaram-se, endurecendo-se no olhar frio e penetrante de uma ave predatória. Navarre gemeu de agonia, quando sua mão se fechou sobre o vazio e a mulher amada desapareceu diante de seus olhos.

Miseravelmente infeliz, ele tornou a deitar-se sob a capa — e o falcão, abrindo as asas magníficas, decolou para o céu. Phillipe baixou a cabeça, condoído pela angústia dos dois e por sua própria agonia.

Navarre sentou-se lentamente e ajuntou as roupas não mais necessárias a Isabeau, com o rosto tenso. Phillipe livrou-se de suas cobertas, já vestindo os trajes secos que Imperius metera à força sobre seu corpo

tiritante, na noite anterior. Ouvia o monge remexer-se e acordar atrás dele, ao caminhar pesadamente para a fogueira que morria.

Entre caretas, abaixou-se rigidamente para pegar um punhado de galhos com que reacender o fogo. Imperius despejara metade de um odre de vinho em seus fermentos e por sua garganta abaixo, naquela última noite, fazendo-o presumir que viveria. Entretanto não esperava aproveitar muito a vida, durante alguns dias.

Navarre levantou-se e seus olhos percorreram o acampamento, com expressão indecifrável. Se queria saber como o lobo viera dormir ao lado de Isabeau, não fez perguntas. Seu olhar passou além de Imperius, ignorando o monge, e parou em Phillipe.

Este conteve a respiração.

— Minha espada — disse Navarre.

Phillipe recuou de junto do fogo, sentindo o estômago embrulhar-se de antecipação.

— Onde está ela? — perguntou Navarre ríspidamente, ao não obter resposta.

— Foi-se — disse Phillipe, encarando-o. — Ela... caiu através do gelo a noite passada... cruzando o rio.

O rosto de Navarre demonstrou sua incredulidade ante a perda.

— Maldito seja! Maldito até o inferno! Aquela espada eu recebi de meu pai e de três pais antes dele! O último resto de honra que eu possuía!

A voz dele asfixiou-se na garganta. Navarre olhou para o rio e novamente para Phillipe, com expressão assassina.

— Não posso desfazer o que foi feito! — Phillipe meneou a cabeça, falando em voz aguda pela tensão. — Será que não compreende? Não há mais nenhuma missão de honra agora! Nenhuma pedra a ser engastada no punho de uma espada, como símbolo de sua morte sem sentido! — A expressão de Navarre não se alterou. Em desespero, Phillipe acrescentou: — Contudo, há uma possibilidade para viver! Uma nova vida! Com ela, se pelo menos quiser ouvir-nos!

Phillipe estendeu as mãos para diante. Navarre o fitou sombriamente, depois se virou para Imperius.

— Não preciso de uma espada para matar o Bispo! — exclamou. Dando meia-volta, caminhou para onde estava seu garanhão.

— Navarre... Navarre... não vá embora! — gritou Imperius. Navarre nem ao menos olhou para ele. Phillipe passou pela frente do monge

e bloqueou a passagem de Navarre.

— Pode ir, já que quer tanto! — disse, ardorosamente. — Mate-se! Mate-a também! Aliás, nunca se preocupou tanto com ela, como se preocupa consigo mesmo!

Navarre investiu para ele, com uma praga. Phillipe agachou-se, mas não com rapidez suficiente. O punho de Navarre caiu em sua camisa, rasgando o tecido gasto, quando Phillipe perdeu o equilíbrio e caiu para trás.

Phillipe ficou ofegando, caído na neve, crispado de dor. Sangue fresco fluiu de seu ferimento no ombro e lhe escorreu, morno, pelo lado do corpo. Ele se virou sobre os cotovelos e contemplou os rasgões da camisa, os lívidos sulcos e vergões sobre o peito nu. Depois virou o rosto apressadamente.

Navarre ficou imóvel acima dele, olhando incrédulo para seus ferimentos, como alguém revivendo um sonho. Imperius ergueu-se em suas cobertas.

— Isso... aconteceu a noite passada. Enquanto ele salvava sua vida.

Um tremor percorreu o corpo de Navarre. A fúria esbateu-se em seu rosto, substituída por tristeza e vergonha. Virou-se bruscamente, não querendo ver o que tinha feito.

O falcão mergulhou do céu à frente dele, pousando na sela de Golias. A ave virou a cabeça, fitando-o inquisitivamente. Navarre a contemplou por um longo momento, antes de se virar de novo para Phillipe, que se levantava, procurando ajeitar os rasgões da camisa.

— Perdoe-me — disse Navarre, suavemente.

— Não posso.

Phillipe ergueu a cabeça e o encarou. Navarre pestanejou, surpreso. Uma ruga de aflição cruzou-lhe o cenho, enquanto perscrutava os olhos do rapaz, à procura de algo que, subitamente, receava haver perdido ou destruído. Os cantos da boca de Phillipe se ergueram em uma sombra de sorriso.

— Não vem a propósito, senhor — respondeu, com um encolher de ombros. — Sou tão comum como a terra, justamente como dizia minha mãe.

Navarre, entretanto, não sorriu. Em vez disto, seus olhos se encheram de repentina emoção.

— Sua mãe não o conhecia como eu — disse, em voz rouca. Phillipe baixou o rosto, incapaz de enfrentar o que viu no olhar de Navarre. Uma sensação que nem saberia definir o inundou por completo, a ponto de mal poder falar. Mesmo assim, forçou as palavras a saírem.

— Minha mãe nem chegou a conhecer-me direito, capitão. Ela morreu dois dias depois que nasci... enforcada por roubar um pão. -Com uma espécie de incredulidade, ouvia sua própria voz dizendo a verdade. Tornando a erguer a cabeça, acrescentou: — Eu não...

tentava ser um herói a noite passada. Apenas...bem...é que nunca tive um amigo antes.

Navarre estendeu os braços e puxou Phillipe para si, em um abraço suave, mas que quase sufocou o rapaz. Phillipe sorriu, entregue ao abraço, toda a dor esquecida.

Navarre contemplou o fosso que Phillipe e Imperius haviam cavado para capturar o lobo. Os dois tinham-lhe contado, pouco a pouco, tudo quanto sucedera na noite anterior, sobre sua absurda e quase fatal tentativa para o prenderem. Navarre baixou o rosto para fitá-los novamente, de sobranceiras erguidas. Phillipe e Imperius, diante dele, tinham a cabeça baixa, como crianças culpadas.

— Nós esperávamos... fazê-lo raciocinar — disse Phillipe em um murmúrio, ousando olhar para ele outra vez.

Imperius assentiu.

— Pelo menos...queríamos certificar-nos de que você não chegaria em Áquila senão amanhã, quando será o momento propício.

Navarre estudou suas faces decididas, dando a impressão de que afinal enxergava claramente, pela primeira vez em anos. O que Imperius alegava era pura insanidade — mas ainda assim...

— Ambos acreditavam... o suficiente para fazer isto? — perguntou, apontando para o fosso.

O falcão voou em círculos até ele e pousou em seu pulso.

— Para dizer a verdade, senhor, não sabíamos o que fazer — disse Phillipe. Olhou para o falcão. — Cavar o fosso foi idéia dela.

Navarre se virou para a ave, surpreso mas, de certa forma, não tão surpreso, afinal.

— Três contra um, hem? — exclamou, resignado.

O falcão olhou para ele, inexpressivamente. Abrindo as asas, tornou a decolar rumo as alturas do céu, enquanto Navarre o via afastar-se,

admirado como sempre por sua graça e sua força, pela beleza e liberdade do seu vôo. No entanto a ave nunca deixava de voltar para ele, porque o elo que os prendia era mais forte do que o instinto, do que a própria vida.

Navarre baixou os olhos de novo. De fato, devia ter estado louco, tão cego, que estivera a ponto de entregar-se à maldade do Bispo, de destruir voluntariamente suas vidas. Não podia sacrificar a vida de Isabeau e nem a sua própria em uma vingança suicida e inútil enquanto houvesse qualquer esperança de quebrar a maldição, por menor que fosse — ou por mais insana que parecesse.

Tornou a fitar o buraco, por um breve momento imaginando-se ali, um animal rosnante apanhado em uma armadilha. Era nisso que se transformara, tanto de dia como à noite, naqueles dois últimos anos. Contudo, agora não. Sua mente estava livre — e, subitamente, revelava-lhe o disfarce impecável que o fazia transpor as muralhas e os guardas, entrando vivo em Áquila. Um disfarce que fazia tanto parte dele como sua própria pele...

Olhou para Phillipe e Imperius.

— Pois então, deixem-me mostrar a vocês, idiotas rematados, como capturar um lobo!

O monge e o rapaz fitaram-no boquiabertos, depois entreolharam-se em perplexo alívio, ao perceberem que tinham vencido.

Durante a manhã, trabalharam sob a direção de Navarre, cortando galhos para a jaula, depois unindo-os com pedaços rasgados das cobertas. Por fim, ele ficou satisfeito por haverem construído uma armadilha da qual lobo algum conseguiria escapar... nem mesmo ele.

Colocaram a jaula na carroça de Imperius e prosseguiram viagem, descendo a encosta contrária da montanha, até chegarem ao sopé que se elevava acima da cidade. Montaram acampamento pela última vez, esperando o pôr-do-sol. Quando o crepúsculo chegava ao fim, Navarre escondeu sua sela e armas debaixo dos pertences de Imperius, na carroça, e atrelou Golias aos tirantes do veículo.

Feito isto, afastou-se dos outros e ficou sozinho sobre o íngreme precipício rochoso, contemplando Áquila mais abaixo, da mesma maneira como lá permanecera e a estudara por dias incontáveis, nos dois últimos anos. Desta vez, afinal, as muralhas da cidade não pareciam intransponíveis e nem as torres do Castelo Áquila tão inatingíveis como o paraíso. O falcão decolou de seu pulso para o ar, estirando as asas em um último vôo antes do

cair da noite. Navarre o viu voar e sentiu o peito oprimido. Então, retornou ao acampamento.

Olhou para a jaula colocada no chão, junto à fogueira...esperando por ele. Suspirou fundo.

— Tanta coisa tem que ser feita exatamente conforme foi planejado, e nada em minha vida jamais o foi...

Encarou os outros: Imperius, que traíra Isabeau e ele próprio, impelido por uma fraqueza pessoal, mas que agora se dispunha a dar a vida, se necessário, a fim de salvá-los. E Phillipe, também disposto a arriscar a vida por eles, movido por uma razão ainda mais extraordinária e rara. Esta talvez fosse a última vez que via qualquer dos dois...

Deixou que seus olhos percorressem cada detalhe do rosto dos companheiros.

— Se calhar que sejam vocês os sobreviventes — disse, suavemente — pensem bem de mim. E se Deus escolheu sacrificar todos nós... Ele me abençoou com os dois amigos mais leais que um homem já teve.

Um grito estridente rasgou o ar acima dele, quando o falcão fez um vôo de mergulho até seu braço. Ele acariciou a ave com doçura, sentindo os olhos ficarem turvos, até parecer vê-la cintilando dentro de um halo de luz.

— Nós conhecemos o verdadeiro amor, Isabeau — sussurrou ele. — Ninguém poderia exigir mais!

CAPÍTULO 17

Fogueiras resplandecentes iluminavam a noite sem lua, nos acampamentos diante das muralhas de Áquila. Marquet ordenara que seus homens retornassem e montassem guarda, em um aparato de força diante dos portões da cidade, enquanto o clero se reunia, vindo de quilômetros em redor, a fim de confessar-se com o Bispo. Navarre continuava ao largo e, naquela véspera do dia santificado, o humor do Bispo era claramente rancoroso. O Capitão da Guarda sabia, como também Sua Excelência Reverendíssima, que o afluxo de estranhos oferecia a Navarre a oportunidade perfeita para introduzir-se na cidade. E Marquet também sabia, como o Bispo igualmente, que sua vida dependia de fazer com que isso não ocorresse.

Os guardas agrupavam-se junto às fogueiras, entre suas tendas, procurando afugentar o frio noturno, enquanto incontáveis abades e abadessas, padres, frades e freiras abriam caminho através dos acampamentos, em direção à ponte arqueada e aos bem vigiados portões da cidade.

Imperius suspirou profundamente, por fim exalando a respiração contida, ao guiar sua carroça pela estrada de Áquila, através dos acampamentos. Isabeau sentava-se ao lado dele, usando uma veste de monge, com o rosto escondido pelo capuz. Como ele imaginara, ninguém lhe dirigiu mais do que um olhar de relance ao se aproximarem: apenas mais dois entre tantos peregrinos religiosos. A maioria dos olhares concentravam-se no garanhão de Navarre, puxando documente a carroça. Na traseira do veículo, o lobo jazia silenciosamente em sua jaula, escondido debaixo de uma cobertura. Também Phillipe estava escondido, mas debaixo da carroça, esperando o momento propício em que se esgueiraria dali, para desempenhar seu papel no plano do grupo.

— Deus vos abençoe... Deus vos abençoe... — dizia Imperius calorosamente aos guardas.

Abençoava-os com a mão erguida no ar, e então a carroça cruzou mais um acampamento, o último antes das portas da cidade. Isabeau o fitou

de relance, nervosamente, mas ele assentiu com plácida tranqüilidade, desejando em silêncio não ter desistido de seu último gole de vinho.

Ao se aproximarem da ponte, ele diminuiu a marcha da carroça e deixou que outros peregrinos passassem à frente. Enquanto isso, permitia que Phillipe, por um instante nas sombras e confusão do momento, se soltasse de debaixo do veículo e desaparecesse sob o arco da ponte. Avançou em seguida, com o coração na garganta, observando os portões que se avolumavam acima deles.

Um guarda gigantesco e taciturno parou diante da carroça, levantando a mão.

Imperius freou o garanhão, obedientemente. O guarda deu volta ao veículo, em passos lentos, e espiou com suspeita para a jaula coberta. Imperius respirou fundo.

— É um presente-surpresa para Sua Excelência Reverendíssima, meu filho. De parte dos dedicados fiéis de minha paróquia.

O guarda ignorou-o e estendeu bruscamente o braço sobre as laterais da carroça, puxando a cobertura que escondia a jaula. O lobo rosnou e ficou de pé, investindo para a mão do homem, através das grades da jaula. O guarda saltou para trás, com um grunhido assustado.

— Uma belíssima pele para a parede de Sua Excelência Reverendíssima... — murmurou Imperius, quando o guarda voltou à frente da carroça.

Os olhos do homem, desconfiados, agora perscrutavam os ocupantes humanos do veículo. Parou ao lado de Isabeau, que se mantinha encurvada e de cabeça baixa, com o rosto oculto pelo capuz.

-... ou um belíssimo tapete para o chão de Sua Excelência Reverendíssima — acrescentou Imperius monotonamente, com um sorriso convicto.

O guarda espichou o braço e puxou o capuz de Isabeau para trás. Ela se remexeu, inquieta, o rosto cheio de medo. Imperius sentiu-a tremer, sob o exame atento do homem.

— Uma das mais... piedosas filhas da Igreja — disse Imperius rapidamente. — A pobrezinha é surda e muda. Desculpe seu nervosismo. É sua primeira viagem a Áquila.

O sorriso malicioso do guarda ampliou-se.

— Surda e muda, hem? É como também as prefiro, padre... Estendendo o braço, ele lhe tocou o rosto com uma mão suja.

Ela esquivou-se, apavorada. O lobo investiu contra as grades da jaula, com um rosnado furioso. Sua pata chegou até o guarda e as garras lhe arranharam o braço exposto.

O homem recuou um passo rapidamente, com o rosto tomado de fúria. Puxou a espada, com os lábios apertados.

— Nunca tive o prazer de matar um lobo antes — murmurou. Isabeau arquejou.

Imperius agarrou-lhe o braço, em um doloroso aviso, antes que ela saltasse da carroça sobre o guarda.

— Curioso — comentou ele, em voz alta — foi justamente o que disse Sua Excelência Reverendíssima!

O guarda ficou hirto e olhou para o monge, de cenho franzido e hesitante.

— Foi quando ele soube do presente — e Imperius apontou para a jaula com um aceno da cabeça — "Nunca tive o prazer".- Deu de ombros. — No entanto creio que ele compreenderá seus motivos. Ê um homem que, notoriamente, sabe perdoar.

O guarda vacilou, tornando a fitar o lobo. Baixou a espada truculentamente, franzindo mais o cenho.

— Vá em frente, padre.

Imperius sacudiu as rédeas e o garanhão começou a andar.

— Que Deus lhe dê sua justa recompensa, meu filho!

Vigiando das sombras embaixo da ponte, Phillipe suspirou, ao ver que a carroça, finalmente, cruzava as portas da cidade.

— Completamos o círculo, Senhor — murmurou ele. — Eu gostaria de pensar que existe um significado mais elevado para tudo isto. - Ergueu os olhos para o céu. — Sem dúvida, isso diria muito bem de Ti.

Debaixo da túnica, Phillipe retirou uma corda enrolada, que examinou cuidadosamente, antes de passá-la por sobre a cabeça e os ombros. A seguir, inspirando fundo, deslizou para o interior das gélidas e negras águas do fosso.

Nadou em direção ao gradil através do qual escapara, apenas poucos dias antes... dias que, de certa forma, pareciam haver-se transformado em toda uma existência. Lutando contra a força da corrente, ele se agarrou ao gradil. Inspirou profundamente, depois outra vez, com uma fervorosa prece para que aquilo não se tornasse, literalmente, uma

existência — aliás, uma existência penosamente curta. Contendo a terceira inspiração, Phillipe mergulhou.

Impeliu-se para baixo, ao longo do gradil, sacudido pela água fria e impetuosa. Suas mãos apalparam a abertura entre as barras, no fundo do gradil, e introduziu o corpo por ela. A correnteza intrometia-se entre seus dedos, quase o fazendo rodopiar e empurrando-o, vezes sem conta, enquanto se esgueirava como enguia por entre o monte de detritos entalados abaixo do gradil.

Disparou para a superfície novamente, ansiando por ar, na escuridão nauseabunda.

Estava dentro das muralhas. Escalou o gradil escorregadio, mais grato do que nunca imaginara, por já ter feito aquilo uma vez, pela maneira mais difícil. Içando-se penosamente para a antiga prateleira de acesso, escavada na parede do túnel, aninhou-se ali, tateando em busca do frasco de vinho que Imperius lhe dera, para aquecer o corpo tiritante e dolorido. Teria que aguardar o amanhecer, quando haveria claridade suficiente se filtrando até as cavernas, permitindo-lhe encontrar a trajetória até a catedral. Sorveu um longo gole de vinho e suspirou, lembrando a si mesmo que pelo menos a parte difícil fora cumprida...

Imperius e Isabeau trocaram sorrisos de sincero alívio enquanto rodavam na carroça pelas ruelas secundárias de Áquila, escuras e desertas, procurando o discreto beco que ele escolhera como esconderijo, até que amanhecesse o novo dia. Por fim, chegaram à quieta viela sem saída, circundada por paredes sem janelas e montes de feno de um estábulo próximo. Imperius freou Golias, com um cabeceio satisfeito. Ergueu os olhos para a estreita nesga de céu entre as construções onde, pela manhã, eles veriam...

Seu sorriso esmaeceu. Lá no alto, as estrelas desapareciam, uma a uma, por trás das bordas de nuvens que se alastravam pelo céu.

CAPÍTULO 18

A nova manhã espalhou-se sobre Áquila, revelando um céu inteiramente acinzentado.

Os sinos da catedral começaram a soar, ativando os crentes e também os ateus, recordando-lhes que aquele era o dia da penitência. Marquet caminhava compassadamente pela ampla rampa ascendente que conduzia à entrada da catedral, seus olhos vasculhando a praça deserta, como se pelo puro poder da vontade pudesse fazer Navarre aparecer. Estava preparado; a esta altura, já se encontrava preparado até demais.

Ansiava por aquele momento. Na noite anterior não havia descoberto o menor sinal de Navarre; nada lhe fora relatado, nem mesmo remotamente suspeito. No entanto tinha certeza de que Navarre estava na cidade... tanta certeza, como a de ser ele, Marquet, o homem que o mataria.

O Bispo caminhava incessantemente por seu quarto, torcendo o anel de esmeralda no polegar. Navarre estava tentando vir ao seu encontro, desatinado pela vingança, disso tinha certeza. Tudo e todos que enviara contra ele haviam falhado. Era quase como se aquele homem estivesse sob alguma espécie de proteção divina... Contudo, mesmo que assim fosse, o que havia a temer? Seu antigo capitão não teria a mais remota possibilidade de transpor o anel de guardas com que circundara a cidade e a si próprio. Por outro lado, não havia maneira alguma dele poder quebrar a maldição. O Bispo disse para si mesmo que sua própria alma estava a salvo do inferno, enquanto Navarre permanecesse amaldiçoado... Navarre e Isabeau...

Distraidamente, ele pegou um doce na bandeja de prata sobre a mesa filigranada, sob a janela. Examinou o céu, novamente cinzento pelas nuvens. Chovera quase que diariamente nas duas últimas semanas... desde que aquele miserável ladrão escapara dos calabouços. Talvez a seca houvesse, finalmente, chegado ao fim. As colheitas seriam fartas no ano seguinte. Sem dúvida, este era um sinal de que ele nada tinha a temer. Desta vez, quando aumentasse os impostos, o povo pagaria... O Bispo lambeu os lábios.

Soou uma batida à porta. O Bispo se virou da janela e olhou para o leito. Sua amante emergia de um enovelado de peles e sedas; a seu gesto, ela se ergueu da cama como gata flexível e, enfiando um robe, desapareceu por uma porta, dando para outro dos aposentos privados do Bispo.

— Entre! -ordenou ele.

Dois acólitos entraram no quarto, reverentemente, carregando os pesados brocados e cetins rendados de suas vestes para celebrar a missa.

Os sinos da catedral continuaram tocando e ecoando através da cidade, à medida que a manhã ia clareando. De pé ao lado de sua carroça, Imperius olhou para cima.

— Talvez uma hora, mais ou menos... — murmurou, falando para o ar e esperando uma resposta. — Quem pode dizer, com um céu desse jeito?

Ergueu a parte do capuz debaixo do queixo, tiritando de frio, enquanto observava as nuvens nervosamente. Através de suas pesquisas, durante noites e estações intermináveis, convencera-se de que aquilo que acreditava acontecer, só poderia acontecer nesse dia.

Entretanto, se não pudessem ver o sol, como poderiam dizer quando estava começando?

— P'diii!

O grasnido estridente do falcão chegou até ele, vindo de muito alto e distante.

Imperius tornou a olhar para cima.

Navarre saiu de trás da carroça, também olhando para o alto, de cenho franzido, enquanto calçava as luvas.

— Hoi! — gritou.

Viu o falcão revolteando muito alto, no céu tomado pelas nuvens. Depois planou acima dos telhados de colmo da cidade e distanciou-se. Navarre olhou para Imperius, a testa franzida pela preocupação.

— Ele voltará — disse Imperius, jamais duvidando de que o elo entre eles fosse rompido. — É com Gaston que me preocupo.

— Eu confio nele.

Navarre meneou a cabeça, despreocupado, mas Imperius deixou os ombros caírem ceticamente. Aquele rapaz era como azougue. Chegado o momento de realmente arriscar a vida, que certeza teriam de sua lealdade?

— Se ele deu o fora a noite passada, quando teve oportunidade, você é um homem morto — murmurou o monge.

Phillipe agitou-se na prateleira rochosa, ao perceber que realmente podia enxergar as mãos na frente do rosto. Bebeu o último trago de vinho e levantou-se. A claridade do dia infiltrava-se pelo gradil entulhado de detritos; mais luminosidade se escoava para o subsolo, chegando a uma profundidade maior nos esgotos. Ele estirou cautelosamente o corpo dolorido e malcheiroso, em seguida começou a caminhar ao longo da prateleira, rumando para as cavernas. Ocorreu-lhe que havia nascido em uma prisão e que agora, provavelmente, morreria em um esgoto. Murmurou, com uma careta:

— Eu devia ter dado o fora disso, quando tive oportunidade...

Marquet desceu os degraus da catedral e cruzou a praça. Uma tropa montada o esperava — seus melhores homens, a guarda de honra que escoltaria o Bispo e o clero para os serviços religiosos. Com expressão feroz, montou em seu garanhão cinza e guiou a tropa até o Castelo Águila.

Os jardins do castelo já pululavam com a elite do clero reunido. Padres e frades, monges e monsenhores juntavam-se em grupos, como aves exóticas, envergando suas melhores vestes. Alguns estavam de cabeça baixa e murmuravam preces, enquanto outros vagueavam por entre bacias de frutas e bandejas de guloseimas, acolhendo com risinhos sufocados os últimos mexericos.

Um silêncio repentino pairou sobre o pátio, quando o Bispo emergiu do átrio, uma vistosa figura envolta em branco e ouro. O clero reunido se voltou ao mesmo tempo, quando todos pressentiram a chegada de seu líder espiritual. Ele parou por um instante, estudando seus rostos atentos e nervosos, antes de erguer a mão em uma bênção que tinha mais o significado de uma ameaça. Os religiosos que o contemplavam ajoelharam-se apressadamente, já contando seus pecados.

O Bispo passou por entre eles, indicando a cabeça à direita e à esquerda, enquanto fazia gestos, indicando que todos deviam formar-se para a procissão. Vários frades amontoaram-se em torno dele, erguendo um palio carmesim acima de sua cabeça. O

Bispo guiou a fila de seus seguidores até os portões do jardim, onde Marquet o esperava com a guarda de honra — ainda capitão, mas somente pela graça de Deus. O Bispo o recebeu friamente.

O clero reunido atrás do Bispo começou a se organizar por ordem hierárquica, desde monsenhores ricamente vestidos, a humildes freiras e frades. Os portões maciços do Castelo Águila foram abertos de par em par e

a procissão ganhou as ruas, fluindo através da cidade em esplêndida exibição, antes de rumar para a catedral. Os cidadãos de Áquila enfileiravam-se ao longo do trajeto ou se debruçavam às janelas para contemplar a passagem da procissão. A riqueza das vestes, os vivos estandartes e as cruzes douradas, os incensados enchendo o ar de perfumada fumaça, eram muito mais belos e suntuosos do que já vira a maioria dos espectadores durante o ano. O cântico dos religiosos e o badalar dos sinos da catedral enchiam o ar de uma música incomum.

Para Phillipe, o som dos sinos e o desfile nas ruas da cidade, acima dele, pareciam consideravelmente mais distantes do que os portões do paraíso. Centímetro a centímetro, ele se alçou pela tubulação que ia dar na catedral, enfiando a corda que atara ao redor da cintura por entre os enferrujados anéis de ferro, como uma linha de segurança, enquanto fazia a escalada.

Ele parou a meia altura da tubulação, respirando com dificuldade e pendurado à corda, quando ousou olhar para cima novamente. Viu a rosácea muito no alto, como uma visão, um súbito e ofuscante jato de brilho e escuridão assaltando seus olhos, exatamente como a vira antes uma vez. Piscou e as cores entraram em foco. Entretanto, ao recordar o que o trouxera de volta àquele lugar, a radiosa ilusão de preto e branco pareceu simbolizar uma promessa. Um dia sem noite, uma noite sem dia.

Içou-se penosamente durante os últimos poucos metros e amarrou a corda no anel mais alto, libertando as mãos para trabalhar. Puxou sua adaga da bota e começou a cavoucar os erodidos parafusos de metal que mantinham o gradil no lugar.

Navarre e Imperius ficaram ouvindo, quando os sons da procissão adquiriram intensidade e depois foram diminuindo aos poucos na distância, a caminho da catedral.

Navarre olhou para o céu, onde um dia perfeitamente normal tinha seguimento, por trás de um impenetrável lençol de nuvens. Tornou a baixar os olhos, de mandíbulas crispadas, e caminhou inquieto para junto do garanhão. Começou a soltar as correias que mantinham o cavalo atrelado à carroça.

Imperius consultou as nuvens nervosamente, ao perceber a agitação de seu companheiro.

— Ainda deve ser cedo. Assim que as nuvens se abrirem... Navarre apanhou a sela na carroça e se virou para o monge.

— É dia, velho! Pleno dia! Tão dia como foi ontem e será amanhã, se Deus me conceder vida para vê-lo!

Afivelou a sela ao lombo de Golias. Imperius fitou o chão, sem saber o que dizer.

Além do amontoado de construções que os separavam da catedral, a procissão do clero penitente serpenteou em passos lentos para a praça aberta. A tropa da guarda montada formou em leque diante da entrada do templo, em posição de sentido, quando o clero passou pelo meio dela e começou a subir a rampa de acesso. O Bispo fitou Marquet de relance, ao passar por ele, e a expressão de seus olhos distava muito de uma bênção.

Marquet assentiu imperceptivelmente.

Logo no interior da catedral, Phillipe terminou com o último parafuso para afrouxar o gradil. A peça enferrujada caiu pela grade, ricocheteou ao lado dele e desceu pela tubulação abaixo, perdendo-se na escuridão. Eufórico, ele empurrou o gradil para cima e sentiu que começava a levantar-se.

Um cavernoso bumm ecoou pela catedral, quando as portas esculpidas e maciças foram escancaradas. O som dos cânticos inundou o vasto saguão e a procissão começou a entrar.

Phillipe avistou o Bispo, silhuetado à súbita luz do dia, sua figura ananicada pela imensa entrada arcada da catedral e das gigantescas portas de madeira. Com uma silenciosa praga de frustração, ele tornou a mergulhar na tubulação, deixando o gradil cair sobre sua cabeça.

No beco escondido, Navarre deslizou o freio para a boca do garanhão e ajeitou a rédea no lugar, com fatalista tranquilidade. O falcão se empoleirara no arçã, vigiando seus preparativos. Navarre ergueu o rosto subitamente, ao ouvir o clangor de patas contra as lajes do calçamento, quando alguém se aproximava deles a cavalo, vindo da entrada do beco. Virou-se para Imperius, com o punho levantado, indicando o falcão sobre ele. O monge assentiu, o rosto franzido de preocupação, quando Navarre passou a ave cuidadosamente para seu próprio pulso e se escondia atrás da carroça, desaparecendo de vista.

O guarda montado percorreu a viela e chegou ao fundo sem saída, encontrando-o inesperadamente ocupado por um velho em uma veste encapuzada.

— Oh, graças a Deus! — exclamou o velho monge, sorrindo para ele com aparente alívio. — Para que lado fica a catedral, meu filho?

O olhar suspeito do guarda abrangeu o monge de pé, com uma ave de rapina empoleirada incongruamente em seu braço, o cavalo encilhado e sem cavaleiro... a carroça coberta com uma manta. Aproximou-se diretamente da carroça, ignorando o monge, e puxou a manta para um lado.

Navarre o esperava, com a balista carregada. Quando o guarda fez menção de puxar a espada, ele disparou. O homem caiu do cavalo, com o coração perfurado pelo dardo.

Navarre saltou da carroça e caminhou até o corpo do homem caído, cuja espada recolheu. Sopesou-a, testando-lhe o equilíbrio; sentiu seu gume com o polegar e tornou a girá-la, experimentando-a. Imperius estava errado, como ele soubera que estaria, o tempo todo. Já esperara demais, não adiantava esquivar-se á sua sina por mais tempo. Virando-se, tornou a caminhar para o garanhão, com a espada em punho. Imperius bloqueou sua caminhada subitamente.

— Não seja tolo, Navarre! Esta chance nunca se repetirá! Navarre o fitou com expressão desolada.

— Você tem razão, velho. A missa logo terminará. Se Phillipe fez sua parte, posso matar o Bispo agora... ou nunca.

Ergueu o braço e o falcão voou do pulso de Imperius para o seu. Navarre passou pelo monge e chegou ao lado do garanhão. De um dos alforjes da sela tirou um pequeno capuz de couro e peias. Ajustou o capuz na cabeça da ave. O falcão deu um grito estridente, subitamente cego, e fincou mais profundamente as garras no pulso enluvado, a fim de sustentarse.

Navarre se virou para o monge.

— Se a missa terminar tranqüilamente e os sinos voltarem a soar... você saberá que fracassei.

— E... se eu ouvir os toques de alarme? — perguntou Imperius.

— De um modo ou de outro, serei um homem morto.

— E...então? — perguntou Imperius, cautelosamente. Navarre tornou a aproximar-se dele e entregou-lhe o falcão. Entregou-lhe também as peias e a adaga de Isabeau.

— Tire-lhe a vida — disse. — Faça-o rapidamente e sem sofrimento.

Imperius recuou, chocado.

— Não posso fazer isso! — sussurrou.

— Pois então não faça! — exclamou Navarre, furioso. — Deixe-a viver sem mim, condene-a a uma meia vida de sofrimento e infelicidade eternos!

Imperius o fitou de olhos esbugalhados, abalado pela percepção de que o fim chegara afinal, a despeito de todas as suas preces, apesar de tudo quanto fizera para obstruí-lo.

Navarre olhou as nuvens, depois encarou o monge de novo.

— Já chegou a refletir um dia, velho, que foi assim como Deus quis, o tempo todo?

Virou-se abruptamente. Tornou a remexer em um alforje e dele retirou seu capacete de capitão. Tocou brevemente as asas douradas com as pontas dos dedos e depois o colocou à cabeça. A seguir retirou o vestido azul de seda de Isabeau, uma peça que carregara consigo por tanto tempo, uma promessa fútil e em vão. Entre as dobras do tecido estava um anel dos cabelos dela, que também havia guardado. Rasgou uma pequena tira da barra do vestido e a amarrou frouxamente sobre o anel de cabelo. Em seguida atou a tira do vestido em seu braço esquerdo, perto do coração. Subiu para a sela.

Fazendo Golias dar meia-volta, começou a descer a aléia, sem olhar para trás.

Às suas costas, o falcão deixou escapar um grasnido agudo e angustiado, quando percebeu que ele se afastava. Navarre pestanejou, com a impressão de que seu coração era dilacerado, arrancado de seu peito. Chegou ao final do beco e dobrou para a rua, encaminhando-se para a catedral.

Depois que Navarre desapareceu de vista, Imperius baixou a cabeça, sozinho no beco. Recordando que aquele era o dia santo de confissão e penitência, persignou-se e murmurou:

— Oh, Divino Pai, livra-me de meus pecados e livra também estas duas bondosas pessoas da maldição que as aflige. Já que nos conduziste a este extremo, colocamos humildemente nossas vidas sob a misericórdia infinita de Tua eterna graça!

CAPÍTULO 19

Finalmente todo o clero se acomodou na imensa nave da catedral. Mil pequenos ruídos de vestes roçagantes e de pés que se revezavam, sustentando o peso do corpo, enchiam o silêncio expectante no momento em que dois acólitos fecharam lentamente as portas gigantescas do templo. A escolta do Bispo enfiou uma pesada chave na fechadura dourada.

A recitação da missa começou. Quando Phillipe ouviu os cânticos ecoando pela nave da catedral, tornou a empurrar o gradil para cima. Desta vez, ele não se moveu do lugar.

Perplexo, o rapaz recuou e espiou por entre os orifícios da grade. Duas pernas nodosas, envoltas em vivas meias vermelhas, uma batina e uma bengala, foram tudo o que conseguiu enxergar. O secretário do Bispo estava de pé sobre o gradil.

Phillipe espremeu-se contra a parede encurvada da tubulação, tamborilando nervosamente os joelhos com um punho fechado. Quanto tempo aquilo iria demorar? Até quando conseguiria ficar pendurado ali, à espera de que aquele imbecil ficasse inquieto e se movesse? Enxugou o rosto com a mão suja. E se Navarre já estivesse a caminho?

Silenciosamente, ele pegou sua adaga e empurrou a lâmina por entre o rendilhado do gradil. Enviesando-a, espetou o pé do secretário do Bispo. Uma perna de meia vermelha saiu de seu campo visual, quando o homem cocou o tornozelo. O pé voltou a pousar sobre o gradil. Phillipe espetou de novo, agora com mais força.

O secretário saltou de lado, com um grito de dor e horror. Outro par de pés, sandálias e uma veste branca de frade, apressaram-se a socorrê-lo.

— O que houve, senhor? — perguntou o frade, solícito.

— Ratos! — exclamou o secretário, em voz estridente.

Enfiou a ponteira da bengala entre os rendilhados do gradil e Phillipe recuou e, por um mero centímetro, escapou de ter o rosto ferido.

— Que escândalo! — murmurou o frade.

Phillipe ouviu o som de pés que se afastavam e soltou um suspiro de profundo alívio.

Tornou a olhar para cima e constatou que era perfeitamente nítida sua visão da rosácea do templo. Fez o gradil deslizar para um lado e depois caminhou sinuosamente para a capela lateral, que estava vazia.

Agachado, olhou para as portas enormes, no fundo do templo. Franziu o cenho, preocupado. Estavam muito distantes — jamais chegaria até elas sem que o percebessem, com sua atual aparência e despedindo tal nauseabundo odor. Passeou nervosamente os olhos pelo interior da capela. Descobriu uma grosseira veste branca e pilhas de cestas abandonadas num canto por algum acólito apressado. Cruzou o aposento em silêncio e enfiou a veste por sobre seus andrajos lamacentos.

Recolhendo uma das cestas, começou a esgueirar-se por entre o clero que, reunido, esperava pacientemente nos fundos da nave apinhada. De cabeça baixa e segurando a cesta à frente do corpo, ia murmurando, suave:

— Donativos para os pobres... Deus está vendo... Donativos para os pobres.

Em sua maioria, os religiosos afastavam-se dele com repugnância, mas um padre deixou cair uma moeda em sua cesta vazia. Phillipe espantou-se, agradavelmente surpreso.

— Obrigado, padre — murmurou. — Guarde-lhe o nome, Senhor... Donativos para os pobres...

Mordendo a moeda especulativamente, ele continuou a mover-se na direção das portas da catedral.

Na praça fronteira ao templo, Marquet ergueu a cabeça e contemplou o céu tomado pelas nuvens tentando, sem sucesso, adivinhar a hora e se iria chover. Estava postado com sua tropa diante da catedral, esperando. Navarre ainda não dera sinal de vida, mas ele tinha certeza de que seu inimigo se encontrava na cidade. Podia sentir tal sensação nos próprios ossos.

Baixou os olhos quando um dos guardas entrou a cavalo na praça, a fim de prestar seu relatório sobre a busca feita na cidade. Retribuiu a saudação do guarda com impaciência.

— Todos os homens voltaram com seus informes, senhor. Exceto Jouvét. — O guarda desviou os olhos, pouco à vontade. — Nós... não conseguimos encontrá-lo.

Marquet franziu o cenho, sentindo a preocupação decuplicar-se. Virou-se para seu lugar-tenente, um jovem que fora promovido ao posto de

Jehan, porque sabia como cumprir ordens — e também porque jamais servira sob Navarre.

— Ninguém pode entrar nem sair desta catedral enquanto a missa não terminar, tenente — ordenou. — Você agora me substitui no comando!

O tenente fez a saudação militar, tomado de ansiedade. Marquet virou as costas ao entusiasmo do jovem oficial e saiu da praça, no galope de seu cavalo.

Fez a montaria seguir a meio galope pelas ruas, e enquanto rumava para o lugar onde Jouvett fora visto pela última vez, ia examinando telhados, pórticos e ruelas.

Nesse meio tempo, enquanto Marquet se distanciava da praça da catedral, Navarre dobrava outra esquina, aproximando-se ainda mais de seu encontro com o destino.

No interior da catedral, Phillipe abria caminho por entre os últimos grupos do clero reunido nos fundos da nave. Deslizou quietamente para trás de um pilar e se virou para examinar as portas maciças do templo. Ao lado de seu joelho, na base do pilar, um lobo de pedra, sentado nas patas traseiras, contemplava eternamente algo acima de sua cabeça.

Phillipe ergueu os olhos, curiosamente, e viu o falcão esculpido no capitel do pilar, de asas abertas e prontas para o vôo, imobilizado na pedra. Examinando as outras colunas que se enfileiravam por toda a vasta catedral, percebeu que eram todas circundadas por lobos de olhos erguidos, fitando em ânsia eterna falcões que não podiam voar. Os estandartes dos dias santificados, em seda negra e branca, salpicada de vermelho, pendiam suspensos diante dos pilares — as cores da Igreja, cores da vida e da morte.

Phillipe estremeceu e tornou a fixar-se nas pesadas portas da catedral, o rosto tomado pela determinação. As faces esculpidas de santos anônimos o espiavam silenciosamente de nichos ao longo das paredes. Pela primeira vez pôde realmente ver a fechadura, aquela que viera para abrir — de ouro cintilante, tão maciça e de tão sólida aparência quanto as próprias portas. E, igualmente, tão evidente. Phillipe deixou a cabeça cair contra o pilar, fechando os olhos por um longo momento. Em seguida, inclinando-se, tirou a adaga da bota novamente, com um suspiro resignado.

Atrás dele, toda a congregação se ajoelhava para uma prece de resposta. Encolhendo-se, ele cruzou rapidamente o espaço aberto até a porta. Enfiou a ponta da adaga no buraco da fechadura e começou a tatear pelo mecanismo interno.

Nesse ínterim, Marquet seguia lentamente em seu cavalo para outra rua da cidade, aproximando-se do ponto em que Jovet fora visto pela última vez. Tornou a olhar para mais uma das aléias intermináveis que surgiam ao seu lado. De repente fez o cavalo estacar com brusquidão, de cenho franzido, virando-se para aquele beco. Entrou nele e, em seu final, encontrou a carroça abandonada que lhe chamara a atenção e o corpo de Jovet. Desmontou e arrancou a flecha do peito do cadáver. Estudou o acabamento de penas e a ponta sanguinolenta. Então, saltou para a sela e fez o cavalo galopar para fora do beco, em direção á catedral, agora sentindo nas entranhas uma certeza mortal.

Atrás dele, na aléia vazia, Imperius observava de um pórtico em sombras, com o falcão empoleirado no braço e o rosto contraído de preocupação.

Phillipe trabalhou desesperadamente na fechadura, sem chegar a nenhum resultado. O

mecanismo era muito grande e forte para a lâmina fina de sua adaga movimentar.

Contudo, não podia falhar agora... não ousaria. Se apenas tivesse mais alguns minutos, sem ser interrompido...

Atrás dele, terminada a prece, a congregação levantou-se. Phillipe empertigou-se e se virou para diante, as costas contra a porta. Todo o clero se voltava para o altar, inclusive o Bispo. Ele enxugou na manga o suor do rosto e se virou de novo, voltando a sondar implacavelmente a fechadura.

Havia, no entanto, um homem entre a congregação que não se concentrava no altar.

O escolta do Bispo permanecia discretamente a um lado, sua espada de lâmina curta escondida entre as vestes, o olhar vasculhando a multidão. Seus olhos arregalaram-se com súbito interesse à visão inesperada de alguém que permanecia entre as sombras, perto da entrada. A figura estava parcamente iluminada, mas ele enxergava o suficiente para perceber que, fosse quem fosse, tinha as costas viradas para o altar. Com a mão pousada no punho da adaga, o guarda-costas começou a deslizar lenta e imperceptivelmente pela orla da multidão murmurante, encaminhando-se para os fundos da catedral.

Em seu cavalo, Navarre desembocou na praça da catedral, saindo de uma rua lateral.

Fez o garanhão parar e ficou imóvel, estudando a visão familiar das paredes de pedra do templo, arqueadas e curvas, a tropa de elite dos guardas a cavalo, espalhando-se em leque pela praça à sua frente. Viu os rostos dos homens ficarem petrificados de incredulidade ao darem com ele; percebeu como se entreolhavam, com súbita incerteza. Conhecia a maioria daqueles rostos tão bem como era conhecido por eles.

— Navarre... Navarre...

Ele ouviu seu nome espalhar-se de homem para homem, como um suspiro. Não viu Marquet em lugar algum e isso o deixou levemente desapontado. O lugar-tenente encarregado, um jovem de rosto inexperiente que ele não reconheceu, olhava para a direita e para a esquerda, em franca angústia, enquanto procurava inutilmente por seu capitão.

Navarre avançou. A prenda de Isabeau flutuou vivamente contra sua manga negra, quando ele fez o garanhão cruzar a praça silenciosa. Tornou a soffrear o animal ao chegar a menos de seis metros de distância da linha dos guardas.

O tenente engoliu em seco, visivelmente, com os olhos cravados no capacete alado de Navarre.

— Entregue sua espada, Navarre! — disse ele, com louvável determinação, finalmente encarando o recém-chegado. — Depois desmonte! Você é... meu prisioneiro!

Sua voz terminou em um tom débil, quando Navarre também o encarou, sem se mover de onde estava. O tenente olhou sobre o ombro, como se não muito convencido da maneira como seus homens responderiam ao que lhes ordenasse.

Navarre perscrutou a fileira de guardas e todos olhavam para ele, com a indecisão estampada nos rostos tensos. Respirou fundo.

— Como seu capitão que fui — disse ele — e como tornarei a ser, pela Graça de Deus, como um homem que tratou com respeito cada um de vocês, peço que me deixem passar.

A linha dos homens não se moveu, porém ele viu espadas que se abaixavam tranquilamente, a tensão que diminuía em rosto após rosto. Tornou a avançar.

— Pare onde está! — gritou roucamente o jovem tenente. Navarre não parou. As mandíbulas do tenente estremeeceram.

— Estou cumprindo ordens!

Navarre seguiu em frente. Subitamente o tenente ergueu a espada e esporeou o cavalo, fazendo-o avançar. Navarre girou a espada quando o outro homem investiu em sua direção e, sem a menor dificuldade, aparou o golpe do tenente. A seguir, empurrou o punho da espada no estômago do jovem oficial, desmontando-o da sela. Ao mesmo tempo, com sua esquerda arrancou a espada da mão do tenente, antes dele cair. O homem caiu esparramado no pavimento duro e ficou gemendo, de dor e surpresa.

Navarre atirou a espada capturada ao solo da praça, em direção aos guardas enfileirados. Ficou esperando, de cabeça erguida, os olhos ardentes.

A fileira de guardas dividiu-se silenciosamente, abrindo-lhe caminho até as portas da catedral. Com o olhar fixo em frente, Navarre instigou Golias, e o garanhão seguiu para a entrada à espera.

Atrás das portas, Phillipe manejava a fechadura freneticamente, quando sons amortecidos de desafio e batalha chegaram até ele, vindos da praça lá fora. Seus ouvidos captaram o rumor de cascos ferrados reunindo nos degraus de pedra da catedral — e também o rangido suave de uma espada sendo desembainhada às suas costas.

Virando-se, ficou boquiaberto ao ver o corpulento guarda-costas do Bispo agigantando-se quase sobre ele, com a espada elevando-se acima de sua cabeça. Enterrou a lâmina na fechadura, em um último e desesperado esforço.

O mecanismo da fechadura se abriu com um estalido. Phillipe atirou-se de lado, com um grito de triunfo e terror, no momento em que o guarda-costas investia para diante.

As portas se abriram de par em par, bruscamente, quando Golias se empinou nas patas traseiras e empurrou as dianteiras, forçando a madeira. Uma das folhas maciças da porta esmagou a cabeça do guarda-costas, atirando-o inconsciente ao solo. Montado no garanhão, Navarre entrou na catedral.

O silêncio ficou palpável, quando a multidão de religiosos se virou para fitar Navarre, todos eles embasbacados, consternados e sem entender o que sucedia. O Bispo se virou lentamente do altar, com os olhos fixos naquele cavaleiro trajado de negro, que permanecia imóvel e silhuetado contra a entrada de seu santuário. Seus olhos pálidos piscaram e tornaram a piscar várias vezes, recusando-se a aceitar a realidade da visão que tinham à frente.

Navarre incitou Golias para o interior do templo. As patas do animal pisotearam o chão com um eco surdo, em meio ao silêncio torturante da nave, enquanto cavalo e cavaleiro aproximavam-se do Bispo.

Phillipe deixou de seguir Navarre com os olhos e, pela porta aberta, examinou o céu, em busca de algum sinal da mudança prometida por Imperius. O firmamento estava coberto de nuvens, mais escuras do que ele jamais vira. Ao ouvir a aproximação de outro cavaleiro, tornou a baixar os olhos e então viu que Marquet entrava na praça com a montaria a galope, a qual sofreu bruscamente para, em um só olhar, captar tudo quanto ocorrera ali. Fincando as esporas nas ilhargas do animal, ele arremeteu para a entrada da catedral, com olhos injetados de sangue.

Phillipe abriu caminho a cotoveladas e esgueirou-se pela porta. Uma vez fora da catedral, cruzou a praça em disparada, na direção do amontoado de ruas mais além.

CAPÍTULO 20

Navarre fez seu garanhão dar meia-volta, ao ouvir Marquet entrando montado na catedral. O Capitão da Guarda fez sua montaria parar bruscamente logo após a entrada e então os dois homens encararam-se, com olhos impregnados de ódio, cada qual sabendo ser aquela a última vez que um deles enfrentaria o outro. Os dois garanhões corcovaram, pisoteando as lajes lisas do piso, captando a tensão dos respectivos cavaleiros e esperando o sinal para arremeterem.

O cavalo cinza de Marquet empinou-se subitamente nas patas traseiras e investiu para diante. Golias empinou-se também, a um sinal de Navarre, que ergueu a espada e avançou ao encontro do inimigo.

O clero ali reunido dispersou-se em meio a uma incredulidade mesclada ao pânico, quando os dois guerreiros transformaram a catedral em campo de batalha. Navarre atacou Marquet com ferocidade, assim que os cavalos de ambos encontraram-se. O Capitão da Guarda aparou o golpe e fagulhas voaram pelos ares, no choque de aço contra aço.

Um ódio sombrio pairava nas pupilas de Marquet, quando ele ergueu a espada, visando o capacete de asas douradas de Navarre. Este também ergueu prontamente sua espada, desviou a lâmina do outro para um lado e revidou o ataque, antes que Marquet recuperasse o equilíbrio. Investiu, visando a garganta de seu adversário. Marquet levantou o braço e sua sobre-camisa de cota de malhas desviou o golpe, mas Navarre percebeu a fina e recente linha vermelha que lhe manchava a manga branca. Fugazmente, refletiu que os perplexos sacerdotes que os observavam boquiabertos, a cada lado, não faziam a menor idéia do motivo pelos quais eles lutavam ali dentro. Que invocassem o testemunho de Deus e breve saberiam que tipo de injustiça o impelira a praticar um homicídio na casa do Senhor...

Phillipe corria pelas ruas tortuosas da cidade, em busca do beco que Imperius lhe descrevera, o lugar onde encontraria escondida a carroça do monge. O céu escureceu ainda mais enquanto ele corria, até dar-lhe a impressão de que o crepúsculo ganhava corpo, nas ruelas estreitas e

apinhadas. O próprio ar ficava mais frio. Tornou a observar as nuvens com expressão ansiosa; nunca vira antes um céu igual àquele.

Por fim, alcançou a esquina que estivera buscando e correu pelo beco abaixo. Parou de súbito, ao ver o guarda morto e a carroça vazia. Não havia sinal de Imperius ou do falcão. Não importava — quem agora precisava de sua ajuda era Navarre. Phillipe caiu de joelhos e engatinhou debaixo da carroça. Seu rosto tenso distendeu-se em um sorriso, quando a mão encontrou a empunhadura da espada de Navarre, presa às tábuas de um canto, onde a escondera duas noites antes. Libertou-a com um puxão. Depois, mantendo-a junto ao corpo, percorreu correndo o beco em sentido inverso, a caminho novamente da catedral.

Dentro da catedral, Navarre mergulhou para Marquet, preparando-se para o choque, quando o outro tornou a aparar seu golpe. Ambos agora sangravam de ferimentos de pouca monta, mas nenhum deles podia lançar-se a um ataque decisivo. Ofegando pelo esforço, ele reconheceu, taciturnamente, que um estava à altura do outro. Percebia a fagulha de fanatismo e medo por sob o ódio nos olhos de Marquet — e soube o que impelia Marquet àquela batalha, quase tão inexoravelmente como a necessidade de vingança impelia ele próprio. Marquet, contudo, não era seu verdadeiro inimigo, mas somente um obstáculo que agora devia transpor, para alcançar o Bispo. Não podia perder aquela chance única.

Voltou a atacar Marquet, com toda a fúria assassina de sua obsessão. Conseguiu ultrapassar-lhe a guarda e o punho de sua espada atingiu o capacete de Marquet, desequilibrando-o na sela. Golias corcoveou contra o garanhão cinza, cavalo e cavaleiro movendo-se instintivamente como uma só criatura. A lâmina da espada de Navarre se chocou ruidosamente contra a de seu adversário. Marquet caiu da sela, o capacete e a espada voando pelo piso. Seu cavalo disparou pela nave abaixo.

Navarre fez Golias girar, levantando a espada para o golpe que liquidaria Marquet.

Entretanto seus olhos captaram um movimento inesperado nos fundos da catedral.

Erguendo o rosto, viu que o guarda-costas do Bispo corria aos tropeções para o campanário não vigiado, a fim de repicar o toque de alarme.

Esquecendo Marquet, Navarre forçou Golias a recuar, quando viu o guarda-costas estender os braços para as cordas. Em desespero, puxou sua

balista da sela, fez pontaria e atirou. A flecha atingiu o alvo e o homem caiu com um grito. Ao cair, no entanto, seu corpo enrolou-se nas cordas e o sino começou a soar.

Navarre ficou transido de horror ao ouvir o toque de alarme, percebendo o que tinha feito — recordou quem mais ouviria o toque daqueles sinos e executaria suas ordens finais.

— Não, Imperius! — bradou, como se sua voz pudesse sufocar o som dos sinos. — Não!

Imperius ficou hirto na escuridão da soleira onde se refugiara. Os sinos da catedral soavam através da cidade, dando o toque de alarme. Navarre fracassara... ambos haviam fracassado. O velho monge encolheu-se contra a parede, ouvindo o som que rezara para nunca ouvir. Olhou para o falcão encapuzado que se empoleirava cegamente em sua manga, para a adaga que tinha na outra mão... Seus olhos ficaram turvos.

— Senhor Deus Todo-poderoso — murmurou, com voz trêmula. — Não compreendo por que esta bela criatura deveria pagar com a vida por seus pecados. Nunca pretendi prejudicar ninguém e, no entanto, quanto mal causei! Teus ouvidos estão surdos para mim, porém peço a Ti que ouças as últimas batidas do coração desta boa mulher e do homem a quem ela amou, concedendo a eles os lugares que merecem no Reino dos Céus.

Com mão vacilante, levantou a adaga, voltada para o peito do falcão... e depois ergueu os olhos uma última vez, pesquisando o céu carregado, em busca de um sinal.

Além dos tetos da cidade, nas alturas acinzentadas do firmamento, surgia uma diminuta nesga azul, quando as nuvens começaram a afastar-se.

Navarre ficou imobilizado sobre a sela, durante um momento que pareceu eterno, atordoado pela dor. Marquet ergueu-se e engatinhou pelo chão à procura de uma arma.

Encontrou seu capacete caído, apanhou-o e em seguida o atirou contra o adversário.

Navarre voltou subitamente à realidade, fez uma finta rápida com o corpo e esquivou-se à trajetória do capacete, que vinha direto à sua cabeça. Ouviu algo estilhaçar-se a grande altura. Olhou em torno e depois ergueu os olhos, quando então viu o chuveiro de vidro colorido, um arco-íris que caía, porque o capacete acertara o vitral da rosácea, acima das portas da catedral. Navarre ofegou. Pelo buraco denteado do vidro, brilhava uma nesga de vivido céu azul... e a face do sol, quase inteiramente coberta pelo disco da

lua. Sentiu-se tomado por respeitoso temor, enquanto contemplava o sol eclipsando-se.

Via, afinal, aquilo que nunca acreditara poder ver ainda vivo: um dia sem noite, uma noite sem dia...

Ouviu as exclamações e gritos dos sacerdotes aterrorizados, quando uma boa parte deles correu da catedral para a praça que escurecia. Os sinos continuavam a dobrar, anunciando o dia do Juízo Final... recordando-lhe que aquele momento finalmente chegara, um instante tarde demais.

Navarre se virou para o altar, onde o Bispo permanecia aferrado a seu báculo, sozinho e sem vigilância. A boca do homem se repuxava para trás, em um ricto de sorriso que poderia ser de medo ou de cruel zombaria. Navarre nada mais viu; nada mais passou por sua cabeça. a não ser a necessidade de reclamar sua vingança.

— Maldito! — bradou furiosamente. Era uma maldição e uma promessa. — Maldito sejas no inferno!

Fincou esporas e o garanhão negro saltou para diante, na direção do altar. Ao perceber a intenção de Navarre, Marquet arrancou do encaixe o mastro de um estandarte preto e branco. Correndo para o adversário, firmou a ponta do mastro no piso e saltou pelo ar, indo chocar-se contra o lado de Navarre.

Navarre caiu do cavalo e os dois homens estatelaram-se pesadamente sobre as lajes do piso. Navarre lutou para ficar de pé, agora perdido o capacete, juntamente com sua espada. Engatinhou pelo chão em busca de sua arma, quando Marquet encontrou a própria espada e a aferrou. O Capitão da Guarda cambaleava de exaustão, porém ele não estava em melhores condições. Navarre empunhou a adaga, preparada para o ataque, enquanto apanhava sua espada e se virava para enfrentar Marquet.

Os sacerdotes que não tinham corrido para a praça continuavam amontoados entre os pilares das arcadas, orando para serem salvos do fim do mundo ou fitando boquiabertos os dois lutadores, como meros espectadores de um espetacular combate.

Navarre concentrou-se em Marquet, apelando para todos os truques brutais aprendidos em batalha, usando a espada, a adaga e os punhos, desesperado para encerrar a luta, antes que o momento em que deveria enfrentar o Bispo se passasse e ficasse perdido para todo o sempre.

Marquet revidava da mesma forma, porém agora lutava por sua vida e Navarre percebeu que ele começava a ter medo. Continuou atacando

sem trégua, forçando o Capitão da Guarda a recuar cada vez mais, até finalmente acertar-lhe o queixo com a empunhadura da espada e um soco. Marquet caiu de joelhos.

Assustado pela multidão tomada de pânico, o garanhão de Marquet voltou da entrada do templo e intrometeu-se entre os dois, se chocando contra Navarre. Este foi jogado ao chão, a espada voou-lhe da mão e bateu contra o piso, em reunidos metálicos. Marquet olhou para o Bispo, com um sorriso cruel de triunfo espalhando-se no rosto.

— Mate-o! — bradou o Bispo. — Mate-o!

Marquet saltou para diante. Navarre esforçou-se para ficar em pé, enquanto via sua espada fora de alcance, partida em dois pedaços. Um súbito e estridente assobio chamou-lhe a atenção para a obscurecida entrada da catedral. Phillipe estava lá, segurando uma espada de lâmina larga, que em seguida jogou para ele, atirando-a pelo piso.

Incrédulo, Navarre viu que era a espada de seu pai — a mesma que julgara perdida para sempre, além de qualquer esperança. Engatinhou para ela, mas Marquet estava à sua frente e barrou-lhe o caminho. O pé do Capitão da Guarda disparou para diante, acertando seu rosto em cheio e jogando-o para trás. De pé, ao lado do inimigo caído, Marquet ergueu sua espada bem alto.

— Você está morto, Navarre! — sibilou.

A espada desceu velozmente, mas Navarre conseguiu escapar no último segundo, rolando para um lado. A lâmina colidiu contra o piso, arrancando diminutos fragmentos de pedra, lançados pelos ares. Navarre tornou a rolar de volta, imobilizando a lâmina com o corpo e assim afrouxando a pressão da mão de Marquet. Suas próprias mãos se fecharam sobre a empunhadura e ele arrancou a espada com um puxão, girando-a no mesmo movimento e enterrando-a no peito do outro.

O corpo de Marquet se dobrou em agonia e caiu no chão, ao lado dele. Navarre se levantou com esforço, a respiração ofegante.

— Quem está morto agora? — murmurou em tom ácido, fitando o corpo imóvel de Marquet.

Navarre cumprira o prometido a Deus. Virou-se para Phillipe, que continuava parado à entrada com os olhos arregalados, depois contemplou a rosácea, onde a face do sol havia desaparecido por completo. Inclinou-se para recolher a espada de seu pai e então deu meia-volta, a fim de encarar o Bispo. Agora, cumpriria a última promessa.

O Bispo estava parado diante do altar, olhando com estupefação para a face negra do sol e para ele. Navarre cruzou em largas passadas todo o comprimento da catedral em direção ao altar, de espada em punho.

CAPÍTULO 21

Navarre caminhou para o Bispo, cego e surdo aos rostos que o fitavam e aos sussurros atordoados a cada lado, obcecado pela ânsia que vinha do mais fundo de sua alma e agora o consumia por inteiro.

O Bispo parecia uma estátua de gelo cintilante, à luz das velas. Segurava o báculo ereto quando Navarre parou diante dele, à distância de uma espada.

— Mate-me, Navarre — avisou em voz insegura -, e a maldição continuará para sempre!

A mão de Navarre se crispou no punho da espada, quando os músculos se retesaram para o golpe.

— Pense em Isabeau! — gritou o Bispo. Navarre o encarou, com olhos apáticos.

— Ela está morta.

O Bispo abriu a boca. Navarre viu o terrível vazio de sua própria perda espelhado nos olhos do Bispo. Sua angústia efervesceu em súbito ódio e ele ergueu a espada.

— Navarre!

Navarre parou, o braço imobilizado no ar, ao captar interiormente a memória do som de uma voz que imaginara nunca mais ouvir. Virou-se.

Isabeau estava parada à entrada da catedral, emoldurada pela escuridão — viva e radiante pela surpresa ante o milagre que subitamente a libertara. Usava o mesmo vestido de seda azul-lavanda com que a vira pela última vez, antes que a maldição os envolvesse.

Era o vestido que ele levava consigo e guardara para ela, naqueles dois últimos anos.

Tocou a tira de seda azul atada em torno de seu Maço, olhando para ela. Os olhos de Isabeau cintilavam de amor ao ver-lhe o rosto. Tinha-os fixos nele e piscava como uma cega que, repentinamente, recuperava a visão.

Navarre a contemplou, petrificado, durante o interminável momento em que ela começou a caminhar em sua direção. Isabeau movia-se

lentamente, como que ainda incerta sobre a própria realidade, mas seu sorriso aumentava a cada passo que a deixava mais perto dele. Navarre embriagou-se naquela visão, como o homem perdido no deserto, que finalmente alcançava o mar.

Então, ele se virou para o Bispo. Sua mão enluvada e ensangüentada o agarrou pelo pulso, manchando-lhe a alvura imaculada das vestes. A ponta da espada foi fortemente pressionada contra o peito do homem.

— Olhe para mim — disse Navarre, em voz terrível. — Olhe para mim!

O Bispo obedeceu, de olhos esbugalhados, tomados pelo medo.

— E agora — acrescentou Navarre — olhe para nós!

Agarrou o queixo do Bispo e o obrigou a girar a cabeça, até vê-lo encarar Isabeau.

Isabeau olhou para eles, ainda aproximando-se do altar. A meio caminho do comprimento da catedral, um feixe de luz solar bateu no piso, diante dela, quando o sol começou a emergir de trás da face da lua, além da rosácea estilhaçada.

Isabeau hesitou, de olhos ensombrecidos pela dúvida, mas logo reiniciou a caminhada, passo a passo, com ar decidido. Navarre conteve a respiração e percebeu que o Bispo se retesava, sob o aperto de sua mão. No extremo oposto da catedral, Phillipe e Imperius seguiam com os olhos a trajetória de Isabeau; o monge persignou-se em silêncio.

O fecho de luz ganhou volume assim que Isabeau penetrou nele. Toda ela fosforesceu, absorvendo a claridade, foi envolvida em cheio pelo clarão, naquele instante em que o tempo se imobilizou... e transpôs o cone luminoso. Tornou a piscar, admirada.

Chegou diante deles, radiante pela luminosidade solar, o sorriso acentuando-se, ao constatar que, real e irrevogavelmente, era humana outra vez.

Navarre a contemplou com um misto de temor e respeito, porque também percebia que, por fim, a esperança se concretizava. Desceu os degraus do altar e foi ao seu encontro. Quando a alcançou, ficou de joelhos e tomou-lhe as mãos.

Isabeau apertou-se contra ele, confirmando a realidade de ambos. Então, soltando as mãos, passou ao seu lado e caminhou para o altar, em

direção ao Bispo. Seus olhos ardiam de intenso triunfo, ao encontrarem as pupilas fixas e pálidas de seu torturador.

Parando diante dele, encarou-o com firmeza e abriu a mão. Em sua palma estavam as peias que mantêm um falcão cativo. Isabeau as deixou cair aos pés do homem, tendo no rosto a mais fria expressão de desprezo. Depois, dando-lhe as costas, começou a afastar-se do altar.

Atrás dela, os olhos do Bispo ficaram negros de um ódio que era puro fanatismo.

Tocando a base do báculo com o pé, ele deixou exposta a lâmina de aço, oculta na extremidade metálica. Então, dando um passo à frente, ergueu o báculo como se fosse uma lança.

— Navarre! — gritou Imperius, do fundo da catedral. — Cuidado!

Navarre deixou de contemplar Isabeau e viu o Bispo, com o báculo erguido no ar, atrás dela. Rápido, levantou o braço e lançou a espada de seu pai contra o altar, com toda a força que pôde. A lâmina afiada perfurou o coração do Bispo, empalando-o contra o altar e dando-lhe morte instantânea. Isabeau se virou e seus olhos abarcaram a cena, horrorizados. Olhou de novo para Navarre e então correu para ele, abraçando-o apertadamente dentro do círculo de luz solar, com o rosto enterrado em seu peito.

Um súbito rumor de espanto e temor encheu o paralisante silêncio em torno deles.

Navarre ergueu a cabeça e olhou para o altar. Seu olhar fixo mostrava incredulidade; Isabeau virou-se em seus braços e olhou também.

O Bispo desaparecera. As vestes que usara pendiam do altar, em uma espécie de cascata vazia. Em seu lugar, um lobo velho e descarnado enfrentava a congregação, com olhos assustados e amedrontados perscrutando a extensão da nave. O animal exibiu as presas amareladas, ao afastar-se do altar e sair correndo pela nave da catedral, executando um amplo arco ao passar pelo fecho de luz em torno de Navarre e Isabeau. Escafedeu-se por entre o círculo de sacerdotes emudecidos e boquiabertos, com o rabo entre as pernas passou em disparada ao lado de Phillipe e desapareceu pelas portas escancaradas.

Navarre tornou a apertar Isabeau contra si, abraçando-a estreitamente. O círculo luminoso aumentou em torno deles, expandindo-se como a fulgurante alegria dos dois.

Ela riu, deliciada, quando Navarre a ergueu no ar e rodopiaram juntos, girando e girando na atmosfera dourada. Ele tornou a colocá-la no chão e voltou a abraçá-la, sentindo-a cálida e real contra seu coração. Depois beijou-a profundamente, interminavelmente, os dois corpos não mais separados como o dia e a noite, mas unidos naquele momento, da mesma forma como eram unas suas almas.

Phillipe passou os braços em torno de Imperius, apertando o velho monge em extasiada congratulação, enquanto contemplava Isabeau e Navarre, finalmente abraçados.

Imperius estava muito orgulhoso. Phillipe puxou-lhe a cabeça descabelada para baixo e o beijou, sorridente. Nas laterais da catedral, Phillipe viu que os sacerdotes reunidos também sorriam, de rostos aliviados e comemorando, ao verem o casal feliz que se abraçava, envolvido pela luz do sol — sabendo que haviam testemunhado a derrota do mal e o triunfo da fé, a vitória do amor.

Isabeau e Navarre terminaram o beijo e separaram-se, mas suas mãos ainda os mantinham unidos. Ela se virou para a entrada da catedral e lá avistou Phillipe; por um breve momento, seu alegre sorriso pertenceu inteiramente a ele.

O rosto do rapaz ficou radiante, quando um súbito e cintilante orgulho o invadiu.

Extasiada, com expressão transbordante de amor, cheia da maior felicidade, Isabeau piscou-lhe um olho.

Phillipe baixou o rosto, ruborizado; quando tornou a erguê-lo, piscou em resposta — e encontrou os olhos de Navarre, que o fitavam com frieza. O sorriso morreu-lhe subitamente na boca, mas até perceber que Navarre começava a rir com vontade. Então tornou a sorrir, seu sorriso agora mais amplo do que antes. Viu que Navarre e Isabeau retomavam o abraço e se beijavam de novo, envoltos pelo chuvaire de luminosidade dourada — e seu sorriso aumentou ainda mais, a ponto de fazê-lo imaginar que nunca cessaria.

Naquele momento, Phillipe se sentia feliz como nunca em sua vida, e, doravante, cada novo momento de sua existência teria que ser medido por aquele. Afinal, ele tinha vivido o sonho... e, graças a ele, o sonho se tornara realidade.

EPÍLOGO

Parado na estrada, ao lado da carroça de Imperius, Phillipe seguia Isabeau e Navarre com os olhos, já bem distantes dali, a cavalo. Destacando-se no alto da montanha, muito acima, os dois recortavam-se contra o fundo de nuvens douradas do final do crepúsculo, ao iniciarem sua jornada através das montanhas, em direção ao lar de Navarre. No devido tempo, voltariam ambos a Áquila, quando Navarre viesse servir a um novo Bispo, em seu legítimo posto como Capitão da Guarda. Por ora, entretanto, eles apenas queriam ficar algum tempo sozinhos, em paz. Suas montarias seguiam lado a lado, em preguiçosa caminhada, os animais quase se tocando e os dois tendo somente olhos um para o outro.

Juntos, olharam para trás uma última vez, em despedida. Phillipe ergueu a mão, sorrindo, enquanto Imperius olhava prazerosamente, de sua carroça. Quando Navarre e Isabeau tornaram a olhar para diante, a mão de Phillipe se abaixou e seu sorriso desapareceu, mas a ânsia persistia em seus olhos.

Imperius o contemplou, do alto da carroça, sacudindo a cabeça.

— Não se preocupe, ladrãozinho — disse, com suavidade. — A sua vez chegará... — Olhou para a estrada à sua frente, depois de novo para Phillipe. — Estou voltando à abadia. — Seu sorriso ampliou-se. — Quero descobrir de onde vem o vento. Posso deixá-lo em algum lugar, ao longo do trajeto?

Phillipe observou a estrada, ao ouvir o som de outra carroça aproximando-se.

Pestanejou, depois seus olhos se fixaram, com súbita fascinação. Um pequeno veículo aproximava-se deles, conduzido por uma jovem camponesa de rosto de anjo. Os compridos cabelos cor de mel caíam-lhe soltos pelas costas e despediam fulgores dourados, à claridade do sol poente.

— Em verdade — murmurou Phillipe, em tom ausente — estou indo para outra direção.

Imperius baixou os olhos para ele, com expressão firme, porém, gentil.

— Espero, com absoluta certeza, encontrá-lo nos portais do paraíso, ladrãozinho. -

Tornou a sorrir, acrescentando: — Não me decepcione!

Phillipe sorriu e acenou em despedida para o monge, quando a carroça começou a rodar desconjuntamente estrada abaixo. Virando-se, ele olhou para o alto da montanha.

A bola ígnea do sol desapareceu atrás do cume enquanto a contemplava e, de repente, uma súbita e familiar opressão encheu-lhe o peito.

No alto da montanha, a expressão de Navarre ensombreceu-se ao ver o sol afundar atrás dos picos mais altos. A mão de Isabeau agarrou-lhe o braço, em doloroso aperto, quando o mesmo pensamento não falado passou pela mente de ambos. Ela estava livre da maldição... mas estaria ele também?

Phillipe ouviu um lobo uivar, em algum ponto nas alturas. Fechou os olhos, subitamente incapaz de continuar olhando. Forçou-os a se abrirem de novo e repetiu uma prece silenciosa. Olhou para as montanhas, apreensivo. Seus olhos caíram sobre um cavalo sem cavaleiro e seu coração falhou uma batida, enquanto perscrutava a cadeia de montanhas. Um pouco além, divisou o garanhão negro — Isabeau e Navarre seguiam juntos em Golias, ela com os braços em torno dele, o rosto aninhado em seu peito.

Phillipe soltou um brado de triunfo e seu sorriso se tornou permanente, enquanto os olhos seguiam os dois caminhando para uma nova vida.

Ao ouvir o grito, Isabeau olhou para trás, na direção do vale, com um sorriso doce.

Tornou a fitar o rosto de Navarre, sentindo-se tomada por tamanha felicidade que mal acreditava não estar vivendo um sonho. Navarre beijou-lhe os cabelos com ternura, os olhos brilhando de contentamento.

Golias tropeçou na trilha pedregosa. Isabeau empertigou-se, levando a mão ao punho da espada de Navarre. Baixou os olhos quando seus dedos envolveram a empunhadura da espada e ela viu a esmeralda do anel do Bispo, que Phillipe engastara na concavidade vazia superior, como símbolo de uma aventura encerrada com êxito.

Sua mão ajustou-se confortavelmente em torno do punho familiar, com os dedos deslizando e tateando, até de repente tocarem uma súbita e nada familiar concavidade.

Olhou para baixo, curiosa, abrindo a mão. No lado oposto da empunhadura havia outra concavidade vazia. A esmeralda que o pai de Navarre engastara tinha desaparecido.

Navarre baixou o rosto, ao perceber a súbita respiração contida de Isabeau... e viu a concavidade vazia. Seus olhos arregalaram-se ao perceberem o significado daquilo, em seguida enchendo-se de afronta e consternação. Virando-se na sela, fitou furiosamente o vale cheio de sombras.

— Maldito seja, Gaston! Maldito seja!

Phillipe ergueu os olhos para as cores vividas do pôr-do-sol, ao ouvir o brado de Navarre, misturado à cascata cristalina do riso deliciado de Isabeau. Tornou a baixar o rosto, movendo-se um pouco mais para perto do corpo morno ao lado do seu, no assento da carroça. Ele tinha a esmeralda na palma da mão e contemplava os olhos da camponesa

— que eram da cor de safiras — arregalados de admiração.

— Foi de minha mãe — disse ele, em voz suave.

— É... linda... — sussurrou a jovem, fitando-o maravilhada, como Phillipe sempre soubera que fitaria.

— Em realidade — suspirou ele — é minha única lembrança dela...

Os dois seguiram juntos na carroça, em meio ao pôr-do-sol mais belo que ele já vira.

F i m